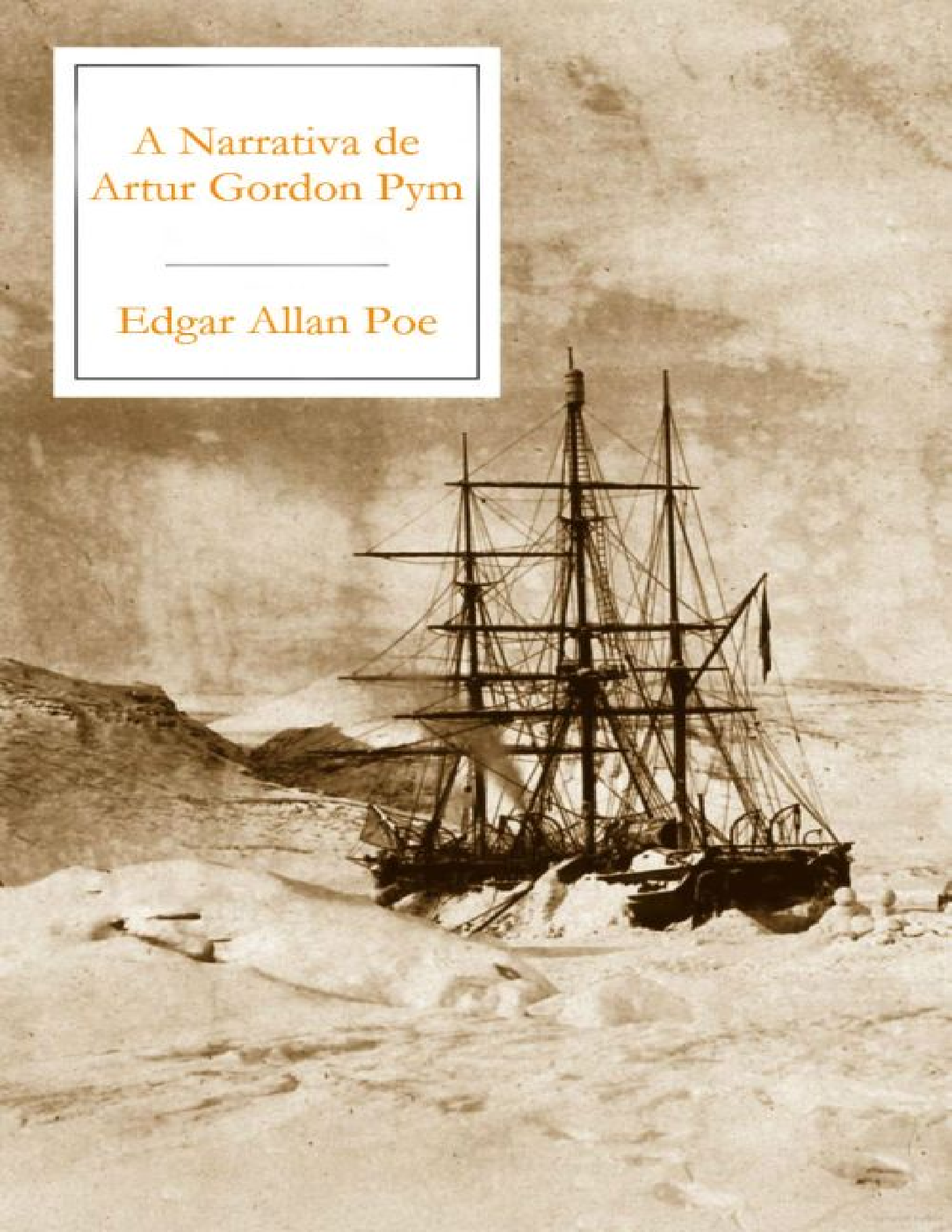
A Narrativa de Artur Gordon Pym

Edgar Allan Poe



EDGAR ALLAN POE

A Narrativa de Artur Gordon Pym

Tradução de
Oscar Mendes

Com a colaboração de
Milton Amado

Título original:
The narrative of
Arthur Gordon Pym
of Nantucket

EDITORA NOVA AGUILAR
RIO DE JANEIRO
1997

NOTA INTRODUTÓRIA

QUANDO regressei aos Estados Unidos, faz alguns meses, depois de extraordinária série de aventuras nos mares do sul e outros lugares, do que se dá um relato nas páginas seguintes, introduziu-me o acaso na companhia de vários cavalheiros de Richmond (Virgínia), que se sentiram profundamente interessados por todos os assuntos relativos às regiões que visitei e constantemente me instavam a publicar minha narrativa, dizendo ser um dever. Numerosas razões tinha eu, contudo, para declinar de fazê-lo, muitas das quais eram de natureza inteiramente particular e só a mim diziam respeito; outras, não tanto. Uma das considerações que me dissuadiam era a de que não havendo feito anotação durante a maior parte do tempo em que estive ausente, temia não ser capaz de escrever, valendo-me só da memória, uma narração bastante minuciosa e concatenada como para ter a *aparência* daquela verdade que realmente possuía, excetuados apenas os naturais e inevitáveis exageros a que todos nos inclinamos quando pormenorizamos acontecimentos cuja poderosa influência excita as faculdades imaginativas. Outra razão estava em que os incidentes a narrar eram de natureza tão positivamente maravilhosa que minhas asserções, sem o apoio que deviam necessariamente ter (a não ser o testemunho de um só indivíduo, e esse mesmo mestiço de índio), só me davam direito a esperar crédito entre minha família e aqueles meus amigos que, através da vida, haviam tido motivo para confiar em minha veracidade. O mais provável era que o público, em geral, encarasse o que eu lhe expusesse como tão só impudente e engenhosa ficção. Na desconfiança de minhas próprias habilidades como escritor residia, além

disso, uma das principais causas que me impediam de aceder às sugestões de meus conselheiros.

Entre esses cavalheiros, em Virgínia, que expressaram o maior interesse pela minha narrativa, mais particularmente com referência à parte que se relacionava com o oceano Antártico, achava-se o Sr. Poe, ultimamente diretor do *Southern Literary Messenger*, magazine mensal publicado pelo Sr. Tomas W. White, na cidade de Richmond. Ele vivamente me aconselhou, entre outras coisas, a preparar logo um relato completo do que vira e experimentara, confiando na sagacidade e no bom senso comum do público. E insistia, com grande plausibilidade, em que, por mais toscamente que, no referente a simples autoria, meu livro devesse estar adornado, sua verdadeira singularidade, caso a houvesse, dar-lhe-ia a melhor oportunidade de ser recebido como verídico.

Não obstante tal explicação, não me encorajei a fazer o que me sugeria. Mais tarde, ele me propôs (achando que eu não trataria do assunto) que lhe fosse permitido extrair uma narrativa, com suas próprias palavras, da primeira parte de minhas aventuras, com fatos que eu mesmo forneceria, a fim de publicá-la no *Southern Messenger* "sob o aspecto de ficção". Não tendo que objetar, consenti, estipulando apenas que meu nome real se mantivesse oculto. Em consequência, dois capítulos da suposta ficção apareceram no *Messenger* — janeiro e fevereiro de 1837 —, e, para que pudessem ser sem dúvida, encarados como ficção, o nome do Sr. Poe acompanhava esses artigos no índice do magazine.

A maneira pela qual o artifício foi recebido induziu-me, por fim, a empreender uma compilação regular das aventuras referidas, publicando-a; pois achei que, a despeito do aspecto de fábula que tão engenhosamente cercava a parte de minha narrativa, estampada no *Messenger* (sem alterar ou torcer um só fato), o público, em absoluto, não se achava disposto a recebê-la como fábula, e muitas cartas foram endereçadas ao Sr. Poe expressando precisamente a convicção do contrário. Concluí, assim, que os fatos de minha narração eram de molde a levar consigo suficiente evidência de sua própria autenticidade; por conseguinte, pouco havia a temer com respeito à incredulidade popular.

Isto exposto, ver-se-á logo que reivindico muito do que se segue como de minha própria autoria; e verificar-se-á também que nenhum fato foi falseado nas poucas primeiras páginas escritas pelo Sr. Poe. Mesmo para aqueles leitores que não viram o *Messenger* será desnecessário

apontar onde termina a parte feita por ele, e onde a minha começa; a diferença de estilo será percebida prontamente.

A. G. Pym
Nova York, Julho de 1838

CAPÍTULO I

MEU NOME é Artur Gordon Pym. Meu pai era respeitado comerciante dum dos armazéns da marinha em Nantucket, onde nasci. Meu avô materno era advogado de muita prática. Tinha sorte em tudo e especulara, com grandes resultados, em ações do Edgarton New Bank, como o chamavam outrora. Por esses e outros meios conseguira juntar ponderável soma de dinheiro. Gostava mais de mim do que de qualquer outra pessoa no mundo, creio que eu esperava herdar a maior parte do que ele possuía, por sua morte. Mandou-me, com seis anos de idade, à escola do velho Sr. Ricketts, cavalheiro que só tinha um braço, e de modos excêntricos. É muito conhecido de quase todas as pessoas que já visitaram Nova Bedford. Permaneci em sua escola até completar dezesseis anos, quando passei para a academia do Sr. E. Ronald, na colina. Ali, fiz intimidade com o filho do Sr. Barnard, capitão que geralmente viajava nos navios de Lloyd & Vredenburgh. O Sr. Barnard é também muito conhecido em Nova Bedford e tem muitos parentes, tenho certeza, em Edgarton. Seu filho chamava-se Augusto e era cerca de dois anos mais velho do que eu. Estivera numa viagem de pesca de baleia com seu pai no *John Donaldson*, e sempre me falava de suas aventuras no sul do oceano Pacífico. Acostumei-me a ir frequentemente com ele à sua casa e lá passar todo o dia, por vezes toda a noite. Ocupávamos a mesma cama e ele queria ter a certeza de que eu ficaria acordado até quase clarear, ouvindo-lhe as estórias dos nativos da ilha de Tinian e outros lugares que visitara em suas viagens. Por fim, não pude deixar de interessar-me pelo que ele dizia e, gradualmente, senti o maior desejo de fazer-me ao mar. Eu possuía um barco a vela denominado *Ariel*, que valia cerca de sessenta e cinco dólares. Tinha uma meia ponte ou camarote de proa e era armado em chalupa. Esqueci-lhe a tonelagem,

mas poderia conduzir dez pessoas sem muito aperto. Nesse barco tínhamos o costume de atirar-nos em extravagâncias das mais loucas deste mundo; e quando agora penso nelas, parece-me que o estar vivo hoje se deve a um milhar de prodígios.

Relatarei uma dessas aventuras como meio de introdução a uma maior e mais momentosa narrativa. Certa noite havia uma festa em casa do Sr. Barnard e tanto Augusto como eu estávamos não pouco embriagados lá para o fim dela. Como de costume em casos tais, partilhei de sua cama em lugar de ir para casa. Ele adormeceu, como pensei, muito calmamente (era quase uma hora quando a festa terminou) e sem dizer uma palavra acerca de seu assunto favorito. Podia haver decorrido meia hora desde que nos deitáramos e eu estava justamente a cochilar quando ele, de súbito, se ergueu e jurou, com terrível praga, que não iria dormir por causa de qualquer Artur Pym que houvesse na Cristandade quando havia tão magnífica brisa de sudoeste. Nunca eu estivera tão atônito em minha vida, sem saber que pretendia ele, a pensar que os vinhos e licores que ingerira o haviam posto inteiramente fora de si. Ele continuou a falar muito serenamente, contudo, dizendo saber que eu o supunha embriagado, mas que nunca estivera tão lúcido em sua existência. Estava apenas aborrecido, acrescentou, por ficar na cama como um cão, em noite tão bela e decidira-se a levantar-se e vestir-se para sair com o barco a divertir-se. Não posso dizer bem o que me dominou, mas mal acabara ele de falar tais coisas senti-me estremecer, na maior excitação e prazer, e considerei sua louca idéia como a mais deleitosa e razoável coisa do mundo. Ventava quase em tempestade e o tempo estava muito frio, achando-se já outubro adiantado. Saltei da cama, entretanto, numa espécie de êxtase e disse-lhe que era tão corajoso quanto ele, estando igualmente aborrecido por ficar na cama, como um cão, e inteiramente pronto para qualquer diversão ou maluquice como qualquer Augusto Barnard de Nantucket.

Não perdemos tempo em vestir as roupas e precipitamo-nos para o barco. Este repousava no velho ancoradouro fora de uso, junto ao estaleiro de construção Pankey & Co., e quase batia de lado contra os ásperos barrotes. Augusto entrou no barco e esvaziou-o, pois se achava pouco cheio de água. Isto feito, alçamos a bujarrona e a vela-mestra, que logo se fizeram pandas, e partimos audaciosamente mar afora.

O vento como já disse, soprava fresco do sudoeste. A noite era muito clara e fria. Augusto tomara o leme e eu fiquei junto ao mastro, no

tombadilho do castelo de proa. Corríamos em grande velocidade e nenhum de nós dissera uma palavra desde que tínhamos deixado o ancoradouro. Perguntei então a meu companheiro que rumo pretendia tomar e em quanto tempo achava provável que estaríamos de regresso. Ele assobiou, durante alguns minutos, e depois disse, com impertinência: "Eu vou mar afora. *Você* pode ir para casa, se achar melhor." Voltando os olhos para ele, percebi logo a despeito de sua propositada *nonchalance*, que estava altamente agitado. Podia vê-lo distintamente à luz da lua. Sua face estava mais pálida que mármore e sua mão estremecia tanto que mais podia manter firme o timão. Achei que algo não ia bem e fiquei seriamente alarmado. Naquele tempo eu pouco sabia acerca da direção de um barco e dependia inteiramente da habilidade náutica de meu amigo. O vento, também, subitamente aumentara de força, e estávamos quase perdendo a terra de vista. Eu ainda me envergonhava de demonstrar qualquer temor e, durante cerca de meia hora, mantive resoluto silêncio. Não podia, contudo, conservá-lo mais tempo e falei a Augusto acerca da conveniência de voltar. Como da vez anterior, ele levou perto de um minuto para responder ou dar a entender que ouvira minha sugestão. "Não há pressa pressa — respondeu por fim. — Há tempo de sobra. Não há pressa de ir para casa." Eu esperava resposta, mas havia algo no tom dessas palavras que me encheu de indescritível sensação de medo. De novo olhei para o interlocutor, com atenção, seus lábios estavam inteiramente lívidos e seus joelhos se agitavam tão violentamente que mal pareciam capazes de sustentar-se. "Deus do céu, Augusto! — gritei, já completamente apavorado. – Que é que *está* fazendo? O quê você tem? Está sentindo alguma coisa?" "Sentindo? — gaguejou ele, na mais aparente das surpresas caindo para a frente no fundo do barco. — Sentindo? Ora, não sinto nada... estou indo... para casa... você .... nã ... nã… não… não vê?" A verdade completa então me siderou. Corri para ele e levantei-o. Estava embriagado, bestialmente embriagado, não podia mais pôr-se de pé, falar ou mesmo ver. Tinha os olhos completamente embaçados; e como eu o soltasse, no auge de meu desespero rolou como um simples cepo na água do fundo de onde eu o erguera. Era evidente que, durante a noite, havia bebido mais do que eu suspeitara e sua conduta, na cama, tinha sido a consequência de um estado altamente concentrado de embriaguez — um estado que, como a loucura, freqüentemente habilita sua vítima a imitar os modos exteriores de alguém, na posse perfeita dos sentidos. A frialdade do

ar noturno, entretanto, exercera seu efeito habitual. A energia mental começara a ceder sob sua influência, e a confusa percepção que ele, sem dúvida, então tivera de sua perigosa situação contribuíra para apressar a catástrofe. Ele agora estava inteiramente insensível e não havia probabilidade de que recuperasse os sentidos durante muitas horas.

É pouco possível conceber a intensidade de meu terror. A tontura do vinho recentemente ingerido se evaporara, deixando-me duplamente tímido e irresoluto. Sabia que era inteiramente incapaz de dirigir o barco e que a violência do vento e a força dos vagalhões nos arrastavam à destruição. Era evidente que se armava uma tempestade por trás de nós. Não tínhamos bússola nem provisões. E tornava-se claro que, se mantivéssemos o rumo que levávamos, perderíamos a terra de vista, antes do amanhecer. Tais pensamentos, com uma multidão de outros igualmente atemorizantes, relampejavam-me na mente com selvagem rapidez, e por momentos me impediram qualquer possibilidade de esforço. O barco varara a água de modo terrível, velas infladas de vento — sem rizes a mestra e a bujarrona —, correndo com a proa completamente coberta pela espuma. Era mil vezes um milagre que ele não estivesse fazendo água. Augusto soltara o timão, como já disse, e eu estava agitado demais para pensar em segurá-lo. Felizmente, contudo, o barco manteve-se firme e pouco a pouco a pouco recobrei algum grau de presença de espírito. Ainda o vento se avolumava amedrontadoramente; e quando nos erguíamos de um mergulho à frente, o mar caía por trás rolando as ondas sobre nossa amurada e inundando-nos. Eu me achava tão extremamente entorpecido, em todos os membros, que quase não tinha consciência das sensações. Afinal, encorajei-me, numa resolução desesperada, e, correndo à vela-mestra, virei-a contra o vento. Como se podia esperar, ela voou sobre a proa e, ensopando-se de água, arrastou o mastro curto para fora de bordo. Só este último acidente me salvou de uma instantânea destruição. Tendo apenas a bujarrona, eu agora seguia violentamente, com vento de popa, navegando às vezes por ondas pesadas, mas liberto do terror da morte imediata. Segurei o leme e respirei mais livremente achando que ainda nos restava uma última oportunidade de salvação. Augusto ainda jazia insensível no fundo do barco; e como era iminente o perigo de que se afogasse (pois já havia água da altura de trinta centímetros precisamente no lugar onde ele caíra), esforcei-me para levantá-lo parcialmente, colocando-o em posição de sentar-se e passando-lhe em torno da cintura

um cabo que numa cavilha de argola no tombadilho da escuna. Tendo assim, arranjado tudo o melhor que podia em minha agitada e perturbada situação, recomendei-me a Deus e elevei o espírito, para enfrentar o que viesse a suceder com a possível fortaleza de ânimo.

Dificilmente chegara a esta resolução, e eis que, de súbito, alto e longo, um grito ou berro, como saído das gargantas de mil demônios pareceu invadir toda a atmosfera em volta e acima do barco. Jamais enquanto viver, esquecerei a intensa agonia de terror que experimentei naquele momento. Meus cabelos se puseram de pé, senti que o sangue se congelava nas veias, meu coração quase cessou de bater e, sem erguer sequer os olhos para conhecer a fonte do meu alarme, mergulhei, com a cabeça entre as mãos, paralisado corpo caído de meu companheiro.

Encontrei-me, voltando à vida, no camarote de um grande navio (O *Penguim*) sendo levado para Nantucket. Diversas pessoas se achavam junto de mim, e Augusto, mais pálido do que a morte se atarefava vivamente em esfregar-me as mãos. Ao ver-me abrir os olhos, suas exclamações de gratidão e alegria provocaram risos e lágrimas alternados nas pessoas de aspecto rude que ali se achavam. O mistério de nossa volta à existência foi explicado. Estivéramos correndo em direção ao navio baleeiro que se achava rizado abrindo caminho para Nantucket, com as poucas velas que se podia arriscar a soltar e, conseqüentemente, correndo quase em ângulo reto para nosso próprio rumo. Vários homens se encontravam na vigia de frente, mas só perceberam nosso barco quando era impossível evitar o abalroamento. Seus gritos de advertência, depois que nos viram, eis o que tão terrivelmente me alarmara. O enorme navio, contaram-me, passou imediatamente sobre nós, com facilidade igual à com que nosso barquinho passaria sobre uma pena e sem o menor empecilho perceptível à sua marcha. Nem um grito se levantou do tombadilho do barco vitimado; foi ouvido um som débil e áspero, misturado ao rugido do vento e das águas quando o frágil barco que se abismava roçou a quilha de seu destruidor. Mas foi tudo. Julgando que nosso barco (que se achava desmastreado, como lembrei) fosse penas algum casco, deixado a flutuar como inútil, o capitão (Capitão E. T. V. Block, de Nova Londres) decidiu prosseguir a viagem sem mais se incomodar com o assunto. Felizmente, houve dois dos vigilantes que juraram positivamente ter visto algumas pessoas em nosso leme e figuraram ainda salvá-las. Seguiu-se uma discussão em que rizou e, depois

de algum tempo, declarou que "não lhe competia ficar eternamente cuidando de cascas de ovo; que o navio não podia ser obrigado a tais tolices; e que se havia algum homem no mar, a culpa era dele e de mais ninguém; podia afogar-se e ir para o inferno", ou linguagem semelhante. Henderson, o primeiro-piloto tomou a questão a seu cargo, justamente indignado, como aliás toda a tripulação, por essas palavras, evidenciadoras de tal grau de atrocidade, sem coração. Falou simplesmente, vendo-se apoiado pelos marinheiros, e disse ao capitão que o considerava um sujeito digno da forca e que desobedeceria a suas ordens, ainda que por isso fosse enforcado quando pusesse pé em terra. Dirigiu-se para trás a passos largos, empurrando Block (que ficou palidíssimo e não deu qualquer resposta) para um lado e, tomando o leme, deu a ordem com voz firme: "Depressa a sota-vento!" Os homens voaram para seus postos e o navio, destramente, virou de bordo. Em tudo isso se gastaram mais ou menos cinco minutos e supunha-se dificilmente nos limites do possível que alguma pessoa pudesse ser salva, caso houvesse alguma a bordo do barco. Porém, como o leitor viu, Augusto e eu fomos ambos salvos: e nossa salvação parecia ter-se consumado graças a duas dessas inconcebíveis manifestações de boa sorte que os sábios e piedosos atribuem a uma interferência especial da Providência.

Enquanto o navio ainda se achava com os estais largados, o piloto fez descer o escaler e embarcou nele com os mesmos dois homens creio, que haviam dito ter-me visto ao leme. Mal acabavam eles de abandonar o sota-vento do barco (a lua ainda cintilava brilhante), quando este deu longa e pesada guinada na direção do vento e Henderson, no mesmo instante, pulando de seu barco, gritou para a tripulação que recuasse. Nada mais dizia, repetindo impacientemente seu grito de "recuar!". Os marinheiros retrocederam tão rapidamente quanto possível; a esse tempo, o navio fizera uma reviravolta e se lançara inteiramente fora de alcance, embora todos os homens a bordo fizessem grandes tentativas para colher as velas. A despeito do perigo da tentativa, o piloto agarrou-se às correntes de escota logo que as pôde atingir. Outro grande desvio fez com que o navio se levantasse da água, nitidamente, a ponto de mostrar a quilha, quando a causa da ansiedade de Henderson bastante óbvia. O corpo de um homem foi visto agarrado do modo mais singular ao fundo brilhante e polido (o *Penguim* era coberto e cavilhado de cobre), chocando-se violentamente contra ele a cada movimento do casco. Depois de diversos esforços

inócuos, feitos durante as elevações do navio, e com iminente risco de se afundar o bote, fui finalmente tirado de minha perigosa situação e levado a bordo — pois aquele corpo era o meu. Parece que uma das cavilhas de madeira se deslocara e abrira uma passagem através do cobre, detendo-me quando eu passava sob o navio e prendendo-me de modo tão extraordinário a seu fundo. A ponta da cavilha se introduzira entre a gola da jaqueta de baeta verde que eu vestia e a parte posterior de meu pescoço, comprimindo-se entre tendões, até mesmo debaixo da orelha direita. Fui imediatamente colocado numa cama, embora a vida, em mim, parecesse completamente extinta. Não havia médico a bordo. O capitão, contudo, tratou-me com todas as atenções, para desculpar-se, presumo, aos olhos da tripulação, pelo seu atroz comportamento na parte primeira desta aventura.

Por esse tempo, Henderson de novo deixara o navio, embora o vento soprasse então quase como um furacão. Não fazia muito que saíra, quando deu com vários fragmentos de nosso barco e logo depois um dos marinheiros que se achavam com ele assegurou que pudera distinguir gritos de socorro, a intervalos, em meio ao rugir da tempestade. Isto induziu os persistentes marinheiros a preservarem na busca por mais meia hora, embora o Capitão Block lhes fizesse repetidos sinais para voltarem e apesar de que cada momento passado no mar, em tão frágil escaler, fosse para eles repleto do mais iminente e mortal perigo. Na verdade, é quase impossível conceber como o barquinho em que se achavam pôde escapar um só instante à destruição. Fora construído, contudo, para serviço baleeiro e se achava provido, como tive razões para crer, com caixas de ar, à maneira de alguns barcos salva-vidas usados na costa de Gales.

Depois de procurar em vão durante o período supramencionado, determinaram regressar ao navio. Mal o haviam resolvido, porém, um fraco grito se se ergueu de um escuro objeto que flutuava rapidamente nas proximidades. Eles prosseguiram e logo o descobriram. Era o tombadilho inteiro do *Ariel*. Augusto se debatia junto dele aparentemente na última das agonias. Depois de recolhê-lo, viram que ele se achava ligado por uma corda às tábuas flutuantes. Essa corda, como se lembrarão, fora eu quem a atara em volta de sua cintura, prendendo-a a uma argola, a fim de conservá-lo numa erguida, e parece que, ao fazer isso, ultimara eu o meio de lhe preservar a vida. O *Ariel* era de fraca construção e, ao afundar, sua estrutura naturalmente se despedaçou. O tombadilho da escuna, como se podia esperar, foi inteiramente libertado das vigas pela força da água que

se arremessava contra ele e flutuou (com outros fragmentos, sem dúvida) na superfície. Augusto o teve como bóia e assim escapou a uma terrível morte.

Mais de uma hora se passou desde que fora levado a bordo do *Penguim*, até que ele pudesse fazer um relato ou dar a entender a natureza do acidente em que sucumbira nosso barco, afinal ele se tornou completamente senhor de si e falou muito de suas sensações enquanto se achava dentro da água. Depois de haver algum grau de consciência, achara-se sob a superfície, revoluteando e regirando com inconcebível rapidez e com uma corda enrolada apertadamente, em três ou quatro laços, em volta de seu pescoço. Um instante depois, sentiu-se rapidamente levado para o alto até que, batendo com violência a cabeça contra uma substância dura de novo recaiu na insensibilidade. Revivendo uma vez mais achou-se na mais completa posse do raciocínio; este se achava, contudo, confuso e nublado. Então, viu que se dera um acidente achava dentro da água, embora sua boca se encontrasse à superfície e pudesse respirar com certa liberdade. Possivelmente nesse período o tombadilho era impelido com velocidade pelo vento e arrastava-o em posse de si, a flutuar de costas. Naturalmente, enquanto pudesse manter tal posição, seria quase impossível que se afogasse. Depois uma onda o atirou, diretamente, de través no tombadilho e essa posição tentou manter gritando a intervalos por socorro. Justamente antes que fosse descoberto pelo Sr. Henderson fora obrigado a relaxar os músculos com que se agarrava, pela exaustão, e caindo ao mar, dera-se por perdido. Durante todo o período de que se debatera, não tivera a menor lembrança do *Ariel* ou de qualquer assunto correlato com a origem do desastre. Um vago sentimento de terror e desespero tomara inteira posse de todas as suas faculdades. Quando, afinal, foi recolhido, falhou todo o poder do espírito. E, como disse antes, foi necessária quase uma hora, depois que o levaram para bordo do *Penguim*, para que ele ficasse consciente de sua situação. Em relação a mim, eu ressuscitara de um estado limítrofe da morte (e depois que todos os outros meios que haviam sido tentados em vão, durante três e meia horas), graças a vigorosas fricções com flanelas banhadas em azeite quente, processo sugerido por Augusto. O aperto em meu pescoço, apesar de sua feia aparência não tivera consequências reais e eu logo me recobrei de seus efeitos.

O *Penguim* entrou no porto, cerca das nove horas da manhã, depois de haver encontrado uma das mais severas tempestades já experimentadas ao largo de Nantucket. Tanto Augusto como eu nos esforçamos para aparecer ao Sr. Barnard a tempo para o almoço, que felizmente foi algo tarde, em vista da festa da véspera suponho que todos à mesa se achavam por demais fatigados para notar nossa aparência maltratada; sem dúvida, não nos teria sido poupada uma inquirição muito severa. Os estudantes, contudo, podem realizar maravilhas de dissimulação e acredito piamente que nenhum de nossos amigos de Nantucket teve a mais leve suspeita de que a terrível estória narrada por alguns marinheiros que se achavam na cidade de que haviam passado sobre um barco no mar e afogado alguns trinta ou quarenta pobres-diabos tivesse relação com o *Ariel*, meu companheiro ou mesmo comigo. Ambos, depois disso, falamos freqüentes vezes do assunto, mas nunca sem um estremecimento de horror. Numa de nossas conversações, Augusto francamente confessou-me que, em toda a sua vida, jamais experimentara tão cruciante sensação de desmaio como quando, a bordo de nosso pequeno barco, descobriu, pela primeira vez, a extensão de sua embriaguez e se sentiu abismar-se sob sua influência.

CAPÍTULO II

EM NENHUMA questão de simples preconceito *pró* ou *contra*, deduziremos inferências com inteira certeza, ainda que dos mais simples dados. Poder-se-ia supor que uma catástrofe tal como a que acabo de relatar efetivamente esfriasse a minha incipiente paixão pelo mar. Pelo contrário; nunca experimentei mais ardentes anseios pelas ásperas aventuras que se prendem à vida dos navegantes do que uma semana depois de nossa miraculosa salvação. Esse curto período mostrou-se bastante prolongado para apagar de minha memória as sombras e fazer surgirem, a uma luz viva, todos os pontos de cor agradavelmente excitantes, todo o pitoresco do último e perigoso acidente. Minhas conversações com Augusto cada dia se tornavam mais freqüentes e mais intensamente cheias de interesse. Ele tinha um modo de relatar suas estórias do oceano (mais de metade das quais suspeito agora terem sido puras invenções), bem adaptado a equilibrar-se com meu entusiástico temperamento, bastante sombrio, apesar do brilho da imaginação. É estranho que ele mais fortemente me aliciava os sentimentos em favor da vida de marujo quando me descrevia seus mais terríveis momentos de sofrimento e desespero. Pelo fato fulgurante da pintura eu tinha limitada simpatia. Minhas visões eram de naufrágio e fome, de morte ou cativeiro entre hordas bárbaras, de uma vida arrastada entre lágrimas e tristezas sobre qualquer rocha cinzenta e desolada, num oceano inatingível e incógnito. Tais visões ou desejos — pois se acumulavam em desejos — são comuns, como estou certo, a toda a numerosa linhagem dos melancólicos, e, no tempo de que falo, eu as encarava como proféticas perspectivas de um destino que me sentia de algum modo impelido a realizar. Augusto penetrava inteiramente em meu estado de espírito. É

deveras provável que a nossa íntima comunhão tenha resultado em parcial câmbio de caráter.

Dezoito meses após a ocasião do desastre do *Ariel*, a firma Lloyd & Vredenburgh (casa ligada de algum modo, creio, com os Srs. Enderby, de Liverpool) se encarregou de reparar e preparar o brigue *Grampus* para uma viagem de pesca de baleia. Era um velho batelão que mal podia navegar, embora se lhe fizesse tudo quanto podia ser feito. Mal sei por que foi escolhido, de preferência a outros bons barcos, que pertenciam aos mesmos donos — mas o fato é que foi. O Sr. Barnard foi indicado para comandá-lo e Augusto iria com ele. Enquanto se aprontava o brigue, ele freqüentemente instava comigo acerca da excelente oportunidade que se oferecia para satisfazer meu desejo de viajar. De modo algum achou em mim um ouvinte de má-vontade, embora o negócio não pudesse ser tão facilmente arranjado. Meu pai não fez oposição; mas minha mãe dava chiliques à mera menção de tal intento; e mais do que tudo, meu avô, de quem eu muito esperava, ameaçou deixar-me sem um vintém se eu lhe expusesse de novo o assunto. Essas dificuldades, contudo, em vez de me abaterem o desejo, só acrescentavam combustível à chama. Decidi partir, apesar dos pesares; e, tendo feito Augusto conhecedor de minha intenção, conviemos em forjar um plano graças ao qual ela se pudesse realizar. Entrementes, evitei falar a qualquer dos meus parentes acerca da viagem e, como me ocupasse ostensivamente com os estudos usuais, supôs-se que eu abandonara o desígnio. Mui frequentemente examinei minha conduta nessa ocasião com sentimentos de desgosto, bem como de surpresa. A intensa hipocrisia de que usei para apoiar meu projeto — uma hipocrisia que preenchia todas as palavras e ações de minha vida, em tão longo período de tempo só me poderia ter sido tolerável em vista da ardente e selvagem expectativa com que olhava para a futura concretização de minhas longamente acariciadas visões de viagens.

Na prossecução de meus planos dissimulatórios, era eu obrigado necessariamente a deixar muito dos arranjos a Augusto, que se atarefava a maior parte do dia a bordo do *Grampus*, preparando as acomodações de seu pai no camarote e arrumando o porão. À noite, contudo, era certo que tivéssemos uma conferência e falássemos sobre nossas esperanças. Depois que cerca de um mês decorrera desse modo, sem acertar com qualquer plano que julgássemos capaz de ter êxito, ele me falou, afinal, que tinha decidido tudo quanto era necessário. Eu tinha um parente que morava em

Nova Bedford, um tal Sr. Ross, em cuja casa me acostumara a passar, ocasionalmente, três ou quatro semanas. O brigue deveria partir pelos meados de junho (junho de 1827) e fora combinado que, um dia ou dois antes de seu lançamento ao mar, meu pai receberia uma carta, como de costume, do Sr. Ross, convidando-me para passar uma quinzena com Roberto e Emmet (filhos dele) Augusto encarregou-se de escrever essa carta e enviá-la. Ora, tendo eu viajado, por suposto, para Nova Bedford, tinha então de apresentar-me a meu companheiro, que me obteria um esconderijo no *Grampus*. Esse esconderijo — assegurou-me ele — seria preparado de forma bastante confortável, para uma estada de vários dias, durante os quais eu não devia aparecer. Quando o brigue se encontrasse já tão longe, em sua viagem, que qualquer retrocesso se tornasse fora de discussão, eu poderia ser então, disse ele, solenemente, com todo o conforto, instalado num camarote; e, quanto a seu pai, ele apenas riria, de bom grado, com a peça. Bastantes navios poderiam ser encontrados e por eles mandaria uma carta explicando a aventura a meus pais.

Os meados de junho, afinal, chegaram e tudo tinha sido maduramente feito. A carta fora escrita e entregue e, numa manhã de domingo deixei minha casa, seguindo, como se supunha, para a embarcação de Nova Bedford. Contudo, fui ter com Augusto diretamente, ele me esperava, numa esquina. Nosso plano original consistia em que eu ficasse fora até o escurecer, introduzindo-me então no brigue mas, como houvesse então a nosso favor espessa névoa, concordamos em não perder tempo para esconder-me. Augusto caminhou para o cais e eu o segui, a curta distância, envolto numa grossa capa de marinheiro que ele trouxera consigo, de modo a que minha pessoa não pudesse ser facilmente reconhecida. Justamente havíamos virado a segunda esquina, depois de passar pelo chafariz do Sr. Edmundo, apareceu, olhando-me cara a cara, parado à minha frente, ninguém menos do que o velho Sr. Peterson, meu avô. "Ora, valha-me Deus, Gordon! — disse ele, depois de longa pausa — ora, ora, *de quem* é essa capa suja com que você está?". "Senhor — respondi, assumindo o melhor que podia na exigência do momento um aspecto de ofendida surpresa e falando no mais grosseiro dos tons imagináveis. — Senhor, está muito enganado! Minha nome, em primeira lugar, não ser absolutamente como Goddin, e espero que olhe melhor, sua cega, antes de chamar de suja, minha capote nova!" Palavra que eu mal podia refrear as gargalhadas ao ver a maneira estranha pela qual o velho recebeu essa hábil

repulsa. Recuou dois ou três passos, ficou primeiramente pálido e depois excessivamente vermelho, levantou os óculos, tornou a baixá-los, correu para mim, com o guarda-chuva erguido. Parou logo, contudo, na carreira, como ferido por súbita lembrança; e voltando-se, desceu a rua mancando, a sacudir-se todo de raiva e a murmurar entre dentes: "Veja só... óculos novos… pensar que fosse Gordon... diabos afoguem a porcaria do Long Tom."

Depois de escapar por um triz, prosseguimos com maior cuidado e chegamos a nosso ponto de destino a salvo. Só um ou dois dos marinheiros se achavam a bordo e mesmos esses ocupados adiante, fazendo qualquer coisa, no teto do castelo de proa. O Capitão Barnard como bem sabíamos, se achava na firma Lloyd & Vredenburgh e lá ficaria pelo menos até o amanhecer, de modo que pouco tínhamos a temer da parte dele. Augusto subiu primeiro, pelo lado do navio, e eu logo o segui, sem ser notado pelos homens que trabalhavam. Dirigimo-nos imediatamente para o camarote e não encontramos ninguém lá. Estava mobiliado no mais confortável estilo, coisa sobremodo rara em navios baleeiros. Havia quatro muito excelentes cabines, com leitos vastos e confortáveis. Havia também uma grande estufa, como notei, e um tapete notavelmente espesso e valioso que cobria o soalho, tanto do camarote como das cabines. O forro se achava a dois metros e dez centímetros de altura e, em suma, tudo parecia de um aspecto mais caseiro e agradável do que eu havia previsto. Augusto, contudo, apenas me concedeu pouco tempo para observações, insistindo sobre a necessidade de ocultar-me tão depressa quanto possível. Entrou em seu próprio camarote, que se achava do lado de estibordo do brigue, próximo dos tabiques. Depois de entrar, fechou a porta a chave. Julguei nunca haver visto um quarto mais lindo do que aquele em que então me achava. Tinha um comprimento de mais ou menos três metros e só uma cama, que, como disse antes, era confortável. Na parte do aposento mais perto dos tabique havia um espaço de um metro e vinte centímetros quadrados, contendo uma mesa, uma cadeira e um grupo de estantes penduradas, cheias de livros, principalmente livros de excursões e viagens. Haviam muitas outras coisas confortáveis no quarto, entre as quais não devo esquecer uma espécie de guarda-comida ou refrigerador, pelo qual Augusto me apareceu como um anfitrião, de lauta mesa, no que toca a escolha de alimentos e bebidas.

Ele depois, com os nós dos dedos, fez pressão sobre do tapete, num canto do espaço acima mencionado, deixando-me ver que uma parte do soalho, cerca de dezesseis polegadas, tinha sido nitidamente cortada e ajustada de novo. Sob sua pressão, essa parte levantou-se a um ponto suficiente para permitir passagem de seu dedo por baixo. Desse modo levantou ele a tampa do alçapão, ao qual o tapete ainda se achava pregado por tachas, e vi que ele levava ao porão de popa. Augusto então acendeu uma velinha com um pau de fósforo e, colocando a luz numa escura lanterna, desceu com ela pela abertura, ordenando-me que o seguisse. Assim o fiz, e ele então colocou a tampa por meio de um prego enfiado no lado inferior. O tapete naturalmente, voltou à sua posição natural no soalho do camarote e todos os traços da abertura ficaram ocultos.

A vela fornecia um raio de luz tão fraco que foi com a maior dificuldade que pude apalpar caminho através das massas de trastes entre as quais então me encontrava. Gradualmente, contudo, meus olhos se foram acostumando à luz e prossegui com menos incômodo, agarrando-me às abas do paletó de meu amigo. Ele me conduziu, afinal, depois de serpear e arrastar-se por numerosos corredores apertados, a um caixote com ferros, como estes usados para conter finas louças. Tinha o caixote cerca de um metro e vinte centímetros de altura e um metro e oitenta de comprimento, mas era muito estreito. Dois garrafões vazios estavam no alto e, sobre eles, novamente, vasta quantidade de esteiras de palha empilhadas até o teto da cabine. Em todas as outras direções em torno, amontoava-se, tão apertadamente quanto possível, às vezes mesmo até o teto, um verdadeiro caos de todas as espécies de coisas de navio, bem como uma mistura heterogênea de cestos, canastras, barris e fardos, de modo simplesmente miraculoso o termos afinal descoberto qualquer passagem para o caixote. Achei depois que Augusto, propositadamente arranjara o depósito naquele porão, de modo a permitir-me um esconderijo perfeito, tendo apenas a auxiliá-lo no serviço, um homem que não viajava no brigue.

Meu companheiro mostrou-me depois que um dos lados do caixote podia ser removido à vontade. Fê-lo correr para um lado e exibiu o interior, o que muito me agradou. Um colchão de uma das camas da cabine cobria por inteiro o fundo do caixote em que se continham quase todos os artigos de simples conforto que puderam ser amontoados em tão pequeno recinto, fornecendo-me, ao mesmo tempo, espaço suficiente para

acomodar-me, tanto sentado como deitado de comprido. Entre outras coisas, havia alguns livros, penas, tinta, papel, três cobertores, uma grande bilha cheia de água, um barrilzinho de biscoitos de água e sal, três ou quatro imensas salsichas bolonhesas, um enorme presunto, um pernil frio de carneiro assado, e meia dúzia de garrafas de licores e remédios. Imediatamente tomei posse de meu pequeno apartamento, com tais sentimentos de satisfação que, acredito, nenhum monarca experimentou maiores ao entrar num palácio novo. Augusto então ensinou-me a maneira de afastar o lado aberto do caixote e depois, levando a vela até perto do forro, mostrou-me um pedaço de corda trançada e escura estendendo-se nele. Ela — disse — prolongava-se do meu esconderijo através de todas as necessárias voltas por entre os trastes até um prego cravado no forro do porão, mesmo por baixo do alçapão que levava ao camarote dele. Por meio dessa eu poderia facilmente sair dali, sem que ele me guiasse, no que qualquer inesperado acidente tornasse tal passo necessário. Despediu-se, em seguida, deixando-me a lanterna, bem como suficiente provisão de velas e fósforos, e prometendo visitar-me logo que o pudesse fazer sem ser observado. Era o dia 17 de junho.

Três dias e três noites (como podia aproximadamente conjeturar) permaneci em meu esconderijo, sem absolutamente sair dele, a não ser duas vezes, com o fim de espichar os membros, ficando de pé, entre dois cestos, mesmo do lado oposto à abertura. Durante todo esse tempo nada soube de Augusto; isso, porém, pouco incômodo me causava, pois eu sabia que o brigue devia fazer-se ao largo a qualquer momento e, na conseqüente confusão, ele não encontraria facilmente oportunidades para descer, a fim de ver-me. Afinal, ouvi o alçapão abrir-se e fechar-se, depois ele chamou em voz baixa, se tudo ia bem e se eu desejava alguma coisa. "Nada —, respondi. — Estou tão confortavelmente como é possível; quando o brigue começará a navegar?" "Levantaremos ferros dentro de meia hora — responde ele. — Vim para dizer-lhe isso e para que você não ficasse incomodado com a minha ausência. Não terei ocasião de descer de novo por algum tempo — talvez por três ou quatro dias mais. Lá em cima vai tudo bem. Depois que eu subir e fechar o alçapão, arraste-se, junto à corda, até onde está enterrado o prego. Achará lá meu relógio. Pode ser-lhe útil, pois você não tem luz do dia para calcular o tempo. Suponho que não sabe dizer quanto tempo esteve escondido aí. Foram três dias. Hoje é 20.

Eu ia levar o relógio ao seu caixote, mas tive medo de perder-me." Dito isto, subiu.

Cerca de uma hora depois que ele saíra senti distintamente o movimento do brigue, e congratulei-me comigo mesmo por ter afinal começado belamente uma viagem. Satisfeito com essa idéia, decidi animar-me quanto possível e esperar o decurso dos acontecimentos até que me fosse permitido trocar o caixote por mais espaçosa, embora dificilmente mais confortáveis, acomodações. Meu primeiro cuidado foi apanhar o relógio. Deixando a vela acesa, rastejei pela escuridão, seguindo a corda, entre inumeráveis volteios em alguns dos quais descobri que, depois de palmilhar longa distância, voltara para cerca de trinta ou sessenta centímetros do primitivo ponto de partida. Afinal, alcancei o prego e, segurando o objetivo dessa excursão, com ele regressei a salvo. Procurei os livros de que tão previdentemente fora provido e escolhi o da expedição de Lewis e Clark à foz do Columbia. Com ele me diverti por algum tempo e por fim, tornando-me sonolento, apaguei a luz com grande cuidado e logo caí num sono profundo.

Depois de despertar, senti-me estranhamente confuso de espírito e decorreu até que me pudesse recordar de todas as várias circunstâncias de minha situação. Gradualmente, porém, lembrei-me de tudo. Riscando um fósforo, olhei para o relógio; ele, contudo, estava sem corda e conseqüentemente não havia meio de determinar quanto tempo eu dormira. Meus membros estavam muito dormentes e eu era forçado a aliviá-los ficando de pé entre os cestos. Senti, depois um apetite quase canino e pensei no pernil frio de que comera um pedaço antes de dormir, achando-o excelente. Qual não foi meu espanto ao descobrir que ele se achava em estado de putrefação! Esse fato provocou-me grande inquietude, pois, relacionando-o com a confusão de espírito que experimentara depois de acordar, comecei a supor que devia ter dormido um tempo insolitamente longo. A atmosfera fechada do porão devia ter algo a ver com isso e podia, afinal de contas, causar os mais desastrosos resultados. Minha cabeça doía excessivamente. Imaginei que respirava com crescente dificuldade. Em suma, fiquei deprimido por uma multidão de melancólicas idéias. Não podia, ainda aventurar-me a causar qualquer perturbação, abrindo o alçapão ou fazendo qualquer outra coisa, e assim, tendo dado corda no relógio, resignei-me como era possível.

Durante todas as tediosas vinte e quatro horas seguinte ninguém apareceu para me aliviar e eu não podia deixar de acusar Augusto da maior desatenção. O que principalmente me alarmava era que a água de minha bilha estava reduzida a cerca de meio quartilho e eu sofria muita sede, pois comera à vontade as salsichas depois de haver perdido o carneiro. Tornei-me muito aflito, não podendo mais interessar-me, de qualquer modo, pelos livros. Dominava-me ainda, o desejo de dormir, mas eu tremia ao pensar em submeter-me a ele, temendo a existência de qualquer influência perniciosa como a do carvão de madeira queimado na limitada atmosfera do porão. Entrementes, o jogar do navio me dizia que estávamos longe, no mar alto, e um denso som sussurrante que me vinha aos ouvidos, imensa distância, convenceu-me de que estava soprando uma borrasca fora do comum. Não podia imaginar um motivo para a ausência de Augusto. Por certo havíamos avançado, em nossa viagem mais do que o bastante para permitir-me subir. Devia ter sucedido algum acidente a ele, mas eu nada podia imaginar que explicasse o deixar-me Augusto tanto tempo como um prisioneiro, a menos, na verdade, que ele houvesse morrido subitamente, ou caído no mar, mas eu não podia demorar nesta idéia sem a maior impaciência. Era possível que tivéssemos sido desviados por ventos pela proa e que ainda estivéssemos nas proximidades de Nantucket. Era forçado, contudo, a abandonar esta hipótese; pois, se fosse neste caso, o brigue teria freqüentemente virado de bordo; e eu verificava perfeitamente, por sua contínua inclinação para bombordo que ele navegava a velas pandas, com uma firme brisa do estibordo. Contudo, admitindo que ainda nos achássemos nas vizinhanças da ilha, por que não viera Augusto visitar-me e informar-me dessa circunstância? Refletindo desse modo sobre as dificuldades de minha situação solitária e melancólica, resolvi esperar, ainda outras vinte e quatro horas; então, se nenhum auxílio obtivesse iria até o alçapão e tentaria ter uma palestra com meu amigo ou, pelo menos, arejar o porão através da abertura e obter no camarote outro suprimento de água. Entretanto, enquanto me ocupava com esse pensamento, caí, a despeito de todos os esforços em contrário, num estado de profundo sono, ou melhor, de sopor. Meus sonhos foram dos mais terríficos. Todas as espécies de calamidade e horror me sobrevinham. Entre outras misérias, era eu sufocado até a morte, entre enormes travesseiros, por demônios do mais espantoso e feroz aspecto. Imensas serpentes me comprimiam com abraço e me olhavam fixamente no rosto

com seus olhos terrivelmente brilhantes. Depois desertos ilimitados e da mais erma e aterrorizante configuração estendiam-se diante de mim. Troncos de árvores, imensamente altos, desfolhados e cinzentos, erguiam-se em sucessão infindável até onde o olhar podia alcançar. Suas raízes se ocultavam em vastos pantanais, cujas águas sombrias dormiam intensamente negras, silenciosas e contudo terríveis. E as estranhas árvores pareciam dotadas de humana vitalidade e ondulavam, para la e para cá, seus braços esqueléticos, clamando misericórdia às águas silentes, em lastimosos e pungentes acentos da mais aguda agonia e desespero. A cena mudou: agora eu me encontrava, despido e só, entre as ardentes planícies arenosas do Saara. Agachava-se aos meus pés um feroz leão dos trópicos. Subitamente, seus olhos se abriram e caíram sobre mim. Com um salto convulsivo, espichou-se nos pés e exibiu os horríveis dentes. Em um instante irrompeu de sua garganta vermelha um rugido semelhante aos trovões do firmamento, e eu caí impetuosamente por terra. Sufocado em paroxismo de terror, achei-me por fim semidesperto. Então meu sonho não era absolutamente um sonho... Estava, pelo menos na posse dos meus sentidos. E as patas de algum monstro enorme e autêntico pesadamente comprimiam meu peito. Seu hálito quente me tocava o ouvido. E suas garras brancas e espantosas cintilavam sobre mim através da penumbra.

Ainda que mil vidas dependessem do movimento de um membro ou da pronúncia de uma sílaba, eu não podia mexer-me. O animal, fosse o que fosse, conservava-se em sua posição sem tentar qualquer imediata violência, enquanto eu permanecia no extremo desespero e, assim julgava, a morrer por baixo dele. Meu cérebro teve uma vertigem, senti-me mortalmente enfermo, falhou-me a vista, mesmo as cintilantes pupilas da fera sobre mim se obscureceram. Fazendo um último e convulsivo gemi afinal uma fraca jaculatória a Deus e resignei-me a morrer. O som de minha voz como que despertou toda a fúria latente do animal que lançou todo seu peso sobre meu corpo. Qual não foi porém meu espanto, quando, com prolongado e baixo queixume começou a lamber-me a face e as mãos, dando as mais extravagantes demonstrações de afeição e alegria! Eu estava atônito, extremamente perdido de espanto, mas não podia esquecer o queixume peculiar de meu cão terra-nova, Tigre, nem o jeito estranho de suas carícias, a que estava acostumado. Era ele. Experimentei um súbito afluxo de sangue às têmporas; um vertiginoso e dominante sentimento de liberdade e reanimação. Ergui-me apressadamente do colchão sobre que

estava e, atirando-me ao seguidor e amigo, aliviei a longa opressão de meu peito numa onda das mais apaixonadas lágrimas.

Como na ocasião precedente, meus pensamentos eram grandemente indistintos e confusos logo ao deixar o colchão durante longo tempo, achei quase impossível coordenar idéias. Mas em graus muito lentos, minhas faculdades de raciocínio voltaram e de novo recordei os diversos incidentes de minha situação. Tentei em vão explicar a presença de Tigre. E depois de perder-me em mil conjecturas diferentes a seu respeito, fui forçado a contentar-me com o fato de que ele se achava comigo para partilhar minha sombria solidão e dar-me conforto com seus carinhos. Muita gente gosta de seus cães, mas por Tigre tinha eu uma afeição mais ardente do que o comum; e nunca, por certo, criatura alguma o mereceu mais. Durante sete anos fora meu companheiro inseparável e numa multidão de oportunidades dera provas de todas as nobres qualidades pelas quais avaliamos um animal. Eu o libertara, quando filhote, das garras de um malvado vilãozinho de Nantucket, que o levava para a água com uma corda amarrada ao pescoço e o cão crescendo, retribuiu o favor, cerca de três anos mais tarde, salvando-me das cacetadas de um ladrão de rua.

Apanhando, então, o relógio, descobri, depois de levá-lo ao ouvido, que de novo se acabara a corda; isto, porém, não me surpreendeu de modo algum, pois eu me convencera, pelo estado particular de meus sentimentos, de que dormira, como antes, período prolongado de tempo; quanto, era sem dúvida, impossível dizer. Eu ardia em febre e minha sede era quase intolerável. Tateei o caixote em busca de meu pequeno suprimento de água, pois não tinha luz, em vista de se haver queimado a vela até o pé do castiçal e de não achar à mão a caixa de fósforos. Depois de ir a bilha, contudo, descobri que estava vazia. Sem dúvida, Tigre tentara beber, assim como devorara o resto do carneiro cujo osso se achava bem limpo junto à abertura do caixote. Eu bem podia passar sem o alimento estragado, mas meu coração se oprimia ao pensar na água. Sentia-me extremamente fraco, tanto que estremecia todo, ao mais fraco movimento ou esforço, como com febre. Para aumento de minhas aflições, o brigue jogava e oscilava, com violência, e os barris de óleo que se encontravam sobre o estavam em momentâneo perigo de cair, bloqueando-me o caminho de ingresso ou saída. Eu sofria também terrivelmente de enjôo. Tais considerações me levaram a abrir caminho, de qualquer maneira, até o alçapão e obter imediato socorro, antes que ficasse completamente

incapaz de fazê-lo. Tendo assim decidido, procurei de novo, tateando, os fósforos e as velas. Com alguma dificuldade achei os primeiros; mas, não descobrindo as velas tão depressa quanto esperava (pois me lembrava de estar muito próximo o local onde as colocara), abandonei por então a busca e mandando Tigre ficar quieto, comecei logo a caminhada para o alçapão.

Nessa tentativa, minha grande fraqueza tornou-se mais do que aparente. Era com a maior dificuldade que eu, afinal, me arrastar para diante, e mui freqüentemente meus membros se vergavam de súbito por baixo de mim; então, caindo prostrado sobre o rosto, permanecia por alguns minutos num estado que tangenciava o da insensibilidade. Forcejava, contudo, para diante, em lentas etapas temendo a cada momento poder desfalecer em meio às estreitas e intrincadas voltas do caminho entre os trastes, caso em que o resultado seria simplesmente a morte. Afinal, depois de dar um impulso para a frente, com toda a energia que pude reunir, bati com a testa violentamente contra o ângulo agudo de uma caixa fechada com ferro. O acidente só me atordoou por poucos momentos, mas verifiquei, para meu indizível pesar, que o veloz e violento oscilar do navio atirara a caixa, completamente, em meio a meu caminho, bloqueando de modo efetivo a passagem. Nem com os máximos esforços poderia eu movê-la uma só polegada de sua posição, pois se achava apertadamente comprimida entre os caixões circundantes e os trastes do navio. Tornava-se necessário, contudo que, enfraquecido como estava, eu deixasse a corda que me guiava e procurasse outra passagem, ou trepasse pelo obstáculo e recomeçasse o caminho do outro lado. A primeira alternativa apresentava excessivas dificuldades e perigos para que pudesse encará-la sem estremecer. No meu presente estado de fraqueza, tanto de corpo de espírito, infalivelmente perderia o caminho se o tentasse e pereceria miseravelmente entre os terríveis e desagradáveis labirintos do porão. Continuei, em conseqüência, sem hesitar, a reunir as minhas forças e energias restantes para tentar, o melhor que pudesse, escalar a caixa.

Depois de erguer-me, com esse alvo em vista, achei a empresa uma tarefa ainda mais séria do que meus temores me haviam levado a imaginar. De cada lado da estreita passagem erguia-se uma muralha inteira de objetos de variado peso, que o menor engano de minha parte poderia fazer cair sobre minha cabeça; ou, se tal acidente não ocorresse, o caminho

poderia de fato ser bloqueado, impedindo minha volta pelas massas que desciam, como se via em frente, junto àquele obstáculo. A própria caixa era comprida e pesada e sobre ela nenhum apoio o pé podia obter. Em vão tentei, por todos os meios em meu poder, alcançar-lhe o alto, com a esperança de assim galgá-la. Tivesse eu obtido êxito em tal tentativa e é certo que minhas forças se teriam demonstrado completamente inadequadas para a tarefa de prosseguir; foi, pois, melhor em todos os sentidos o ter falhado. Por fim, num desesperado esforço para empurrar a caixa de seu lugar, senti forte vibração no lado próximo de mim. Introduzi avidamente a mão na beira das tábuas e verifiquei que uma muito grande, se soltara. Com o canivete de bolso, que felizmente estava comigo, consegui, depois de grande trabalho, retirá-la inteiramente, e enfiando-me pela abertura, descobri, com imensa alegria que não havia tábuas do outro lado. Noutras palavras: faltava o alto, e fora pelo fundo que eu abrira caminho. Daí por diante não deparei dificuldades importantes para prosseguir pela corda até finalmente encontrar o prego. Com o coração a bater fiquei de pé e, com um leve toque, fiz pressão contra a tampa do alçapão. Ela não se ergueu depressa, como eu esperava, e fiz pressão mais resolutamente, embora temendo que pessoa diversa de Augusto pudesse estar no seu camarote. Contudo, a porta permaneceu firme com espanto meu, e tornei-me algo aflito, pois sabia que apenas pouco ou nenhum esforço fora preciso para removê-la. Empurrei-a com força; não obstante, ficou firme. Com toda a minha força; e ainda assim não deu passagem. Com raiva, com fúria, com desespero; e ela desafiou meus extremos esforços. Era evidente, dada a natureza invencível da resistência, que, ou o buraco tinha sido descoberto e a tampa completamente pregada, ou tinha sido colocado sobre ele algum imenso peso, que era inútil pensar em remover.

Minhas sensações foram as de extremo horror e desânimo. Em vão tentei raciocinar sobre a provável causa de estar assim sepulto. Não podia provocar qualquer encadeamento conexo de reflexão e, caindo ao solo, dei razão, irresistivelmente, às mais melancólicas imaginações, entre as quais as pavorosas mortes por sede, fome, asfixia e enterramento prematuro se acumulavam sobre os principais desastres a encarar. Afinal, voltou-me certa porção de presença de espírito. Ergui-me e tentei com os dedos, das frinchas ou sinais da abertura. Encontrando-os, examinei-o bem de perto para verificar se emitiam alguma luz vinda do camarote, mas nenhuma era

visível. Forcei entre eles a lâmina de meu canivete, até que encontrei certo obstáculo duro. Raspando nela, verifiquei que era uma sólida massa de ferro, concluindo que se tratava de uma corrente, pela peculiar ondulação sentida ao passar a lâmina. O único recurso que me restava era refazer o caminho até o caixote e ali submeter-me a meu triste destino, ou tranqüilizar o espírito, ao ponto de admitir que pudesse organizar algum plano de fuga. Imediatamente, comecei a fazê-lo e, de inúmeras dificuldades, consegui regressar. Ao cair, completamente exausto, sobre o colchão, Tigre estendeu-se de comprido lado, parecendo desejoso de, por seus agrados, consolar-me em minhas aflições e insistir para que eu as suportasse com fortaleza.

A singularidade de sua conduta atraiu por fim, forçadamente, minha atenção. Depois de me lamber a face e as mãos, examinei-as uma, não achando todavia sinais de qualquer ferimento. Imaginei então que se achasse faminto e dei-lhe um enorme pedaço de presunto, que ele devorou com avidez. Repetiu depois, entre suas estranhas manobras. Julguei a seguir que ele se achasse sofrendo como eu, os tormentos da sede e quase adotava esta conclusão como única verdadeira, quando me ocorreu a idéia de me havia examinado as patas e possivelmente haveria um ferimento em qualquer parte de sua cabeça ou de seu corpo. Tateei aquela, cuidadosamente, porém nada encontrei. Ao passar, contudo, a mão sobre suas costas, percebi uma leve ereção do pêlo, que as cruzava completamente. Apalpando aquilo com os dedos descobri um cordel e, acompanhando-o pelo tato, verifiquei que rodeava todo o corpo. Com um exame mais acurado, cheguei até um pequeno pedaço de algo que dava a sensação de papel de cartas, através do qual o cordel fora amarrado de modo a mantê-lo, precisamente por baixo da espádua esquerda do animal.

CAPÍTULO III

OCORREU-ME instantaneamente o pensamento de que o papel era um bilhete de Augusto, e que algum inexplicável acidente sobreviera impedindo-o de libertar-me de minha prisão. Ele então adotara aquele método de informar-me do verdadeiro estado das coisas. Tremendo de impaciência, dei então início a outra busca, a dos fósforos e velas. Tinha uma confusa lembrança de havê-los colocado cuidadosamente, de lado, antes de cair adormecido; e, na verdade antes de minha última caminhada até o alçapão fora capaz de recordar o lugar exato onde os depositara. Naquele instante, porém, em vão tentava despertar a memória e levei toda uma hora em infrutífera e incômoda procura dos objetos perdidos; nunca, certamente, houve mais tantalizante estado de ansiedade e incerteza. Por fim, quando apalpava em redor, com a cabeça junto do lastro, perto da abertura do caixote, do lado de fora dele, notei a cintilação de luz, na direção da antecâmara. Grandemente surpreendido, tentei caminhar para lá, pois me parecia estar a poucos pés do meu lugar. Mal me movera com essa intenção, quando perdi o brilho de vista, completamente, e antes que pudesse lobrigá-lo de novo, tive de ir tateando, junto à caixa até que, voltei exatamente à posição original. Então, movendo a cabeça com precaução para um lado e para outro, descobri que se andasse vagarosamente, com grande cuidado, em direção àquela pela qual partira a princípio, seria capaz de chegar perto da luz, conservando-a em vista. Assim fui diretamente para ela, (tendo aberto caminho através de inúmeros volteios estreitos) verifiquei que procedia de alguns fragmentos de meus fósforos que se achavam sobre um barril vazio, virado de lado. Admirava-me como haviam chegado a tal lugar, quando minha mão caiu sobre dois ou três pedaços de cera de vela que evidentemente tinham sido mastigados pelo

cão. Concluí logo que ele devorara todo o meu suprimento de velas e fiquei sem esperança de jamais ser capaz de ler o bilhete de Augusto. Os pequenos restos de tão amassados entre outros refugos no barril que desisti de servir-me deles para qualquer coisa e deixei-os como se achavam. Os fósforos, de que só havia um palito ou dois, reuni-os e voltei com eles, após muita dificuldade, ao meu caixote, onde Tigre ficara o tempo todo.

Que fazer em seguida, não podia eu dizer. Era tão intensamente escuro o porão que eu não podia ver minha mão, embora a encostasse junto à face. O pedaço branco de papel mal podia ser distinguido, nem mesmo quando olhava diretamente para ele, voltando para o papel a parte exterior da retina, isto é, ligeiramente de esguelha, notei que se tornava de algum modo perceptível. Assim, a tristeza de minha prisão pode ser imaginada e o bilhete de meu amigo — se em verdade era um bilhete dele — somente parecia arrojar-me a maiores inquietações, afligindo sem qualquer resultado meu já fraco e agitado espírito. Em vão resolvi no cérebro uma multidão de absurdos expedientes para obter luz. Expedientes tais, precisamente, como um homem, no perturbado sono ocasionado pelo ópio, escolheria como os melhores para empreender semelhante tentativa, todos e cada um deles apareciam ao sonhador, alternadamente, como a mais razoável e a mais absurda das concepções, quando, alternadamente, lampejavam uma sobre outra, as faculdades imaginativas ou as do raciocínio. Finalmente ocorreu-me uma idéia que me pareceu racional e me deu motivo para admirar-me de não a haver tentado antes. Coloquei o pedaço de papel nas costas de um livro e, coligindo os fragmentos dos palitos de fósforos que trouxera do barril, coloquei-o junto sobre o papel. Então, com a palma da mão, esfreguei o conjunto rapidamente e com força. Uma clara luz se expandiu, imediatamente por toda a superfície. E se houvesse sobre ela algum escrito, estou certo de que não teria experimentado a menor dificuldade em lê-lo. Nem uma sílaba, contudo, lá se achava. Nada além de um terrível e insatisfatório espaço em branco. A iluminação morreu em poucos segundos, e meu coração desmaiou dentro de mim, quando ela se foi.

Já antes expus, mais de uma vez, que meu intelecto, durante certo período anterior a este, estivera em situação muito próxima da idiotia. Havia certamente, momentâneos intervalos de perfeita sanidade e mesmo de energia, de vez em quando; estes eram poucos. Deve-se recordar que certamente por muitos dias estivera respirando a atmosfera quase

pestilencial de um porão, fechado num navio baleeiro, e por largo tempo mal fora suprido de água. Durante as últimas catorze ou quinze horas não tivera nenhuma...nem dormia durante esse tempo. Provisões salgadas, da mais excitante espécie, tinham sido minhas principais, e na verdade desde a perda do carneiro, minhas únicas reservas de alimento, com exceção dos biscoitos de água e sal, e estes últimos eram completamente inúteis, por estarem muito secos e duros para ser engolidos nas condições de inchamento e secura de minha garganta. Achava-me, então, com febre elevada e, em todos os sentidos, extremamente doente. Isso serve de explicação para o fato de que muitas horas miseráveis de desânimo decorreram, depois de minha última aventura com os fósforos, antes que me ocorresse o pensamento que só havia examinado um lado do papel. Não tentarei descrever meus sentimentos de cólera (embora creia que era mais amarga do que qualquer outra coisa), quando o imenso erro que eu cometera relampejou subitamente em minha consciência. O equívoco em si não teria sido de maior importância se eu, em minha insânia e impetuosidade, não o tivesse piorado. Em meu desaponto, por não haver encontrado palavra alguma no pedaço de papel, infantilmente o rasguei em pedaços e atirei-o fora, sendo impossível dizer onde.

Da pior parte desse problema fui aliviado pela sagacidade de Tigre. Tendo apanhado, depois de longa procura, um pequeno pedaço do bilhete, coloquei-o no nariz do cão e tentei fazê-lo compreender que deveria trazer-me o resto dele. Para meu espanto, pois não lhe ensinara nenhuma das habilidades costumeiras pelas quais sua raça é famosa, pareceu ele entender logo meu pensamento e farejando em torno, por alguns instantes, logo encontrou outra considerável parte. Trazendo-me isso, fez uma pausa momentânea e esfregando o nariz em minha mão, como que esperou minha aprovação pelo que fizera. Dei-lhe uma pancadinha na cabeça e ele imediatamente saiu de novo. Passaram-se alguns minutos antes que voltasse e quando, porém, regressou, trouxe consigo um grande, que demonstrava ser todo o papel perdido. Parece que fora rasgado só em três partes. Felizmente não tive dificuldade em encontrar os poucos fragmentos de fósforos que tinham sido deixados de lado, sendo guiado pela luminosidade indistinta que uma ou duas das partículas ainda emitia. Minhas atribulações me haviam ensinado a necessidade de precaução e assim levei tempo a refletir sobre o que ia fazer. Era muito provável, pensei, que algumas palavras estivessem escritas sobre o lado do papel que

não tinha sido examinado, mas qual era ele? Ajustar os pedaços de papel não era solução para isso, embora me assegurasse que as palavras (se houvesse algumas) seriam todas encontradas de um lado só e ligadas de maneira própria, como na escrita. Havia a maior necessidade de determinar o ponto em questão, fora de qualquer dúvida pois os fósforos restantes seriam inteiramente insuficientes para uma terceira tentativa, caso eu falhasse na que estava prestes a realizar. Coloquei o papel sobre um livro, como antes, e sentei-me por alguns minutos pensativamente, revolvendo o assunto no pensamento. Afinal, pensei ser meramente possível que o lado escrito tivesse na sua superfície alguma saliência, que um delicado sentido do tato me capacitaria a notar. Resolvi fazer a experiência e passei os dedos, muito cuidadosamente, sobre o lado que primeiro se apresentou. Nada, contudo, era perceptível, e virei o papel, ajustando-o ao livro. De novo, então deslizei por ele o indicador, cautelosamente, e notei um tenuíssimo porém ainda perceptível calor que acompanhava o dedo. Compreendi que esse calor devia vir de umas miúdas partículas de fósforos, com que eu cobrira o papel na tentativa precedente. O outro lado, ou o inverso, assim, era o que trazia o escrito, se afinal se revelasse existir algum. De novo virei o bilhete e comecei a agir, como da primeira vez. Tendo esfregado os fósforos, seguiu-se um clarão como antes; desta vez várias linhas manuscritas, em grandes caracteres e, ao que parece em tinta vermelha, tornaram-se distintamente visíveis. A luz contudo, embora suficientemente brilhante, foi apenas momentânea. Se, todavia, eu não estivesse altamente excitado, teria havido tempo bastante amplo, para que examinasse todas as três sentenças a minha frente, pois vi que eram três. Na ansiedade, de ler tudo imediatamente, só consegui ler as sete últimas palavras que eram assim: *sangue... sua vida depende de ficar encerrado*.

Tivesse eu sido capaz de apreender o inteiro conteúdo a completa significação da advertência que meu amigo assim tentara enviar, e tal advertência, ainda mesmo que revelasse a história do mais indizível desastre, não poderia, estou firmemente convencido, ter-me imbuído o espírito de um décimo de dilacerante e todavia indefinível horror que me inspirou o fragmento assim recebido. E aquela palavra das palavras, *sangue*, tão comumente ligada sempre ao mistério, ao sofrimento e ao terror como também me aparecia agora triplicadamente cheia de importância como caíam gélida e pesadamente suas vagas sílabas como se

achava, de qualquer vocábulo acompanhante, para torná-la distinta ou explicá-la), em meio à profunda tristeza de minha prisão nos mais recônditos recessos de minha alma!

Augusto, sem dúvida, tivera boas razões, para desejar que eu permanecesse escondido e formei mil hipóteses sobre as quais deveriam ser elas; mas em nada podia pensar que conduzisse a uma solução satisfatória do mistério. Precisamente depois de voltar de minha derradeira caminhada ao alçapão e antes que minha atenção tivesse sido dirigida para outro lado, pela singular conduta de Tigre, chegara à resolução de fazer-me ouvido, a qualquer preço, pelos que se encontravam a bordo, ou, se não obtivesse êxito nesse sentido, em tentar romper caminho através do tombadilho da ponte do porão. A semicerteza que sentia de ser capaz de cumprir uma das duas empresas, na última emergência, dera-me coragem (que de outra forma eu não teria) para suportar as desgraças de minha situação. Entretanto, as poucas palavras que eu fora capaz de ler me haviam arrebatado esses recursos finais. Então, pela primeira vez, senti toda a miséria de meu destino. Num paroxismo de desespero, atirei-me de novo sobre o colchão, onde fiquei por cerca de um dia e uma noite, numa espécie de estupor, só aliviado por instantâneos intervalos de raciocínio e recordação.

Afinal, ergui-me uma vez mais e fiquei a refletir sobre os horrores que me sitiavam. Só remotamente era possível que eu pudesse viver sem água outras vinte e quatro horas, pois não podia suportar mais muito tempo. Durante a primeira parte de minha prisão fizera uso livre das bebidas de que Augusto me suprira, mas elas só serviram para excitar a febre, sem me aliviar a sede no mínimo grau. Só me restava agora um quarto de quartilho e assim mesmo era uma espécie de forte licor de pêssego que me nauseava o estômago. As salsichas tinham sido consumidas inteiramente. Do presunto nada mais restava, além de um pedacinho de pele. E todos os biscoitos, exceto poucos farelos de um, tinham sido comidos por Tigre. Para aumento de minhas aflições, verifiquei que minha dor de cabeça se intensificava momentaneamente e, com ela, a espécie de delírio que me perturbava, mais ou menos, desde que caíra a dormir pela primeira vez. Nas últimas horas, tinha sido com a maior dificuldade que eu conseguia respirar um pouco e agora cada tentativa de fazê-lo provocava a mais depressiva ação espasmódica do peito. Mas havia ainda outra e muito diferente fonte de inquietação uma,

na verdade, cujos devastadores terrores tinham sido o meio principal de me levantar com esforço de meu torpor, no colchão. Vinha ela da conduta do cão.

Observei primeiramente uma alteração em seu proceder, enquanto esfregava os fósforos no papel, em minha última tentativa. Ao esfregar ele erguera o nariz contra minha mão, com um leve grunhido. Mas eu estava muito excitado. naquela ocasião, para dar maior atenção a esta circunstância. Logo depois, como se hão de recordar, atirei-me no colchão e caí numa espécie de letargia. Agora tornava-me ciente de um singular som silvante junto de meus ouvidos e descobri que ele procedia de Tigre, que arquejava e ofegava no estado da mais aparente excitação, com as pupilas flamejando ferozmente, através da treva. Falei-lhe, ao que ele replicou com um rosnido baixo, ficando quieto depois. Recaí em seguida no meu estupor, de que fui despertado, de novo, por forma semelhante. Isto se repetiu três ou quatro vezes, até que por fim sua conduta me inspirou tão grande medo que fiquei completamente de pé. Ele agora estava encostado à entrada do caixote, rosnando temerosamente, embora numa espécie de subtom, e rangendo os dentes como em forte convulsão. Não duvidava mais de que a falta de água ou a confinada atmosfera do porão o haviam tornado doido, e me achava perplexo com o caminho a seguir. Não podia suportar o pensamento de matá-lo, embora isso parecesse absolutamente necessário para minha própria salvação. Distintamente podia lhe perceber os olhos fixos em mim com uma expressão da animosidade e esperava, a cada instante, que ele me atacasse. Afinal, não pude aturar mais minha terrível situação e decidi sair do caixote a todo custo e matá-lo, se sua oposição tornasse necessária que eu o fizesse. Para sair tinha de passar diretamente sobre o corpo dele e já o cão parecia antecipar-se a meu desígnio, erguendo-se sobre as patas dianteiras (como notei pela posição modificada de seus olhos) e arreganhando o conjunto de suas presas brancas, que eram facilmente discerníveis. Apanhei o resto da pele do presunto e a garrafa que continha o licor, e segurei-as junto de mim, bem como um grande facão que Augusto me deixara, e depois, segurando minha capa em volta de mim tão apertadamente quanto possível, fiz um movimento para a entrada do caixote. Mal o fiz, o cão atirou-se, com um alto rugido, para a minha garganta. Todo o peso de seu corpo bateu-me no ombro direito e cai violentamente para a esquerda, enquanto o animal raivoso passava

completamente sobre mim. Eu caíra sobre os joelhos, com a cabeça mergulhada entre os cobertores e isso me protegeu de um segundo e furioso ataque, durante o qual senti os agudos dentes fazendo vigorosa pressão sobre o pano de lá que me envolvia sem contudo, felizmente, ser capaz de penetrar-lhe todas as dobras. Achava-me, então, por baixo do cão e, em poucos momentos ficaria completamente em seu poder. O desespero me deu forças e eu levantei-me ousadamente, sacudindo-o de mim, com toda a força e arrastando comigo os cobertores do colchão. Atirei-os depois sobre ele e, antes que se pudesse desvencilhar, saíra eu pela porta fechando-a completamente, impedindo-o de prosseguir. Nessa luta porém fora obrigado a deixar cair o pedaço de pele de presunto e minha inteira reserva de provisões achou-se reduzida a um quartilho de licor. Quando um tal pensamento me cruzou o espírito senti-me dominado por um daqueles acessos de perversidade que bem se pode imaginar influenciarem um menino privado de tudo em semelhantes circunstâncias e, erguendo a garrafa aos lábios, sorvi até a última gota e atirei-a furiosamente de encontro ao soalho.

Mal se extinguira o eco de seu espatifamento, ouvi meu nome pronunciado por uma voz ávida, mas abafada, que saía da direção da antecâmara de proa. Tão inesperada era qualquer coisa dessa espécie e tão intensa foi a emoção que o som me provocou que em vão tentei responder. Minha capacidade de falar falhou totalmente e, numa agonia de terror, temendo que meu amigo me pudesse considerar morto e voltasse, sem tentar procurar-me, ergui-me entre os cestos, junto da porta, tremendo convulsivamente, ofegando e lutando por uma palavra. Dependessem mil vocábulos de uma sílaba e eu não teria podido enunciá-la. Havia um fraco movimento, agora audível, entre a trastaria um tanto adiante de minha posição. O som tornou-se depois menos distinto, e de novo menos, e menos ainda. Poderei jamais esquecer o que senti naquele momento? Ele se ia embora, meu amigo, meu companheiro, de quem eu tinha o direito de esperar tanto, ele se ia embora, abandonava-me, já se fora! Deixar-me-ia perecer miseravelmente, no mais horrível e desgraçado dos cativeiros. E uma palavra, uma simples sílaba me teria salvo! Contudo, eu não podia proferir essa simples sílaba! Estou certo de que senti, mais de dez mil vezes, as agonias da própria morte. Meu cérebro desmaiou e caí, mortalmente exausto, dentro do caixote.

Ao cair, o facão foi sacudido para fora do cinto de minhas calças e tombou no soalho, com um som estridente. Jamais qualquer sonoridade de mais rica melodia tão docemente me veio aos ouvidos! Pus-me à escuta, com a mais intensa ansiedade, para verificar o efeito no ruído sobre Augusto, pois eu sabia que a pessoa que me chamara só podia ser ele. Tudo ficou silente por alguns instantes. Afinal, ouvi de novo a palavra "Artur", repetida em tom baixo, cheio de hesitação. Minha capacidade de falar felizmente reviveu logo da perda e eu berrei, no ápice da voz: "Augusto! Augusto!" "Psiu! Pelo amor de Deus, fique calado! — repetiu ele numa voz trêmula de agitação. — Estarei com você imediatamente… logo que possa abrir caminho pelo porão." Durante longo tempo ouvi-o a mover-se por entre a trastaria e cada momento me parecia um século. Afinal, senti-lhe a mão sobre ombro e ele me fez chegar aos lábios, no mesmo instante, uma botija de água. Só aqueles que subitamente foram salvos das fauces do túmulo ou que conheceram os insuportáveis tormentos da sede em circunstâncias tão agravadas como as que me assediaram em minha pavorosa prisão podem formar qualquer idéia dos indizíveis transportes de alegria que produziu aquele longo trago da mais estupenda de todas as satisfações físicas.

Depois que, de algum modo, satisfiz minha sede, Augusto tirou do bolso três ou quatro batatas cozidas que devorei com a maior avidez. Ele trouxera consigo uma vela, numa lanterna surda, e os agradáveis raios não me deram menor conforto do que o alimento e a bebida. Mas eu estava impaciente por saber a causa de sua prolongada ausência e ele passou a narrar o que sucedera a bordo durante o meu encarceramento.

CAPÍTULO IV

O NAVIO fez-se ao mar, como eu havia suposto, cerca de uma hora depois que ele me deixara o relógio. Isto fora a vinte de junho. Devem lembrar-se que eu estive então no porão, durante três dias; e no decorrer desse lapso, foi tão constante o trabalho a bordo e eram as correrias para um lado e para outro, especialmente nas cabines e nos camarotes, que ele não tivera oportunidade de visitar-me, sem que se descobrisse o segredo do alçapão. Quando veio, por fim, eu lhe assegurara que estava passando tão bem quanto possível e, por conseguinte, nos dois dias subsequentes, ele pouco incômodo sentiu a meu respeito, embora, contudo, vigiasse uma oportunidade de descer. *Até o quarto dia*, não achou nenhuma. Várias vezes, durante esse intervalo, ele preparara o espírito para falar a seu pai acerca de nossa aventura e fazer-me subir imediatamente; ainda nos achávamos, porém, a pequena distância de Nantucket e dadas algumas expressões escapadas ao Capitão Barnard era de duvidar se ele não regressaria imediatamente, caso descobrisse minha estada a bordo. Além disso, depois de refletir mais sobre o caso, Augusto — assim mo disse — não podia imaginar que me faltasse algo ou que eu hesitasse, se isso se desse, em fazer-me ouvir no alçapão. Então, tendo pesado bem as coisas, decidiu deixar-me ficar até que pudesse encontrar uma oportunidade de visitar-me sem ser observado. Isto, como já disse, não ocorreu antes do quarto dia, depois que ele me trouxera o relógio, o sétimo desde que eu entrara, pela primeira vez, no porão. Ele desceu, então, sem trazer consigo água nem quaisquer provisões, pretendendo sim em primeiro lugar, chamar-me a atenção e levar-me do caixote ao alçapão. Dali subiria ao camarote e então me passaria um suprimento. Quando desceu para esse fim, descobriu que eu dormia, pois parece que eu ressonava muito alto.

Segundo todos os cálculos que posso fazer a respeito, esse deve ter sido o sono em que caí logo depois de voltar do alçapão com o relógio e que, conseqüentemente, deve ter-se prolongado *por mais de três dias e noites inteiros* em toda sua extensão. Ultimamente, eu tivera razão, tanto por minha própria experiência como pelas afirmativas de outros para concluir dos fortes efeitos soporíferos do fétido que se exala do óleo de peixe velho quando num aposento pequeno; e quando penso nas condições do porão em que estivera encerrado e no longo período em que o brigue fora usado como navio baleeiro, sou mais inclinado a me admirar por haver afinal acordado depois de uma vez ter caído adormecido do que de haver dormido interruptamente durante o tempo acima especificado.

Augusto chamara-me primeiramente em voz baixa, sem fechar o alçapão, mas eu não lhe dera resposta. Fechou então o alçapão e falou-me, em tom mais alto, e, por fim, num tom elevadíssimo continuei, porém, ressonando. Ele ficou, então, sem saber o que fazer. Levaria algum tempo a caminhar, por entre a trataria até o meu caixote e, entrementes, sua ausência seria notada pelo Capitão Barnard, que necessitava de seus serviços a cada minuto para arranjar e copiar papéis relacionados com os negócios da viagem. Resolveu, por conseguinte, depois de refletir, subir e esperar outra oportunidade para me visitar. Foi muito facilmente induzido a tal resolução, pois meu sono parecia ser de natureza tranquilíssima e ele não podia supor que eu sofresse qualquer inconveniente derivado de meu encerramento. Mal tivera pensado tais coisas quando a sua atenção foi atraída por um tumulto anormal, cujo ruído vinha aparentemente da cabine. Enfiou-se pelo alçapão tão depressa quanto possível, fechou-o e abriu a porta de seu camarote. Nem bem pusera o pé no limiar e uma pistola relampejou-lhe no rosto, enquanto ele era abatido, no mesmo instante, por uma pancada de espeque.

Uma forte mão o arrastou pelo solo da cabine, com o punho sobre sua garganta; contudo, ele era capaz de ver o que se passava a seu redor. Seu pai estava amarrado de pés e mãos e jazia sobre os degraus da escada do tombadilho, com a cabeça tombada e um profundo ferimento na testa, de onde fluía sangue em jorro contínuo. Não pronunciava uma palavra e aparentemente estava à morte. Acima dele, em pé, achava-se o primeiro-piloto, olhando-o com expressão de escarnecedora inimizade, e dando-lhe uma resoluta busca nos bolsos, de onde depois extraiu uma grande bolsa e um cronômetro. Sete homens da equipagem (entre os quais o cozinheiro,

um negro) revolviam os camarotes a bombordo em procura de armas e logo se armaram de mosquetes e munição. Além de Augusto e do Capitão Barnard havia nove homens ainda na cabine, entre os piores brutos da equipagem do brigue. Os rufiões então, subiram ao tombadilho, levando consigo meu amigo, depois de lhe haverem amarrado os braços atrás das costas. Dirigiram-se logo para o castelo da proa, que se encontrava embaixo. Dois dos amotinados estavam junto dele, com machados, e outros dois se achavam na principal coberta da escotilha. O piloto gritou em alta voz: "Estão ouvindo aí embaixo? Dêem o fora, um a um, agora atenção! E nada de resmungos!" Passaram-se alguns minutos antes que qualquer aparecesse. Por fim, um inglês, que como aprendiz, subiu, chorando lastimosamente e suplicando ao piloto, com os modos mais humildes, que lhe poupasse a vida. A única resposta foi uma pancada na testa, com o machado. O pobre sujeito espichou-se no tombadilho, sem um gemido, e o cozinheiro negro ergueu-o nos braços, como se fosse uma criança e atirou-o cuidadosamente ao mar. Ao ouvir o golpe e o mergulho do corpo, os homens lá embaixo não podiam mais ser induzidos a aventurar-se no tombadilho, nem por promessas, nem por ameaças, foi feita a proposta de asfixiá-los com fumaça. Seguiu-se, uma correria geral e por um momento pareceu possível que se pudesse retomar o navio. Os amotinados, contudo, conseguiram por fim, fechar completamente o castelo de proa, antes que mais de seis de seus adversários pudessem subir. Estes seis, achando-se tão grandemente dominados pelo número e sem armas, submeteram-se depois de breve luta. O piloto dirigiu-lhes então belas palavras sem dúvida com o alvo de induzir os de baixo a render-se, pois eles não tinham dificuldades em ouvir tudo o que se dizia no tombadilho. O resultado foi uma prova de sua sagacidade, não menos de sua diabólica vilania. Todos no castelo de proa, então, manifestaram sua intenção de entregar-se e, subindo um a um, foram amarrados com os braços por trás das costas, juntamente com os seis primeiros. Havia, entre todos os da equipagem que não estavam implicados no motim, vinte e sete.

Seguiu-se então uma cena de horribilíssima carnificina. Os marinheiros amarrados foram arrastados ao passadiço. Ali se achava o cozinheiro, com um machado, ferindo cada vítima na medida em que eram cada uma empurrada contra a amurada pelos outros amotinados. Desse modo pereceram vinte e dois. Augusto dava-se por perdido, esperando a

cada instante sua própria vez de ser a próxima vítima. Mas parece que os vilões se acharam depois cansados, ou de algum modo enojados com sua tarefa sanguinolenta pois os quatro prisioneiros restantes, bem como o meu amigo haviam sido arrastados ao tombadilho com os outros, foram poupados. Em seguida, o piloto mandou buscar rum embaixo e toda a quadrilha assassina entregou-se a uma orgia de bebidas que durou até o pôr do sol. Começaram após a discutir sobre o destino dos sobreviventes, que se achavam a apenas quatro passos e podiam distinguir todas as palavras que eram ditas. Em alguns dos amotinados, a bebida como que produzira um efeito abrandante, pois várias vozes se ouviram em favor da completa libertação dos cativos, com a condição de que se juntassem ao motim e partilhassem de seus proveitos. O cozinheiro preto, entretanto (que sob todos os aspectos era um perfeito demônio e parecia exercer tanta influência como o próprio piloto, senão mais), não queria ouvir qualquer proposta dessa espécie e levantou-se repetidamente para o fim de reassumir sua tarefa no passadiço. Afortunadamente estava tão dominado pela bebedeira que foi facilmente impedido pelos menos sanguissedentos da quadrilha, entre os quais um comissário que atendia pelo nome de Dirk Peters. Esse homem um filho de uma índia da tribo dos Upsarokas que habita entre os fortes da Colinas Negras, perto da fonte do Missouri. Seu pai era um negociante de peles, creio eu, ou pelo menos tinha quaisquer ligações com os postos de comércio dos índios no rio Lewis. O próprio Peters era um dos homens de aspecto mais feroz que já vi. De baixa estatura, não mais do que um metro e quarenta tinha os membros de formato hercúleo. As mãos, eram tão enormemente largas e grossas que mal possuíam a aparência de humanas. Os braços, assim como as pernas, se *arqueavam* do modo mais singular, parecendo não possuir qualquer flexibilidade. Tinha a cabeça igualmente deformada, de imenso volume com uma ondulação na parte mais alta (como a de muitos negros) e inteiramente calva. Para ocultar essa última deficiência que provinha da idade avançada, ele usava habitualmente uma peruca de qualquer material semelhante a cabelo que se lhe apresentasse, ocasionalmente a pele de um cão espanhol ou de um urso cinzento da América. No tempo a que nos referimos, tinha ele uma porção dessas peles de urso. E isso trazia não pequeno acréscimo à natural ferocidade de seu semblante, que refletia os caracteres dos Upsarokas. A boca estendia-se quase de uma orelha a outra; os lábios eram estreitos e pareciam, como outras partes de sua figura, ser

privados da natural plasticidade, de modo que sua expressão normal nunca variava sob a influência de qualquer espécie de emoção. Essa expressão normal pode ser concebida quando se considera que os dentes eram excessivamente compridos e projetados para a frente e jamais cobertos, sequer parcialmente, pelos lábios. Ao dar a esse homem uma olhadela casual, alguém poderia imaginar que ele estava convulsionado de risos; mas um segundo olhar induziria a um arrepiante reconhecimento de que, se tal expressão era indicativa de alegria, tal alegria só devia ser a de um demônio. Sobre esse singular sujeito muitas anedotas corriam entre os marujos de Nantucket. Tais anedotas discorriam sobre sua prodigiosa força, quando provocado, e algumas delas tinham dado motivos a que se duvidasse de sua sanidade mental. Mas a bordo do *Grampus*, parece, era ele considerado, ao tempo do motim, com sentimentos mais de escárnio do que de qualquer outra coisa. Fui tão pormenorizado, ao falar de Dirk Peters, porque, por mais feroz que parecesse, foi ele o principal instrumento para a preservação de Augusto e porque terei frequentes ocasiões de mencioná-lo daqui por diante, no decorrer de minha narrativa, narrativa esta, deixem-me dizê-lo logo, que, em suas últimas partes, será levada a incluir incidentes de natureza tão inteiramente fora da ordem da experiência humana e, por esse motivo, tão além dos limites da credibilidade humana que prossigo na mais extrema desesperança de obter crédito para tudo quanto irei dizer, embora confidentemente creia no tempo e nos progressos da ciência para verificar algumas das mais importantes e mais improváveis de minhas narrativas.

Depois de muita indecisão e de duas ou três violentas disputas, foi determinado afinal que todos os prisioneiros (com exceção de Augusto, que Peters insistia em conservar, de modo muito jovial, como seu secretário), seriam lançados a flutuar num dos menores botes do baleeiros. O piloto desceu à cabine para ver se o Capitão Barnard ainda estava vivo, pois, como se recordam, ele fora deixado em baixo quando os amotinados subiram. Depois, ambos apareceram, o capitão pálido como a morte, mas algo recobrado dos efeitos de seu ferimento. Falou aos homens numa voz dificilmente articulada. Advertiu-os a não o porem no bote, mas a voltarem a seus deveres, prometendo desembarcá-los onde escolhessem e não dar qualquer passos para entregá-los à justiça. Do mesmo modo podia ele falar ao vento. Dois dos malvados o agarraram pelos braços e o atiraram pela amurada do navio para dentro do bote havia sido baixado

enquanto o piloto descera. Os quatro homens que jaziam no tombadilho foram também desamarrados e ordenaram-lhes que seguissem o capitão, o que fizeram sem qualquer resistência. Augusto, contudo, foi deixado na sua posição dolorosa — embora lutasse e suplicasse que lhe dessem, ao menos, a pequena satisfação de ser-lhe permitido dar adeus a seu pai. Um cesto de biscoitos de água e sal e uma bilha de água foram depois descidos; mas não foram dados mastro, vela, remos nem bússola. O bote foi sirgado à ré por alguns instantes, durante os quais os quais os amotinados se consultaram novamente. Afinal, cortaram-lhe as amarras, deixando-o a flutuar. Entrementes, a noite descera. Não se viam estrelas nem a lua. Um mar feio e picado ondulava embora não houvesse muito vento. Instantaneamente, o bote foi perdido de vista e pouca esperança se podia ter pelas infortunadas vítimas que nele estavam. Esse fato sucedeu, contudo, aos 35 graus e 30 minutos norte e 61 graus e 20 minutos de longitude oeste; consequentemente, a não muito grande distância das ilhas Bermudas. Augusto, assim tentava consolar-se com a idéia de que ou o bote poderia alcançar terra ou chegar suficientemente perto para ser descoberto por navios ao largo da costa.

Todas as velas foram, após, largadas no brigue, e ele continuou o caminho primitivo para o sudoeste, pois os amotinado, estavam dispostos a empreender alguma expedição de pirataria. Segundo o que fora possível depreender, devia ser interceptado um navio, em sua rota das ilhas de Cabo Verde a Porto Rico. Nenhuma atenção se deu a Augusto, que foi desamarrado, permitindo-se-lhe que fosse para qualquer lugar, além da cabine do passadiço, Dirk Peters tratava-o com algum grau de bondade e salvara-o uma vez da brutalidade do cozinheiro. Sua situação era ainda das mais precárias, pois os marinheiros estavam continuamente embriagados e não se podia confiar em seu permanente bom-humor ou desdém com relação a ele. Sua ansiedade a meu respeito era contudo para ele o mais angustioso resultado de sua situação; e, na verdade, eu nunca tive razão de duvidar da sinceridade de sua amizade, mas de uma vez se resolvera a dar a conhecer aos amotinados o segredo de minha estada a bordo, mas era impedido de fazê-lo em parte pela lembrança das atrocidades a que já assistira e em parte pela esperança de ser capaz de levar-me socorro. Vivia constantemente à espera de conseguir este último objetivo, mas, a despeito da mais constante vigilância, três dias decorreram depois que o bote fora posto a flutuar, sem que qualquer oportunidade surgisse. Afinal, na noite

do terceiro dia, veio do leste uma pesada borrasca e todos os marujos foram chamados a ocupar-se nas manobras de navegação. Durante a confusão que se seguiu, ele saiu, sem ser observado, e penetrou no camarote. Qual não foi seu pesar, ao descobrir que o aposento tinha sido convertido num depósito de provisões e de material do navio e que diversas braças de uma velha corrente de ferro, que se estendia por baixo, da escada do tombadilho, foram conduzidas para ali a fim de dar lugar a um cofre e agora se achavam mesmo em cima do alçapão. Removê-las sem ser descoberto era impossível, e ele voltou ao tombadilho tão depressa quanto pôde. Ao subir, o piloto o agarrou pela garganta e perguntou-lhe o que estivera fazendo no camarote, estava a ponto de arremessá-lo pelo baluarte de bombordo, quando sua vida foi de novo salva pela intervenção de Dirk Peters. Augusto foi então posto em algemas (de que havia a bordo vários pares) e seus pés foram amarrados juntos, apertadamente. Foi então levado à antecâmara de proa e enfiado num beliche inferior, perto do tabique do castelo de proa, com a afirmativa de que não poria mais os pés no tombadilho "enquanto o brigue fosse um brigue". Essa fora a expressão do cozinheiro que o atirara ao beliche. Dificilmente será possível dizer qual o sentido preciso que dava a tal frase. Todo caso, contudo, redundou nos meios finais de socorrer-me, como agora se verá.

CAPÍTULO V

POR ALGUNS minutos depois que o cozinheiro deixara o castelo de proa, Augusto abandonou-se ao desespero, não crendo que jamais pudesse sair com vida do beliche. Tomou após a resolução de informar o primeiro homem que ali descesse de minha situação, pensando que seria melhor deixar-me ter uma oportunidade com os amotinados do que perecer de sede no porão — pois já havia dez dias desde que eu fora encerrado, e minha bilha de água não comportava um suprimento que bastasse mesmo para quatro dias. Enquanto pensava sobre o assunto, veio-lhe de súbito a idéia de que seria possível comunicar-se comigo pela escotilha do porão. Em outras circunstâncias, a dificuldade e os riscos do empreendimento o teriam impedido de tentá-lo; agora, porém, tinha pouca esperança de vida, de qualquer forma, e, por conseguinte, pouca coisa a perder. Decidiu-se, portanto, a realizar a empresa.

Nas suas algemas estava o primeiro problema. A princípio, não via meios de removê-las e temia por isso falhar logo no começo. Mas depois de mais acurado exame, descobriu que os ferros podiam escorregar para fora à vontade, com pequeníssimo esforço e incômodo, bastando forçar as mãos por entre eles. Essa espécie de algemas era de fato ineficaz para prender pessoas jovens, em quem os ossos menores prontamente cediam à pressão. Desamarrou depois os pés e, deixando a corda de modo a poder ser facilmente recolocada, no caso de que qualquer pessoa descesse ali, passou a examinar o tabique a que se achava pregado o beliche. A parede era ali de macias tábuas de pinho, de uma polegada de espessura, e ele notou que pouquíssimo trabalho teria em cortar nelas um caminho. Ouviu-se depois uma voz na escada do castelo de proa, teve tempo de enfiar a mão direita na algema (a esquerda não tinha sido retirada) e conseguir

amarrar um nó corrediço em volta do tornozelo. Dirk Peters desceu, seguido por Tigre, que imediatamente pulou no beliche e deitou-se. O cão tinha sido trazido do por Augusto, que sabia de minha afeição pelo animal, e pensava que me daria prazer tê-lo comigo durante a viagem. Fora buscá-lo em nossa casa imediatamente depois que pela primeira me introduzira no porão, mas não pensara em mencionar o fato quando ali fora levar o relógio. Depois do motim, Augusto não o vira até seu aparecimento com Dirk Peters, e dera-o como perdido, supondo que havia sido lançado ao mar por algum dos malvados bandidos que integravam a quadrilha do piloto. Parece, contudo, que ele se insinuara num buraco, por baixo de um bote baleeiro, e não se pôde desvencilhar por falta de espaço para voltar-se. Peters por fim o libertara e, com uma espécie de bom sentimento que meu amigo bem sabia como apreciar, o trouxera para servir-lhe de companhia no castelo de proa, levando-lhe tempo algumas conservas salgadas e batatas, bem como caneca de água. Voltou então ao tombadilho, prometendo regressar no dia seguinte com algo mais para comer.

Quando ele se foi, Augusto libertou ambas as mãos das algemas e desamarrou os pés. Levantou a seguir o colchão em deitado e, com o canivete (pois os rufiões não o haviam considerado útil enquanto o revistavam), começou a cortar vigorosamente através de uma das tábuas do beliche, tão junto quanto possível do soalho. Escolheu para cortar aquela parte porque, se subitamente interrompido, seria possível esconder o que fizera simplesmente deixando o colchão erguido cair em sua antiga posição durante o resto do dia, contudo, nenhuma perturbação surgiu e à noite, tinha ele cortado completamente a prancha. Deve-se observar por aqui que ninguém da tripulação ocupava o castelo da proa como dormitório, vivendo todos no camarote, desde o motim, bebendo os vinhos, banqueteando-se com as provisões do Capitão Barnard, e não tomando preocupações maiores do que as estritamente necessárias à navegação do brigue. Tais circunstâncias foram afortunadas, para mim como para Augusto; porque, se as coisas corressem diversamente, ter-lhe-ia sido impossível me procurar. Assim sendo, prosseguiu ele com confiança em seu desígnio. Já era contudo, quase o alvorecer do dia quando completou o segundo corte na tábua (cerca de trinta centímetros acima do primeiro), fazendo assim uma abertura bastante larga para permitir-lhe passar por ela até a principal ponte do porão. Chegado ali, abriu caminho, quase sem dificuldades, até a escotilha maior em baixo,

embora ao fazê-lo tivesse de trepar sobre fileira de barris de óleo empilhados quase até à altura do forro, mal lhe deixando espaço suficiente para o corpo. Depois de alcançar a escotilha descobriu que Tigre o seguira ali, insinuando-se por entre duas fileiras de barris. Era já, contudo, tarde demais para tentar alcançar-me antes que o dia rompesse, pois a principal dificuldade residia em passar pelo atulhado armazém para o porão inferior. Resolveu, portanto, voltar e esperar até a noite seguinte. Com essa intenção passou a alargar a escotilha, a fim de ter o mínimo de obstáculo possível quando pudesse vir de novo. Nem bem a alargara quando Tigre saltou ansiosamente para a pequena abertura farejou por um instante e soltou depois um longo gemido, ao mesmo tempo como se ávido de remover a cobertura com as patas. Não podia haver dúvida, dada sua conduta, de que se cientificara de minha presença no porão e Augusto julgou possível que o cão fosse capaz de me encontrar, se ele o fizesse descer. Pensou então o expediente de enviar-me o bilhete, pois era particularmente desejável que eu não fizesse qualquer tentativa de forçar caminho para sair, pelo menos sob as circunstâncias vigentes, e ele não podia ter certeza de encontrar-se comigo no dia seguinte, como pretendia. Os fatos subsequentes demonstraram quão feliz fora a idéia que lhe ocorrera, porque, não fosse a recepção do bilhete, sem dúvida, teria eu empreendido qualquer plano, embora desesperado, para chamar a atenção da tripulação, e, em consequência, ambas as nossas vidas teriam sido sacrificadas.

Tendo-se decidido a escrever, a dificuldade residia agora em encontrar material para fazê-lo. Um palito velho foi logo transformado em pena, e isto somente pelo tato, pois o espaço entre os pavimentos estava escuro como breu. Bastante papel foi obtido desde uma carta, uma duplicata da carta que forjáramos, atribuindo-a ao Sr. Ross. Fora o rascunho original; mas a caligrafia não parecera suficientemente bem imitada e Augusto escrevera outra, colocando a primeira, por boa fortuna, no bolso do paletó, onde agora, era oportuníssimamente descoberta. Assim, apenas a tinta faltava e um substituto foi logo encontrado por meio de uma leve incisão com o canivete na ponta de um dedo, mesmo por cima da unha. Seguiu-se copioso jorro de sangue, como sucede nos ferimentos em tal região. Foi então escrito o bilhete, o melhor que podia ser, na escuridão e em tais circunstâncias. Resumidamente, explicava-se nele que irrompera um motim; que, o Capitão Barnard tinha sido abandonado num

bote, em pleno mar, e que eu podia esperar imediato auxílio, tão logo se obtivessem as provisões, mas não devia aventurar-me a provocar qualquer alarme. O bilhete concluía com estas palavras: "*escrevi isto com sangue; sua vida depende de ficar encerrado*".

O pedaço de papel fora amarrado sobre o cão, introduzido pela escotilha e Augusto tratou de regressar às pressas para o castelo de proa, onde não achou motivos para crer que qualquer pessoa da tripulação tivesse estado em sua ausência. Para esconder o buraco no tabique, fincou o canivete bem por cima dele e ali pendurou uma jaqueta que encontrara no beliche. Recolocou depois as algemas, bem como a corda, em volta dos tornozelos.

Mal tais arranjos tinham sido terminados, Dirk Peters desceu, muito embriagado, mas de excelente humor, trazendo consigo a ração de provisões do dia para meu amigo. Consistia ela de doze grandes batatas irlandesas assadas e um cântaro de água. Sentou-se, por algum tempo, numa arca junto do beliche e falou livremente acerca do piloto e dos assuntos do brigue em geral. Sua conduta era demasiado esquisita e mesmo grotesca. A princípio, Augusto ficou muito alarmado com esse estranho procedimento. Por fim, contudo, ele subiu ao tombadilho, resmoneando a promessa de trazer a seu prisioneiro um bom jantar, no dia seguinte. Durante o dia dois homens da tripulação (arpoadores) desceram, acompanhados pelo cozinheiro, todos três quase no mais elevado grau de bebedeira. Como Peters, não tiveram escrúpulos em falar sem reservas sobre seus planos. Parece que estavam muito divididos entre si por causa de sua rota ulterior, não concordando em ponto algum, a não ser no ataque ao navio que vinha das ilhas de Cabo Verde e que esperavam encontrar a todo instante. Tanto quanto se podia depreender, o motim não rebentara somente por causa do saque; uma desavença particular entre o primeiro-piloto e o Capitão Barnard tinha sido o motivo principal. Agora parecia haver duas facções principais entre a tripulação: uma chefiada pelo piloto e a outra pelo cozinheiro. O primeiro partido opinava pelo apresamento do primeiro navio conveniente que se apresentasse, equipando-o em alguma ilha das Índias Ocidentais para um cruzeiro de pirataria. A outra parte, contudo, que era a mais forte, e incluía Dick Peters entre seus partidários, inclinava-se pelo prosseguimento da rota originariamente traçada para o navio até o Pacífico Sul, e uma vez ali, pescar-se-iam baleias ou far-se-ia qualquer outra coisa que as circunstâncias pudessem sugerir. Os

argumentos de Peters que freqüentemente visitara aquelas regiões, tinham grande peso na aparência, entre os amotinados, dado o fato de oscilarem entre semi-concebidas noções de lucro e de diversão. Ele insistia de aventura e prazer que se encontraria entre as ilhas do Pacífico, no gozo de perfeita segurança e liberdade sem quer restrição e, mais particularmente, na delícia do clima, nos abundantes meios de viver à farta e na voluptuosa beleza das mulheres. Nada fora ainda decidido, contudo; mas as descrições do híbrido comissário tornavam força nas ardentes imaginações dos marujos e havia todas as probabilidades de que suas intenções fossem finalmente levadas a efeito.

Os três homens subiram, cerca de uma hora depois e ninguém mais entrou no castelo de proa o dia inteiro. Augusto ficou quieto até à noite. Libertou-se então das cordas e dos ferros e preparou-se para sua tentativa. Em um dos beliches encontrou uma bilha que encheu com água do cântaro deixado por Peters, provendo os bolsos, ao mesmo tempo, de batatas frias. Com grande alegria conseguiu também encontrar uma lanterna com um pedacinho de vela de sebo. Poderia acendê-la a qualquer momento, pois possuía uma caixa de fósforos. Quando ficou completamente escuro enfiou-se pelo buraco do tabique, tendo tomado a precaução de arrumar as roupas de cama no beliche, de modo a darem a impressão de pessoa coberta. Atravessada a abertura, pendurou como antes a jaqueta no canivete, para esconder o buraco. Isso foi facilmente feito pois ele não tinha de reajustar o pedaço de madeira cortado enquanto não voltasse. Estava então na escotilha da ponte do porão e passou a caminhar, como antes, entre o ferro e os barris de óleo para a escotilha principal. Tendo-a alcançado, acendeu o pedaço de vela e desceu, escorregando, com extrema dificuldade entre a compacta trastaria do porão. Em poucos momentos ficou alarmado em face do insuportável mau cheiro e do abafamento da atmosfera. Não podia considerar possível que eu tivesse sobrevivido ao meu encerramento por período tão longo, respirando um ar tão opressivo. Chamou-me pelo nome repetidamente, mas não lhe dei resposta e suas apreensões pareceram assim ser confirmadas. O brigue jogava violentamente e, em consequência, havia muito barulho, o que tornava inútil tentar ouvir qualquer som fraco, como os de respirar ou ressonar. Abriu a lanterna e conservou-a tão alta quanto possível, a fim de que, em qualquer oportunidade, eu pudesse, se ainda vivo, pela observação da luz, saber que o socorro se aproximava. Nada, entretanto, ouviu de mim e a

suposição de minha morte passou a assumir o caráter de certeza. Decidiu-se, não obstante a forçar a passagem até o caixote, se possível, e pelo menos certificar-se, sem sombra de dúvida, da verdade de suas hipóteses. Esforçou-se para diante por algum tempo, no mais lastimável estado de ansiedade, até que por fim encontrou o caminho completamente bloqueado, não havendo mais possibilidade de prosseguir mais para a frente pelo caminho em que se enfiara. Subjugado por seus sentimentos, atirou-se então, desesperado, entre a trastaria, chorando como uma criança. Foi nessa ocasião que ouviu o ruído ocasionado pela garrafa que eu atirara fora. Afortunado em verdade foi esse incidente, pois dele, por mais trivial que pareça; dependeu o fio de meu destino. Muitos anos, todavia, defluíram sem que eu soubesse de tal fato. Uma natural vergonha e o pesar por sua fraqueza e indecisão impediram Augusto de me confidenciar, naquele tempo, o que só depois a intimidade profunda e sem reservas o induziu a revelar-me. Depois de verificar que seus futuros avanços pelo porão eram impedidos por obstáculos que não podia superar, resolveu abandonar sua tentativa de procurar-me e voltar logo para o castelo de proa. Antes de condená-lo completamente por essa resolução, as angustiosas circunstâncias que o enredavam devem ser consideradas. A noite se ia escoando e sua ausência do castelo de proa podia ser descoberta; e, na verdade, tal coisa sucederia fatalmente se ele deixasse de regressar ao beliche antes do raiar do dia. Sua vela morria no castiçal, e só com a maior dificuldade poderia reencontrar o caminho nas trevas. Deve-se também convir em que ele tinha todas as melhores razões para me considerar morto; caso em que nenhum benefício lhe adviria de procurar-me no caixote e um mundo de perigos haveria para ele, sem nenhuma vantagem. Chamara repetidamente e eu não respondera. Fazia agora onze dias e onze noites não possuía mais água do que a contida na bilha que ele me deixara, suprimento que não era, em absoluto, provável haver poupado ao início de meu encerramento, visto como tinha todas as razões para esperar rápida libertação. A atmosfera do porão devia ter-lhe aparecido, pois vinha do ar de certo modo livre da antecâmara, de natureza completamente venenosa e muito mais intolerável do que me parecera ao tomar pela primeira vez lugar no caixote pois naquele tempo e durante os meses anteriores a escotilha tinha sido mantida constantemente aberta. Ajuntem-se a estas considerações as cenas de sangueira e terror tão recentemente testemunhadas por meu amigo; seu aprisionamento, suas

privações, suas escapadas da morte por um triz, bem como a frágil e equívoca possibilidade de vida, circunstâncias estas todas muito bem calculadas para prostrarem todas as energias do espírito, e o leitor será facilmente levado, como eu, a considerar sua aparente falta de amizade e de lealdade antes com sentimentos de tristeza e de cólera.

O espatifar-se da garrafa fora distintamente ouvida; Augusto porém, não estava certo de que procedesse do porão. Só a dúvida entretanto, era suficiente estímulo para que perseverasse. Trepou até perto do soalho da ponte no porão, valendo-se da trastaria, e depois, aguardando uma pausa nos pinchos do barco, chamou-me no tom mais alto que lhe foi possível, sem, na ocasião, cuidar de que o ouvissem os da equipagem. Recorde-se que nessa ocasião a voz dele chegou a mim, mas estava tão completamente subjugado por violenta excitação que fui incapaz de responder. Crendo agora que suas piores apreensões eram bem fundamentadas, ele desceu a fim de regressar ao castelo de proa, sem perda de tempo, na pressa, caíram algumas caixinhas, barulho que eu ouvi como se recordam. Já avançara ele muito, no seu regresso, quando a queda do facão de novo o levou a hesitar. Voltou sobre seus passos imediatamente e, trepando pela trastaria pela segunda vez, pelo nome, alto como dantes, depois de esperar por uma pausa. Desta vez, encontrei voz para responder. No auge do contentamento por descobrir-me ainda com vida, resolveu então afrontar todas as dificuldades e perigos para procurar-me. Desvencilhando-se rapidamente como foi possível do labirinto de trastes que o cercava, deu afinal com uma abertura que lhe pareceu melhor, e finalmente, depois de uma série de lutas, chegou ao caixote num estado de extrema exaustão.

CAPÍTULO VI

OS PRINCIPAIS pormenores dessa narrativa foram os que Augusto me comunicou, enquanto permanecíamos perto do caixote. Só mais tarde entrou ele completamente em todos os detalhes. Estava apreensivo, temendo perder-se, e eu ardia de impaciência por deixar o detestado lugar de minha prisão. Resolvemos seguir imediatamente até o buraco no tabique, perto do qual eu ficaria por enquanto, saindo ele para fazer um reconhecimento. Deixar Tigre no caixote era coisa em que nenhum dos dois podia sequer pensar, contudo a questão estava em como retirá-lo sem perigo. Ele parecia estar perfeitamente calmo, e nem mesmo pudemos perceber o som de sua respiração ao aplicar os ouvidos bem junto do caixote. Eu me convencera de que ele estava morto e resolvi abrir a porta. Encontramo-lo deitado de comprido, aparentemente em profundo torpor, mas vivo ainda. Não havia tempo a perder, embora não me resignasse a abandonar um animal que, por duas vezes tinha sido o instrumento de salvação de minha vida, sem qualquer tentativa de salvá-lo. Por conseguinte, arrastamo-lo conosco o melhor que pudemos, apesar de imensas dificuldades e fadigas. Durante parte do tempo, Augusto foi forçado a subir sobre os obstáculos de nosso caminho, com o enorme cão nos braços, façanha para a qual me tornava totalmente inadequado a fragilidade de meu estado. Afinal conseguimos alcançar a abertura; Augusto introduziu-se nela e Tigre foi depois empurrado por ali. Tudo se completara a salvo e não nos esquecemos de render sinceras graças a Deus pela nossa libertação do iminente perigo de que havíamos escapado. Provisoriamente, concordamos em que eu deveria permanecer perto da abertura através da qual meu companheiro facilmente me podia suprir com

uma parte de sua provisão diária e onde eu poderia ter a vantagem de respirar uma atmosfera relativamente pura.

Na explanação de algumas partes desta narrativa, tenho falado da trastaria armazenada no brigue, o que pode parecer ambíguo a muitos de meus leitores que poderiam imaginar uma armazenagem bem feita ou regular. Devo frisar aqui que a maneira pela qual esse importantíssimo dever se efetuara a bordo do *Grampus* deu mostras da mais vergonhosa negligência por parte do Capitão Barnard que de modo algum era marinheiro tão cuidadoso ou experimentado a como necessariamente o requeria a perigosa natureza do serviço em que se empregava. Uma armazenagem bem feita não podia ser efetuada de modo descuidado, e muitos dos desastrosos acidentes, mesmo dentro dos limites de minha própria existência, se originam da negligência ou da ignorância nesse particular. Navios costeiros, na frequënte confusão e correria, à espera de carga e de descarga, são os mais expostos a desastres pela falta da atenção requerida pela armazenagem. O ponto principal consiste em não dar à carga ou lastro qualquer possibilidade de mudar de posição, mesmo com as mais violentas oscilações do navio. Para esse fim, deve-se prestar a maior atenção não só à massa dos volumes recebidos, mas à natureza desses volumes, de ser a carga total ou somente parcial. Em muitas espécies de frete o armazenamento se efetua por meio de compressão. Assim num carregamento de fumo ou farinha de trigo, tudo se comprime tão apertadamente no porão do barco que os fardos e tonéis depois da descarga, se acham completamente achatados e levam tempo a recuperar a forma original. Essa compressão, contudo destina-se principalmente a obter mais espaço no porão, porque uma carga *completa* de quaisquer produtos, como farinha de trigo ou fumo, não pode haver perigo de mudança de lugar ou, pelo menos de que inconvenientes resultem daí. Têm havido oportunidades, todavia, em que esse método de compressão redundou nas mais lamentáveis consequências, originadas de causa completamente diversas do perigo que reside na alteração da posição da carga. Um carregamento de algodão, por exemplo, apertadamente comprimido, pode em certas condições, como se sabe, pela expansão de seu volume, por um barco a pique. Não pode haver dúvida de que também o mesmo resultado se obteria, no caso do fumo, sob seu processo usual de fermentação, caso não houvesse os interstícios consequentes da rotundidade dos tonéis.

É quando se toma um carregamento parcial que o perigo de alteração de posição se torna maior e todas as providências se devem tomar para evitar semelhante infortúnio. Só os que encontram uma violenta borrasca de vento ou os que já experimentaram a oscilação de um navio na súbita calma após a tempestade podem formar idéia da tremenda força com que o barco joga e do ímpeto terrível conseqüentemente dado a todos os objetos que nele se encontram. É então que a necessidade de um armazenamento cuidadoso, quando a carga é parcial, se torna óbvia. Quanto à vela (especialmente com uma pequena vela de proa) um navio que não seja modelado com propriedade na proa é frequentemente arremessado sobre a popa; isso ocorre mesmo de quinze a vinte minutos depois de uma avaria, embora sem que daí resultem sérias consequências, *desde que haja uma armazenagem bem feita*. Se, contudo, não se cuidou da mesma estritamente, no primeiro desses fortes pinchos toda a carga tomba sobre o lado do brigue que se acha mergulhado e, impedido assim de recobrar seu equilíbrio como deveria necessariamente fazer, o barco faz água, por certo, em poucos instantes e soçobra. Não é demais dizer que pelo em metade das vezes em que se afundaram navios em fortes tempestades no mar pode a causa ser atribuída à mudança de lugar da carga ou do lastro.

Quando uma carga parcial de qualquer espécie se toma à bordo, o conjunto, depois de armazenado o mais compactamente possível, deve ser coberto com uma camada de grossas tábuas corrediças, estendendo-se completamente através do navio. Sobre estas tábuas, fortes pontaletes provisórios devem ser levantados, de modo a alcançarem os vigamentos ao alto, mantendo assim todo o seu lugar. Nas cargas que consistem de grãos, ou de outro material semelhante, precauções adicionais são requeridas. Um porão completamente cheio de grãos ao deixar o porto estará apenas cheio em três quartas partes de sua capacidade ao alcançar o porto de destino; e isso embora o carregamento, quando medido quartilho a quartilho pelo consignatário, ultrapasse grandemente (dado o entumescimento dos grãos) a quantidade consignada. Esse resultado decorre do *assentamento* verificado durante a viagem e mais se torna perceptível em relação à maior aspereza do tempo encontrado. Se, pois, o grão posto solto num navio não for segurado por pranchas e pontaletes, certamente corre perigo de mudar tanto de posição, numa longa travessia, que produzirá as mais terríveis calamidades. A fim de evitá-lo, todos os métodos de *assentar* a carga o máximo possível devem ser empregados

antes de sair do porto, e para isso há muitos processos, entre os quais pode ser mencionado o de introduzir cunhas entre o grão. Mesmo depois que tudo isso se fez e cuidados inusitados se tomaram assegurar as pranchas, nenhum marinheiro que entenda do riscado se sentirá completamente seguro com uma carga de grão a bordo, e menos ainda, com uma carga parcial. Há, contudo, centenas de nossos navios de cabotagem e, semelhantemente, muitos mais de linha transatlântica, que todos os dias viajam com cargas parciais, mesmo das mais perigosas espécies, sem qualquer precaução especial. É de admirar que não ocorram mais acidentes do que os de costume. Uma lamentável prova dessa negligência ocorreu, como sei, do Capitão Joel Rice, da escuna *Firefly*, que viajava de Richmond na Virgínia, para a Madeira, com uma carga de cereais no ano de 1825. O capitão fizera diversas viagens sem sérios acidentes embora não tivesse o hábito de dar a menor atenção ao armazenamento, além de segurá-lo como de costume. Nunca navegara antes com uma carga de grão e nessa ocasião tomara os cereais soltos a bordo, não enchendo mais que metade da capacidade do navio. Na primeira parte de sua viagem encontrou apenas leves brisas; mas, quando estava a um dia de viagem da Madeira, veio-lhe de norte-nordeste forte tormenta que o forçou a soltar uma vela só. Atirou a escuna contra o vento, com apenas uma vela do raquete em duplos rizes, correndo ela tão bem como se poderia esperar de qualquer navio, sem receber uma só gota de água. Para a noite a tormenta se abrandou um pouco e a escuna jogou com mais insegurança do que antes, mas ainda se portou muito bem, um forte pincho a atirou sobre a popa, a estibordo. Ouviu-se então que os cereais mudavam completamente de posição, e a força do movimento arrebentou a escotilha maior, abrindo-a. O navio afundou-se com a rapidez de um relâmpago. Isso aconteceu à vista de uma pequena chalupa da Madeira, que recolheu um dos da tripulação (o único que se salvou) e que saiu da tempestade em perfeita segurança, como até um escaler poderia ter feito, se perfeitamente dirigido.

A armazenagem a bordo do *Grampus* fora feita à matroca, se é que se pode chamar armazenagem ao que pouco mais era do que uma promíscua mistura de barris de óleo[1] e trastaria de bordo. Já falei das condições da mercadoria no porão. Na ponte do porão havia espaço suficiente para meu corpo (como já disse) entre os barris de óleo e o forro; deixara-se um espaço vago em torno da escotilha principal; e diversos outros espaços se

encontravam entre o armazenamento. Perto da abertura feita por Augusto no tabique, havia lugar suficiente para um tonel inteiro e nesse espaço achei-me confortavelmente instalado por então.

Nesse tempo, meu amigo se introduzira a salvo no beliche e recolocara as algemas e a corda; já alvorecera o dia. Escapáramos, na verdade, por um triz, pois mal se havia ele arrumado desceu o piloto, com Dirk Peters e o cozinheiro. Falaram por algum tempo acerca do navio que vinha de Cabo Verde, mostrando-se ansiosos por seu aparecimento. Afinal, o cozinheiro foi até o beliche em que Augusto estava deitado e sentou-se nele, junto à cabeceira. De meu esconderijo eu podia ver e ouvir tudo, pois o pedaço cortado não fora recolocado e a cada momento eu esperava que o negro caísse sobre a jaqueta que pendia encobrindo a abertura; nesse caso, tudo teria sido descoberto e nossas vidas, sem dúvida, seriam imediatamente sacrificadas. Prevaleceu, contudo, nossa boa estrela; e embora ele freqüentemente tocasse a jaqueta enquanto o navio jogava, não chegou a fazer contra ela pressão suficiente para levá-lo a uma descoberta. O forro da jaqueta tinha sido cuidadosamente espichado sobre o tabique, de modo que o buraco não podia ser visto quando ela balançava para um lado. Durante esse tempo Tigre permanecia deitado aos pés do beliche e parecia de algum modo recuperado suas faculdades, pois pude vê-lo, às vezes, abrir os olhos e exalar um sopro prolongado.

Poucos minutos depois o piloto e o cozinheiro subiram, deixando embaixo Dirk Peters, que, logo à saída deles, sentou-se no lugar que até então o piloto ocupara. Começou a falar muito cordialmente com Augusto e pudemos então verificar que a maior parte de sua embriaguez, patente enquanto os outros estavam com ele, era fingida. Respondeu, com inteira liberdade, a todas as perguntas de meu companheiro; falou-lhe que não havia dúvida de que seu pai tinha sido salvo, pois nada menos de cinco navios estavam à vista, mesmo antes do findar do dia em que ele fora posto a flutuar num bote; e usou outras palavras de índole consoladora que me causaram não menos surpresa do que prazer. Na verdade comecei a entreter a esperança de que poderíamos, por meio de Peters chegar a retomar posse do brigue. Mencionei essa idéia a Augusto, logo que encontrei uma oportunidade. Ele achou a coisa possível, mas insistiu sobre a necessidade da máxima cautela ao fazermos tal tentativa, pois a conduta do mestiço parecia ser apenas instigada pelo mais arbitrário dos caprichos; e, em realidade, era difícil dizer-se, em algum momento, se ele se achava

bom da cabeça. Peters subiu ao tombadilho uma hora depois e só voltou ao meio-dia, quando trouxe a Augusto um suprimento de carne-seca e pudim. Partilhei deles, com todo o coração quando ficamos sós, sem voltar pelo buraco. Ninguém mais desceu ao castelo de proa durante o dia, e à noite enfiei-me no beliche de Augusto, onde dormi profunda e docemente até quase aurora, quando ele me despertou, por ouvir ruído sobre o tombadilho, e regressei a meu esconderijo o mais depressa possível. Quando o dia já avançava, verificamos que Tigre já recuperava inteiramente suas forças e não dava sinais de hidrofobia, bebendo com evidente avidez um pouco de água que lhe oferecemos. Durante o decurso do dia recuperou seu antigo vigor e apetite. Sua estranha conduta se originara, sem dúvida, do ar deletério que se respirava no porão e não tinha relações com a raiva canina. Eu não podia alegrar-me quanto bastasse por tê-lo trazido comigo do caixote. Estávamos no dia 30 de junho, o décimo-terceiro desde que o *Grampus* zarpara de Nantucket.

A 2 de julho o piloto desceu, bêbedo como de costume e excessivamente bem-humorado. Foi ao beliche de Augusto e perguntou-lhe dando-lhe uma tapinha nas costas, se pensava que se podia comportar, caso o deixassem solto, e se prometia não ir a cabine de novo. Naturalmente, meu amigo respondeu a isso pela afirmativa, e então, o rufião o pôs em liberdade, depois de fazer com que bebesse de um frasco de rum que tirou do bolso do paletó. Ambos foram, então, ao tombadilho e não vi Augusto durante três horas. Depois, ele desceu, com a boa-nova de que lhe fora dada permissão de para andar por onde quisesse pelo brigue, do mastro principal para a frente, e que lhe mandaram que dormisse, como de costume, no castelo de proa. Trouxe-me, também, um bom jantar e um suprimento completo de água. O brigue ainda cruzava à procura do navio vindo de Cabo Verde e havia à vista uma vela se julgava ser o barco. Como os acontecimentos dos seguintes oito dias foram de pequena importância e não influíram diretamente sobre os principais incidentes de minha narrativa, narrá-los-ei aqui em forma de diário, pois não desejo omiti-los completamente.

Julho, 3. Augusto forneceu-me três cobertores, com os quais armei uma cama confortável em meu esconderijo. Ninguém desceu, exceto meu companheiro, durante o dia. Tigre colocou-se junto ao beliche, mesmo ao lado da abertura, e dormiu pesadamente, como se ainda não se tivesse recobrado de todos os efeitos de sua enfermidade. Para a noite, um pé-de-

vento bateu contra o navio, antes que pudessem capar as velas, e quase que o fez soçobrar. A rajada contudo, morreu imediatamente e não causou prejuízo maior do que despedaçar a mezena de proa. Dirk Peters tratou Augusto, durante todo esse dia, com grande bondade, e entreteve longa conversa com ele a respeito do oceano Pacífico e das ilhas que visitara naquela região. Perguntou-lhe se não gostaria de seguir os amotinados numa espécie de viagem de exploração e recreio por aqueles recantos, e disse que os marinheiros se iam gradualmente se convertendo às idéias do piloto. Augusto julgou melhor responder a isso que se sentiria satisfeito em participar de tal aventura desde que não se podia fazer coisa melhor, e que tudo era preferível a uma vida de pirataria.

Julho, 4. Verificou-se que o navio à vista era um pequeno brigue vindo de Liverpool e deixaram-no passar sem ser molestado. Augusto passou a maior parte do tempo no tombadilho, a fim de obter todas as informações possíveis acerca das intenções dos amotinados. Tinham frequentes e violentas brigas entre si, em uma das quais um arpoador, Jim Bonner, fora atirado ao mar. O partido do piloto ganhava terreno. Jim Bonner pertencia ao grupo do cozinheiro de que Peters era partidário.

Julho, 5. Ao amanhecer, uma brisa forte veio do oeste, intensificando-se ao meio-dia numa tormenta, de modo que o brigue apenas podia levar as velas de baixel e de traquete. Ao colher o topete do traquete, Simms, um dos marujos que também pertencia ao grupo do cozinheiro, caiu ao mar, pois estava muito embriagado, e afogou-se, sem que se fizesse qualquer tentativa para salvá-lo. O número total das pessoas a bordo era agora de treze, a saber: Dick Peters, Seymour (o cozinheiro negro), Jones, Greely, Hartman Rogers e William Allen, todos do bando do cozinheiro; o piloto, — cujo nome nunca soube —, Absalão Hicks, Wilson, João Hunt, e Ricardo Parker, do partido do piloto, além de Augusto, e de mim.

Julho, 6. A tormenta durou todo este dia, soprando em pesados pés-de-vento acompanhados de chuva. O brigue tomou boa quantidade de água por entre as suturas e uma das bombas foi conservada continuamente em serviço, sendo Augusto forçado a fazer seu turno. No crepúsculo, um grande navio passou perto de nós, só tendo sido descoberto quando já dentro de alcance. Supõe-se que o navio fosse aquele que os amotinados esperavam. O piloto falou-lhe, mas a resposta se afogou no rugir da tempestade. Às onze horas, bateu de encontro ao meio do navio uma onda

que arrancou a maior parte da amurada de bombordo e produziu outras pequenas avarias. Para o amanhecer, o tempo moderou-se, e ao nascer do sol havia pouco vento.

Julho, 7. Singrando enormes ondas, durante todo o dia, o brigue, muito leve, jogava excessivamente, e muitos artigos soltos, se despedaçaram no porão, como eu podia claramente ouvir de meu esconderijo. Sofri bastante de enjôo. Peters teve uma longa conversa com Augusto e falou-lhe que dois do bando, tinham-se virado para o do piloto e resolvido tornar-se piratas. Fez diversas perguntas a Augusto, que este, no momento, não compreendeu perfeitamente. Durante uma parte da tarde aumentou o rombo no navio; pouco se podia fazer para remediá-lo, pois fora ocasionado pelos esforços do brigue e pela água introduzida através das suturas. Desfiou-se uma vela, que foi colocada sob a proa, o que nos ajudou de algum modo, pois então começamos a vencer o rombo.

Julho, 8. Uma leve brisa ergueu-se, ao nascer do sol do leste, e o piloto dirigiu o brigue para sudoeste, com a intenção de atingir alguma ilha das Índias Ocidentais para efetuar seus desígnios de pirataria. Nenhuma oposição foi feita por Peters ou pelo cozinheiro, pelo menos nenhuma que chegasse aos ouvidos de Augusto. Toda idéia de assaltar o navio vindo de Cabo Verde fora abandonada. O rombo era agora facilmente dominado com o serviço de uma bomba trabalhando de três em três quartos de hora, retirou-se a vela de sob a proa. Falamos durante o dia a duas pequenas escunas.

Julho, 9. Belo tempo. Todos os homens empregados em reparar as amuradas. Peters teve, de novo, longa conversação com Augusto e falou mais explicitamente do que havia feito até então. Disse que nada poderia induzi-lo a aderir à opinião do piloto e demonstrou mesmo a intenção de arrancar-lhe o brigue das mãos e perguntou a meu amigo se podia contar com sua ajuda em tal caso, ao que Augusto, sem hesitar, respondeu afirmativamente. Peters disse então que iria sondar os outros de seu bando sobre o assunto, e subiu. Durante o resto do dia, Augusto não teve oportunidade de falar-lhe em particular.

CAPÍTULO VII

DEZ DE JULHO. Falamos a um brigue que vinha do Rio com rumo a Norfolk. Tempo nebuloso, com leve brisa soprando do leste. Hoje, Hartman Rogers morreu, pois desde o dia oito vinha sendo vítima de espasmos, depois de beber um copo de aguardente. Era ele do partido do cozinheiro e um dos que mereciam a principal confiança de Peters. Este disse a Augusto que acreditava ter sido o homem envenenado pelo piloto, acreditando que, se não ficasse de sobreaviso, a sua vez chegaria depressa. Só ele agora, Jones e o cozinheiro pertenciam ao grupo deste; do outro lado, eram cinco. Peters falara a Jones acerca de arrebatar o comando do piloto; mas, como o projeto fora muito friamente recebido, ele evitou levar o assunto longe, bem como dizer qualquer coisa ao cozinheiro. E, de fato, andou bem em mostrar-se tão prudente, pois, na tarde seguinte o cozinheiro expressou sua resolução de bandear-se para o piloto, ingressando efetivamente no partido daquele; de outro lado, aproveitou uma oportunidade de brigar com Peters e ameaçou fazer o piloto ciente do plano em elaboração. Não havia mais, evidentemente, tempo a perder. Peters manifestou sua decisão de tentar tomar o navio, custasse o que custasse, contanto que Augusto fosse em sua ajuda. Meu amigo imediatamente garantiu-lhe sua resolução de participar de qualquer plano para esse fim e, julgando a oportunidade favorável, revelou-lhe o fato de estar eu a bordo. Com isso, o mestiço ficou tão surpreendido como deleitado, pois não tinha qualquer confiança em Jones, que já considerava como pertencendo ao partido do piloto. Desceram imediatamente e Augusto chamou-me pelo nome e logo travamos conhecimento, eu e Peters. Combinamos que tentaríamos tomar o navio na primeira oportunidade, deixando Jones completamente fora de nossas

confabulações. Em caso de vencermos, conduziríamos o brigue ao primeiro porto que aparecesse e o deixaríamos. A deserção dos de seu partido frustrara os desejos de Peters de ir ao Pacífico, aventura que não podia ser realizada sem tripulação. Ele confiava em ser libertado num processo, sob alegação de insanidade mental (a qual afirmou solenemente tê-lo levado a auxiliar o motim), ou em ser perdoado, se o considerassem culpado, em vista das representações em seu favor feitas por mim e Augusto. Nossas deliberações foram então interrompidas pelos gritos de "Todos ferrem as velas", e Peters e Augusto subiram ao tombadilho.

Como de hábito, quase toda a tripulação estava embriagada; e, antes que as velas pudessem ser convenientemente ferradas, violento vagalhão levantou o brigue de popa. Conservando-se para a frente porém, o barco, reergueu-se, tendo feito boa quantidade de água. Mal fora arranjado, outro vagalhão arrebatou o navio, e outro, sem danos, porém. Havia todas as aparências de uma tempestade de vento, que, na verdade, caiu rapidamente, com enorme fúria, vinda do norte e do oeste. Tudo foi acomodado como possível, e ferramos as velas como de costume, ficamos apenas com uma vela traquete inteiramente nos rizes. À medida que a noite avançava incrementava-se a violência do vento e o mar se tornava notavelmente agitado. Peters desceu depois com Augusto, ao castelo de proa e recomeçamos as deliberações.

Concordamos em que nenhuma oportunidade poderia ser mais favorável do que aquela para levar a efeito nosso desígnio, pois uma tentativa em momento tal nunca poderia ser prevista. Como o brigue estava seguramente com as velas ferradas, não havia necessidade de manobrá-lo até que voltasse o bom tempo, ocasião em que, se bem sucedidos em nosso projeto, poderíamos libertar um ou mesmo dois homens para ajudar-nos a conduzi-lo a um porto. A principal dificuldade estava na grande desproporção de nossas forças. Éramos apenas três e na cabine havia nove. Todas as armas a bordo também estavam em poder deles, com exceção de duas pequenas pistolas que Peters escondera consigo e a grande faca de marinheiro que ele sempre usava no cinturão de suas calças. Igualmente, e por certas indicações (como, por exemplo, a de não se encontrar nos lugares do costume nenhum machado ou espeque), começamos a temer que o piloto tivesse suas suspeitas, pelo menos em relação a Peters, e que não deixaria passar oportunidade de desembaraçar-se dele. Era claro, de fato, que não poderia ser feito tarde demais o que

havíamos decidido fazer. Com tudo, a disparidade era muito contra nós e não nos permitia agir sem a maior cautela.

Peters propôs que subiria ao tombadilho e entraria em conversação com Allen, o vigia, até que fosse capaz de sem distúrbio e sem qualquer trabalho, aproveitando-se duma boa ocasião, Augusto e eu deveríamos então subir e tentar armar-nos no tombadilho com qualquer espécie de coisas que pudesse servir de armas; depois faríamos juntos uma sortida para o passadiço a fim de dominá-lo antes que se pudesse oferecer oposição. Declarei-me contra isso, pois não podia crer que o piloto (que era um sujeito astuto em tudo quanto não se relacionasse com seus preconceitos supersticiosos) se deixasse cair em tão fácil armadilha. O próprio fato de haver um vigia no tombadilho era prova suficiente de que ele estava alerta, pois não era costume, a não ser em navios onde a disciplina se mantém rigidamente, vigia no tombadilho quando o barco está de velas ferradas numa tempestade de vento. Como me dirijo, principalmente, senão inteiramente, a pessoas que nunca viram o mar, julgo de bom aviso definir a exata situação de um navio em tais circunstâncias. Ferrar as velas é uma medida adotada para vários fins e efetuada de diversas maneiras. Em tempo moderado, é ela tomada frequentemente com finalidade de apenas levar o navio a uma parada, para esperar por outro barco ou qualquer motivo similar. Se o navio que ferra as velas está com as mesmas soltas, a manobra se realiza habitualmente colhendo certa porção das velas, de modo a que o vento as tome por detrás, fazendo então o navio estacionar. Falamos porém, de ferrar as velas numa tempestade. Isto se faz quando o vento está pela frente e é demasiado violento para permitir colher as velas sem perigo de naufragar e, às vezes, mesmo quando o vento é bom mas o mar está tão agitado que o navio não poderá afrontá-lo. Se um navio corre de vento em popa num mar muito agitado, muitos danos usualmente ocorrem pelo recebimento de água sobre a proa e, muitas vezes, pelos violentos mergulhos que dá para diante. Em tais casos, raramente se recorre àquela manobra, a não ser em caso de necessidade. Quando o navio está com um rombo, é muitas vezes posto a correr com o vento, ainda que o mar esteja agitadíssimo, pois, ferrando as velas, é quase certo que o rombo seja ampliado grandemente pelo seu violento esforço, o que não acontece tanto com vento pela popa. Muitas vezes também torna-se necessário correr com o vento ou quando a rajada é tão furiosa que despedaçaria um navio se a enfrentasse, ou quando, pelo

defeituoso modelamento da estrutura ou qualquer outra coisa, aquela simples manobra não pode ser efetuada.

Numa tempestade de vento, os navios têm velas ferradas de diferentes maneiras, de acordo com sua construção peculiar. Alguns ferram as velas ficando com a do traquete, que é, creio eu, a mais comumente empregada para tal fim. Os aparelhados com velas duplas têm velas para esse expresso fim, chamadas velas de estai de tormentas. Mas, ocasionalmente, se emprega a bujarrona, por vezes a de bujarrona e a de traquete, ou uma vela de traquete em duplos rizes, e não raro também se usam as velas de popa. As velas do topete do traquete muitas vezes servem melhor a esse propósito do que quaisquer outras. O *Grampus*, ao ferrar as velas, mantinha sempre uma vela de traquete inteiramente nos rizes.

Quando o navio ferra as velas, sua proa é levada contra o vento até quase encher a vela com que se mantém, tornando-a para trás, isso é, trazida diagonalmente através do navio. Feito isto, a proa aponta numa direção de poucos graus dentro da de onde o vento sopra e o lado de barlavento recebe naturalmente o choque das vagas. Nessa situação, um bom navio se sairá de uma pesada tempestade sem receber uma gota de água e sem que se necessite maior atenção por parte da tripulação. O leme é costumeiramente amarrado, mas isto é quase desnecessário (a não ser por causa do barulho que ele faz quando solto), pois não tem efeito quando o navio está com as velas ferradas. Na verdade, é preferível deixá-lo solto a amarrá-lo frouxamente, pois o leme pode ser despedaçado por mares agitados, se não houver espaço para o movimento do timão. Enquanto a vela suportar, um barco bem modelado manterá sua situação, atravessará qualquer mar, como se dotado de instinto, vida, e razão. Se, contudo, a violência da rajada puder despedaçar a vela, (fato que para efetivar-se, em circunstâncias ordinárias, requer nada menos do que um furacão), há então perigo iminente. O navio se desvia do vento e, dando o costado ao mar, fica inteiramente à sua mercê; o único recurso, neste caso, é colocá-lo calmamente a favor do vento, deixando-o correr de vento em popa, até que outra vela possa ser levantada. Alguns navios ferram todas as velas, mas não podem ser de confiança no mar.

Regressemos, porém, dessa digressão. Nunca fora costume do piloto ter vigia algum no tombadilho quando com as velas ferradas e o fato de que então houvesse um, acrescentado à circunstância do desaparecimento de machados e espeques, plenamente nos convenceu de que a tripulação

estava demasiado alerta para ser tomada de surpresa da maneira sugerida por Peters. Algo, contudo devia ser feito, e com o mínimo atraso possível, pois não havia dúvidas de que, levantada uma vez a suspeita contra Peters, ele seria sacrificado na ocasião mais próxima, e uma certamente se encontraria ou forjaria, depois de amainada a tempestade.

Augusto sugeriu que se Peters conseguisse remover, sobre qualquer pretexto, o pedaço de corrente que estava sobre o alçapão no camarote, poderíamos possivelmente cair sobre eles, sem que o percebessem, através do porão. Mas uma pequena reflexão convenceu-nos de que o navio jogava e oscilava violentamente para permitir qualquer tentativa dessa natureza.

Por boa sorte, afinal, cheguei à idéia de explorar os temores supersticiosos e a consciência criminosa do piloto. Devem-se lembrar que um dos da tripulação, Hartman Rogers, morrera pela manhã depois de haver sofrido de espasmos durante dois dias após haver tomado alguma bebida alcoólica e água. Peters manifestara-nos sua opinião de que aquele homem tinha sido envenenado pelo piloto e tinha, para crê-lo, razões que disse inquestionáveis, mas que não nos quis explicar, recusa estranha só relacionada com outros pontos de seu caráter singular. Mas tivesse ele ou não melhores motivos do que nós para suspeitar do piloto, facilmente concordamos com sua suspeita e decidimos agir de acordo com ele.

Rogers morrera cerca das onze da manhã, entre violentas convulsões, e o cadáver apresentava, poucos minutos depois do falecimento, um dos mais horríveis e pavorosos espetáculos que jamais vi, ao que me lembro. Seu estômago inchara imensamente como o de um homem que, afogando-se, tivesse permanecido na água por várias semanas. As mãos estavam na mesma situação ao passo que a face estava cavada, enrugada, de brancura de cal menos onde se levantaram duas ou três intumescências vermelhas, como as causadas pela erisipela. Uma dessa intumescências estendia-se diagonalmente pela face, cobrindo um dos olhos como se fosse uma faixa de veludo vermelho. Nessa repelente aparência, o corpo, ao meio-dia, fora trazido da cabine para ser atirado ao mar, quando, dando-lhe uma olhadela, o piloto, (que só então o via pela primeira vez), perturbado pelo remorso de seu crime, ou tomado de terror ante tão horrível espetáculo ordenou que os homens costurassem o corpo num saco e efetuasse os ritos costumeiros dos funerais marítimos. Depois de dar essas ordens desceu, como para evitar qualquer ulterior olhar à sua quanto se faziam os preparativos para obedecer a essas determinações, caiu a tempestade, com grande fúria, e

foi, por enquanto, abandonada a decisão de efetivá-las. Deixado a si mesmo, o cadáver fora arrastado pela água até as vazadouras de bombordo, onde ainda permanecia na ocasião de que falo, flutuando de um lado para outro, impelido pelo jogar violento do brigue.

Tendo combinado nosso plano, decidimos pô-lo em execução o mais rapidamente possível. Peters subiu ao tombadilho e, como previra foi imediatamente abordado por Allen, que parecia ter sido destacado mais para vigiar o castelo de proa do que para outra coisa. O destino desse vilão, porém, foi veloz e silenciosamente decidido, pois Peters, aproximando-se dele, descuidosamente, como se dirigir-lhe a palavra, agarrou-o pela garganta, e, antes que o homem pudesse emitir um só grito, atirou-o pelas amuradas ao mar. Chamou-nos depois, e subimos. Nossa primeira preocupação foi procurar em volta, alguma coisa com que pudéssemos armar-nos e, ao fazê-lo, devíamos proceder com o máximo cuidado, pois era impossível ficar de pé no tombadilho sem agarrar-nos a qualquer coisa, visto como violentas ondas batiam de encontro ao navio, a cada impulso que ele dava para a frente. Era indispensável também que fôssemos rápidos em nosso empreendimento, pois a cada minuto esperávamos que o piloto chamasse os homens para as bombas, que era evidente estar o brigue fazendo muita água. Depois de pesquisar em volta, por algum tempo, nada achamos de mais próprio para nosso intento do que duas bombas de mão, ficando Augusto com uma e eu com a outra. Depois de nos apossarmos delas despimos o cadáver, e atiramos o corpo ao mar. Peters e eu descemos em seguida, deixando Augusto de vigia no tombadilho, onde ele se colocou, no mesmo lugar que Allen ocupara, de costas a escada do camarote, de modo que se alguém da quadrilha do piloto subisse supusesse que se tratava do vigia primitivo.

Logo que desci, comecei a disfarçar-me, de modo a representar o cadáver de Rogers. A roupa que tiráramos do corpo ajudou-nos muito, pois era de formato e aparência singular, facilmente reconhecível: uma espécie de camisola que o defunto usava sobre suas roupas. Era um camisolão azul, com grandes listras brancas de través. Tendo-o vestido, passei a prover-me de falsa barriga, à imitação da horrível deformidade do cadáver intumescido. Isso logo se fez com um enchimento de roupas de cama. Dei após a mesma aparência às minhas mãos, calçando um par de luvas sem dedos, brancas de lã, que enchi de toda espécie de farrapos que encontrei. Peters, depois arranjou-me o rosto, esfregando nele bastante cal e

manchando-o depois com sangue; que extraiu de um corte no seu dedo. A listra atravessando um dos olhos não foi esquecida e apresentava a mais terrífica aparência.

CAPÍTULO VIII

AO CONTEMPLAR-ME num fragmento de espelho que se pendurava no camarote, e à fosca luz de uma espécie de lanterna de combate, fiquei tão dominado por um sentimento de vago espanto ante meu aspecto e a recordação da terrífica realidade, assim que fui tomado de violento tremor e mal podia decidir-me a continuar com o meu papel. Era, contudo, necessário agir com decisão e subi com Peters ao tombadilho.

Lá verificamos que ia tudo bem e, conservando-nos junto das amuradas, arrastamo-nos os três para a escada da cabine. Esta estava parcialmente fechada, apenas, e achas de lenha haviam sido colocadas no degrau superior de modo a impedir que fossem subitamente puxada de fora, precaução tomada contra qualquer ação exterior. Não tivemos dificuldade em ver perfeitamente o interior da cabine através das frestas dos gonzos. Provava-se agora que muito felizes fôramos, em não os termos atacado de surpresa, pois evidentemente estavam alertas. Só um dormia, e estava deitado bem ao pé da escada do tombadilho com um mosquete ao lado. Os demais estavam sentados em diversos colchões que haviam sido tirados dos beliches e estendidos no soalho. Travavam animada conversação e embora tivessem andado bebendo, como transparecia da presença de duas botijas vazias e alguns cálices de estanho que se espalhavam aqui e ali, não estavam tão embriagados como de costume, todos tinham facas, um ou dois pistolas, e muitos fuzis estavam num beliche, bem à mão.

Ouvimos sua conversação por algum tempo antes que pudéssemos planejar o modo de sair, pois nada havíamos decidido ainda de determinado, a não ser o tentar paralisar sua resistência, quando os atacássemos, com a aparição do fantasma de Rogers. Discutiam seus

planos de pirataria e tudo quanto pudemos ouvir distintamente foi que se uniriam com a tripulação da escuna *Hornet* e se possível, tomariam a própria escuna, como preliminar para uma tentativa de maior escala, cujos pormenores nenhum de nos conseguiu perceber.

Um dos homens falou de Peters e o piloto lhe replicou com a voz baixa, sem que pudéssemos ouvir. Depois acrescentou mais audivelmente, "que não podia compreender o que Peters tinha a fazer tantas vezes no castelo de proa com o fedelho do capitão e que pensava que, quanto mais cedo fossem ambos lançados ao mar, tanto melhor". Nenhuma resposta foi dada a isto, mas a sugestão foi muito bem recebida por todo o grupo, e mais particularmente por Jones. Neste momento, fiquei excessivamente agitado, tanto mais quanto podia ver que nem Peters nem Augusto sabiam o que fazer. Resolvi-me, contudo, a vender a vida o mais caro possível e a não me deixar dominar por qualquer temor.

O tremendo ruído feito pelo mugido do vento no velame e pelas ondas que varriam o tombadilho impediu-nos de ouvir o que se dizia, exceto durante calmas momentâneas. Numa delas distintamente, percebemos o piloto dizer a um dos homens "para subir e mandar que os malditos cães fossem para a cabine onde ele poderia tê-los de olho, pois não queria que houvesse segredos a bordo do brigue". Foi magnífico para nós o fato de que o navio jogasse tão violentamente nesse momento que impedisse a ordem de ter imediata execução. O cozinheiro levantou-se do seu colchão para ir à nossa procura quando um golpe tremendo da vaga, que pensei fosse arrastar os mastros, atirou-o, de cabeça, contra uma das portas dos camarotes de bombordo, abrindo-a e criando bastante confusão. Felizmente, ninguém de nosso grupo fora arrancado de seu lugar, e tivemos tempo de bater em precipitada retirada para o castelo de proa e arquitetar um apressado plano de ação antes que o mensageiro aparecesse, ou melhor, antes que pusesse a cabeça coberta do tombadilho, pois ele não chegou a subir até ali. Daquela posição não pôde observar a falta de Allen e, conseqüentemente, julgando-o lá, berrou-lhe, em repetição, as ordens do piloto. Peters respondeu com voz disfarçada: "Sim! Sim!", e o cozinheiro desceu imediatamente, sem abrigar a suspeita de que nem tudo ia bem.

Meus companheiros, então, se dirigiram ousadamente para a frente e desceram ao camarote, tendo Peters fechado a porta, ao mesmo modo por que a encontrara. O piloto recebeu-os com cordialidade e disse a Augusto que, visto como ele se havia conduzido tão bem ultimamente, poderia

tomar alojamento na cabine e ser um deles, dali por diante. Encheu-lhe então pela de rum, um copo, fazendo-o beber. Vi e ouvi tudo isto, pois segui meus amigos à cabine, logo que a porta se fechou, e retomei meu posto de observação anterior. Trouxera comigo as duas manivelas de bomba, uma das quais colocara junto da escada, para estar pronto a usá-la quando necessário.

Depois agucei os sentidos, tanto quanto possível, para nada perder do que se passava embaixo, ao mesmo tempo que me esforçava por enrijecer a vontade e a coragem para descer até os amotinados quando Peters me fizesse o sinal combinado previamente. Ele estava tentando desviar a conversa para os sangrentos assassínios do motim e gradualmente levou os marujos a falarem de mil superstições, universalmente existentes entre os homens do mar. Eu não podia perceber tudo quanto era dito, mas perfeitamente via os efeitos da palestra sobre os rostos dos presentes. O piloto estava evidentemente muito agitado e logo, quando alguém mencionou o terrível aspecto do cadáver de Rogers, pensei que ele estivesse a ponto de desmaiar. Peters perguntou-lhe então se ele não achava melhor lançar ao mar, pois, disse, era coisa demasiado terrível vê-lo debater-se assim a flutuar, entre os vazadouros. A tais palavras, o bandido arquejou pesadamente e voltou os olhos com vagar para cada um dos companheiros, como a pedir que algum subisse e realizasse a tarefa. Nenhum, contudo, se mexeu, e era bem evidente que todo o grupo atingira o mais alto grau de excitação nervosa. Peters, então, fez-me o sinal combinado. Abri imediatamente a porta da escada do tome, descendo, sem uma palavra, pus-me de pé, ereto, em meio do bando.

O intenso efeito produzido por esta súbita aparição não é de todo para admirar quando se consideram as diversas circunstâncias. Geralmente, em casos de semelhante natureza, resta no espírito dos espectadores algum resquício de dúvida acerca da realidade ante seus olhos; um grau de esperança, embora fraco, de que estão sendo vítimas de uma burla e de que a aparição não é um visitante vindo do velho mundo das sombras. Pode ser o suficiente dizer que esses remanescentes de dúvida estão sempre juntos de todas essas aparições, e que o horror enregelante que elas às vezes produzem deve ser atribuído, mesmo nos casos mais expressivos e em que mais sofrimentos se experimentaram, antes a uma espécie de terror antecipado de que a visão *pudesse possivelmente ser* real do que mesmo a uma crença firme em sua realidade. Mas, no caso presente, ver-se-á

imediatamente que nos espíritos dos amotinados não havia sequer a sombra de uma base sobre a qual dúvida de que a aparição de Rogers não fosse a ressurreição do cadáver nauseante, ou pelo menos de sua imagem espiritual. A situação isolada do brigue, que era inteiramente inacessível por causa da tempestade, limitava os meios possíveis de engano a tão estreitos e nítidos confins que eles se deviam ter considerado capazes de abrangê-los com um só olhar. Ora, eles haviam estado no mar vinte e quatro dias, sem manter mais do que uma comunicação verbal com outros barcos. A tripulação inteira — pelo menos toda a que eles tinham a mais remota razão para suspeitar achar-se bordo — estava reunida no camarote, exceto Allen, o vigia, e a gigantesca estatura deste (tinha mais de dois metros de altura) demasiado familiar a seus olhos para permitir a idéia de que fosse ele a aparição lhes viesse por um momento à mente. Ajunte-se a estas considerações a natureza inspiradora de terror da tempestade, bem como a da conversação provocada por Peters, pense-se na profunda impressão que a repulsividade do cadáver produzira pela manhã, nas imaginações dos homens; na excelência da imitação que eu fizera e na luz incerta e vacilante sob que eles me contemplavam, pois o clarão da lanterna do camarote, que se balançava com violência para lá e para cá, caia duvidosa e tremulamente sobre mim, e ninguém terá motivo para admirar-se de que a mistificação produzisse efeito muito mais amplo do que havíamos previsto. O piloto ergueu-se de um salto do colchão, onde estava deitado e, sem pronunciar uma sílaba, caiu de costas, como uma pedra, sobre o chão do camarote, e foi atirado para o fundo numa jogada mais violenta do navio. Dos sete que restavam, apenas três tiveram a princípio certo grau de presença de espírito. Os outros quatro sentaram-se por algum tempo, como se pregados ao soalho, os mais lastimáveis objetos de horror e de extremo desespero que meus olhos já encontraram. A única oposição que encontrei foi de cozinheiro, João Hunt, e de Ricardo Parker; mas fizeram apenas fraca e irresoluta defesa. Os dois primeiros foram instantaneamente mortos a tiros por Peters e eu feri Parker na cabeça com um golpe da alça de bomba que trouxera comigo. Entrementes, Augusto apoderou-se de um dos fuzis que se achavam no chão e alvejou outro amotinado (Wilson) no peito. Só três agora restavam; mas a esse tempo, haviam despertado de sua letargia e talvez começassem a compreender que haviam sido vítimas de um logro, pois lutaram com grande resolução e fúria; não fosse a imensa força muscular de Peters, teriam a melhor

sobre nós. Esses três homens eram Jones, Greely, e Absalão Hicks. Jones atirara Augusto ao solo e ferira-o em diversas partes do braço direito, e o teria, sem dúvida, liquidado (pois tanto Peters como eu não pudéramos ainda livrar-nos logo de nossos adversários) se não viesse a oportuna ajuda de um amigo, cuja assistência, sem dúvida, não havíamos esperado. Esse amigo era simplesmente Tigre. Com um surdo rosnado saltou do camarote, no momento mais crítico para Augusto, e, atirando-se sobre Jones, pregou-o ao chão num instante. Meu amigo, porém, achava-se então muito ferido para poder nos prestar mais qualquer ajuda e eu me achava tão ocupado, com a minha luta, que pouco podia fazer. O cão não deixaria de segurar a garganta de Jones. O Peters, não obstante, era um adversário muito sério para os dois que restavam e já teria acabado com eles antes se não fosse o pequeno espaço em que se podia mover, além do jogo tremendo do navio. Agora, conseguira apanhar um pesado escabelo dos vários que se achavam pelo chão. Com ele, arrebentou a cabeça de Greely, que estava a ponto de descarregar o fuzil contra mim, e imediatamente depois que um pincho do navio o pôs em contato com Hicks agarrou-o pela garganta e, graças à sua enorme força, estrangulou-o num segundo. Assim, em tempo muito menor do que levei para narrá-lo, encontramo-nos senhores do brigue.

A única pessoa dentre os nossos quatro adversários que foi deixada viva era Ricardo Parker. Fora esse, lembrem-se, o homem que eu ferira com o braço de bomba no início do ataque. Ele agora jazia imóvel, junto à porta do camarote em desordem. Mas, como Peters o tocasse com o pé, recuperou a fala e pediu misericórdia. Sua cabeça só estava cortada de leve e ele não havia recebido ferimentos, tendo ficado apenas tonto com o golpe. Levantou-se então, e, provisoriamente, amarramos-lhe as mãos por trás das costas. O cão ainda rosnava por cima de Jones, mas, depois de um exame, verificamos que este último estava inteiramente morto, escorrendo o seu sangue de uma profunda ferida na garganta, causada sem dúvida, pelos agudos dentes do animal.

Era cerca de uma hora da madrugada e o vento ainda soprava terrivelmente. O navio lutava muito mais do que de costume e tornava-se absolutamente necessário que fizéssemos alguma coisa a fim de aliviá-lo de certo modo. Quase a cada pincho, na direção do vento, a onda varria, caindo bastante água no camarote, durante nossa luta, pois eu deixara aberta a escotilha quando descera. Uma fileira inteira de amuradas a

bombordo fora arrancada, assim como a cozinha e o escaler da popa. Os rangidos e vibrações do mastro principal, além disso, indicavam que ele estava prestes a partir-se. A fim de dar mais espaço para a armazenagem no porão da frente, o pé desse mastro fora fincado entre tombadilhos (processo digno de censura a que às vezes recorrem armadores ignorantes), de modo que ele corria grande risco de sair da base. Mas, para cúmulo de nossas dificuldades, sondamos a arca de bomba e encontramos nada menos de dois metros e sessenta centímetros de água. Deixando os cadáveres no camarote, começamos imediatamente a trabalhar nas bombas. Parker, naturalmente, foi posto em liberdade para auxiliar-nos nesse trabalho. Fizemos, o melhor que foi possível, uma atadura para o braço de Augusto e o pobre rapaz trabalhou como pôde, isto é, quase nada. Entretanto, descobrimos que podíamos conseguir impedir que a brecha aumentasse se mantivéssemos sempre em funcionamento uma bomba. Como apenas fôssemos quatro, era um trabalho exaustivo; mas tentamos animar-nos e esperamos ansiosamente o alvorecer, julgando que então aliviaríamos o brigue, derrubando o mastro principal.

Dessa maneira passamos uma noite de terrível ansiedade e fadiga e, quando afinal o dia rompeu, a tempestade não se abatera em nada, nem havia o menor sinal de que se abrandasse. Arrastamos então os cadáveres para o tombadilho e atiramo-los ao mar. Nosso cuidado seguinte foi livrar-nos do mastro. Feitos os necessários preparativos, Peters cortou-o, pois achara machados nos camarotes enquanto os demais ficávamos juntos aos estais e aos cabos. Como o brigue desse um terrível salto, sob o sopro do vento, foi dado o sinal para cortar os cabos e, feito isso, a enorme massa de madeira e velame afundou-se no mar, livrando o brigue, sem causar prejuízo material. Verificamos então que o barco já não lutava tanto quanto antes, mas nossa situação era ainda imensamente precária, e a despeito dos mais enérgicos esforços, não podíamos dominar as brecha, sem o auxílio das duas bombas. A pequena assistência que Augusto nos podia prestar não era, em realidade, da menor importância. E, para mais angústia nossa, uma onda pesada ferindo o brigue do lado do vento, atirou-o vários pontos fora da direção do sopro e, antes que pudesse recuperar a direção, outra vaga, quebrou-se completamente sobre ele e o virou todo de lado. A carga então deslizou em massa para sota-vento (pois o armazenamento desde algum tempo estivera saltando inteiramente solto) e, durante alguns momentos, julgamos que nada nos salvaria de naufragar.

Pelo momento, porém, aprumamos parcialmente; mas a carga ainda mantinha seu lugar a bombordo e ficamos tão inclinados que era inútil pensar em trabalhar nas bombas; e, na verdade não poderíamos fazer muito, pois nossas mãos estavam inteiramente ulceradas pelo excessivo trabalho a que estivéramos sujeitos e sangravam do modo mais horrível.

Contra o conselho de Parker, passamos a cortar o mastro de proa e afinal conseguimo-lo, com enorme dificuldade, devido a posição em que estávamos. Caindo ao mar, o mastro cortado carregou consigo o gurupés, deixando-nos apenas o casco.

Tivéramos oportunidade, até então, de regozijar-nos por ter podido conservar nossa chalupa, que não fora danificada por nenhum desses enormes vagalhões. Não tivemos, porém, muito tempo para felicitar-nos, porque o mastro de mezena e a mezena, que mantinham um tanto o brigue, partiram-se ao mesmo tempo e cada vaga vinha então romper-se inteiramente sobre nós; em cinco minutos e o nosso tombadilho foi varrido de um extremo a outro, e o escaler e a amurada de estibordo arrancados, e até o próprio cabrestante se fez em pedaços. Na verdade, era quase impossível que ficássemos reduzidos à mais lastimável condição.

Ao meio-dia tivemos certa esperança de ver a tempestade abrandar mas ficamos cruelmente desiludidos porque ela só se acalmou por alguns instantes, para depois soprar com fúria maior. Às quatro da tarde tomara tal intensidade que nos era impossível ficar de pé. E chegada a noite, eu já não conservava sequer a sombra esperança. Não acreditava que o navio se pudesse sustentar até o amanhecer.

À meia-noite a água subira consideravelmente; chegara até a contracoberta. Pouco tempo antes partira-se o leme e o vagalhão que o arrastara levantou para fora da água toda a parte da popa, de modo que, ao cair, o brigue saltou dando uma sacudidela igual a um navio que encalha. Todos havíamos calculado que o leme se sustentaria até o fim, porque era particularmente forte e instado de um modo como até então nunca vira e como nunca mais vi depois igual. Ao longo de sua peça principal se estendia uma série de fortes ganchos de ferro, havendo outra série idêntica ao longo do cadaste. Através desses ganchos passava uma barra de ferro forjado muito espessa, ficando assim o leme ligado ao cadaste movendo-se em liberdade sobre a haste. A força terrível da onda que o arrancara pode ser avaliada pelo fato de que os ganchos do cadastre os quais se estendiam, como disse, de um extremo a outro, e eram firmados do lado oposto,

foram completamente arrancados da prancha de madeira, sem exceção de um só.

Mal tivemos tempo de respirar depois dessa violenta sacudidela, quando um dos mais espantosos vagalhões que eu já vi veio quebrar-se a prumo, sobre o tombadilho, carregando a escada da coberta, arrombando as escotilhas e inundando o navio com um autêntico dilúvio.

CAPÍTULO IX

FELICIDADE, pouco antes do anoitecer, estávamos todos solidamente agarrados aos destroços do leme, e assim nos deitamos sobre a coberta, tão estendidos no chão quanto possível. Essa precaução foi o que nos salvou da morte. Por enquanto, todos nos achávamos mais ou menos tontos, em vista do imenso peso de água que nos esmagara e quando, afinal, a onda se escoou, quase nos sentimos aniquilados. Logo que me foi possível respirar, chamei por meus companheiros, em voz alta. Somente Augusto me respondeu: "Que há de ser de nós? Deus tenha piedade de nossas almas!" ao fim de alguns instantes, os dois outros conseguiram falar e nos incitaram a ter coragem, dizendo que ainda havia alguma esperança, que era impossível que o brigue afundasse em vista de sua carga e que lá pelo amanhecer a tempestade se dissiparia. Essas palavras me restituíram à vida; porque, por mais estranho que isso possa parecer, e embora fosse evidente que um navio carregado de barris vazios não pode soçobrar, eu até então andara com o perturbado que tal consideração me havia escapado por completo e era precisamente o perigo de naufragar que eu desde algum tempo considerava como o mais iminente. Sentindo que a esperança renascia em mim, aproveitei todas as oportunidades de reforçar as amarras que me ligavam aos destroços do leme e logo descobri que meus companheiros, tendo a mesma idéia, faziam outro tanto. Estava a noite tão escura quanto possível e é inútil tentar descrever o rumor estonteante e o caos que nos cercavam. Nosso tombadilho estava ao nível do mar, ou antes, víamo-nos rodeados de uma crista de uma muralha de espuma, uma parte da qual, a cada passava sobre nós. Não é exagero dizer que nossas cabeças só ficavam fora da água um segundo em cada três. Embora estivéssemos deitados pertinho uns dos outros, não nos podíamos ver e

igualmente não avistávamos a menor parte do brigue sobre que tão terrivelmente éramos sacudidos. De vez em quando, chamávamo-nos uns aos outros, esforçando-nos assim para reavivar a esperança e dar um pouco de consolação e de coragem àquele de nós que mais pudesse necessitar disso. O estado de fraqueza de Augusto, fazia dele um motivo de inquietação para os outros; e, como tendo o braço direito partido, lhe era impossível apertar suas amarras bastante solidamente, a cada instante imaginávamos que ele ia ser carregado pelas águas; quanto a prestar-lhe socorro, era coisa completamente impossível. Seu lugar, felizmente, era mais seguro do que o de qualquer de nós, pois, estando a parte superior de seu corpo abrigada, precisamente, por um pedaço do timão quebrado achava-se enormemente amortecida a violência dos vagalões que caiam sobre ele. Em qualquer outra posição diversa daquela (que ele não havia escolhido, tendo sido ali lançado por acaso, depois de se haver prendido a um lugar perigosíssimo), infalivelmente teria perecido antes do amanhecer. O brigue, como já disse, adernava muito e devido a isso, estávamos menos expostos a ser varridos do que se o caso fosse diferente. O lado por onde o navio adernava era, como assinalei, o de bombordo, e metade do tombadilho mais ou menos, estava constantemente debaixo da água. Em consequência as ondas que se quebravam em nós, a estibordo, eram em parte amainadas pela banda do navio e, estendidos no soalho para baixo, só recebíamos fortes salpicos; quanto às vagas que nos vinham de bombordo, atacavam-nos pelas costas e, dada a nossa posição, não tinham bastante violência para arrancar-nos de nossas amarras.

Permanecemos deitados, nessa terrível situação, até que o dia mais claramente nos veio mostrar os horrores que nos rodeavam. O brigue não era mais do que um pedaço de madeira, rolando para lá e para cá, à mercê de cada vaga; a tempestade intensificava-se sempre. Se jamais houve furacão perfeito, era aquele. E não vimos nenhuma perspectiva natural de libertação. Durante algumas horas, conservamo-nos em silêncio, tremendo, a cada instante, no tremor de que nossas amarras cedessem, de que os destroços do leme caíssem ao mar ou de que um dos enormes vagalhões, que rugiam em torno de nós, ao alto, em todos os sentidos, afundasse tanto a frente da carcaça na água que nos afogássemos antes que ela pudesse voltar à superfície. A misericórdia de Deus, porém, preservou-nos desses perigos iminentes e, por volta do meio-dia, favorecidos com a luz abençoada do sol. Pouco tempo depois verificamos sensível

diminuição na força do vento e, pela primeira vez, desde a noite anterior, Augusto falou e perguntou a Peters, que estava deitado bem do lado oposto, se acreditava que houvesse qualquer probabilidade de salvação. Não tendo o mestiço dado qualquer resposta a esta pergunta, concluímos todos que ele havia sido afogado ali mesmo; mas logo, para grande alegria nossa, ele falou, com voz fraquíssima, dizendo que sofria muito, que estava quase cortado pelas amarras que lhe apertavam estreitamente o estômago e que era mister achar um meio de afrouxá-las, senão morreria, pois não poderia suportar por muito mais tempo tal tortura. Isso produziu-nos grande desgosto, pois nem se podia pensar em socorrê-lo enquanto as ondas continuassem a varrer-nos como o estavam fazendo. Exortamo-lo a suportar os sofrimentos com coragem e prometemos-lhe aproveitar a primeira ocasião que se oferecesse para aliviá-lo. Respondeu que, em breve, seria tarde demais; que seria um homem acabado antes que pudéssemos ir em seu socorro. E a seguir, depois de haver gemido durante alguns minutos, recaiu em seu mutismo e deduzimos daí que estava morto.

Ao aproximar-se a noite, o mar caiu de modo considerável; raramente no espaço de cinco minutos, mais de uma onda vinha de barlavento quebrar-se sobre o casco. O vento também se acalmara, muito embora ainda soprasse com bastante força. Fazia várias horas que não ouvia qualquer de meus companheiros falar; chamei então Augusto. Ele me respondeu, mas tão fracamente que não pude distinguir o que dizia. Falei então a Peters e a Parker, mas nenhum deles me deu resposta.

Pouco tempo depois, caí num estado de semi-insensibilidade, durante o qual as mais encantadoras imagens flutuaram em meu cérebro; imagens de árvores verdejantes, prados magníficos onde o trigo maduro ondulava, de fileiras de jovens, dançarinas, de tropas imponentes de cavalaria e outras coisas fantásticas. Recordo-me agora de que em tudo quanto desfilava perante o olhar de meu espírito a idéia predominante era a de movimento. Assim, eu não sonhava nunca com um objeto imóvel, tal como uma casa, uma montanha, ou qualquer outro da mesma espécie; mas moinhos de vento, navios, grandes aves, balões, homens a cavalo, carruagens fugindo em velocidade furiosa e outros objetos movimentados é que se apresentavam a mim sucedendo-se interminavelmente. Quando sai desse singular estado de espírito, já fazia uma hora que o sol se erguera, tanto quanto posso presumir. Experimentei a maior dificuldade em lembrar-me das diferentes circunstâncias que se relacionavam com a

minha situação e, durante algum tempo, permaneci firmemente convencido de que estava ainda no porão do brigue perto do meu caixote, e tomava o corpo de Parker pelo de Tigre.

Quando, afinal, recuperei completamente os sentidos, verifiquei que o vento não era mais do que uma brisa muito moderada e que o mar estava comparativamente calmo, de modo que só lavava o brigue de través. Meu braço esquerdo rompera suas amarras e se achava gravemente ferido no cotovelo; o direito estava paralisado e a mão e o punho inchados, de maneira extraordinária devido à pressão dos laços que apertavam da espádua até em baixo. Fazia-me sofrer também outra corda em volta do corpo, apertada a um ponto intolerável. Olhando para os meus companheiros em redor vi que Peters ainda vivia, embora tivesse em volta dos rins, uma corda apertada tão cruelmente que estava com o aspecto de quase cortado em dois. Logo que me mexi, fez-me ele um fraco gesto com a mão, apontando a corda. Augusto não dava qualquer sintoma de vida e estava quase dobrado em dois, de través, numa lasca do leme. Parker falou-me, quando me viu agitar-me e perguntou-me se eu ainda tinha forças bastantes para livrá-lo da sua posição, dizendo-me que, se eu reunisse todas as energias e se conseguisse desamarrá-lo, ainda poderíamos salvar nossas vidas; mas, do contrário, pereceríamos todos. Falando para ter coragem, pois trataria de libertá-lo. Tateando no bolso de minhas calças, apanhei o canivete e, depois de vários ensaios infrutíferos consegui abri-lo. Logrei depois, com a mão esquerda desembaraçar meu braço direito de suas amarras e cortei, em seguida as cordas que me prendiam. Mas, ao tentar mudar lugar percebi que as minhas pernas não me obedeciam absolutamente e que não me podia levantar; era-me igualmente impossível mover meu braço direito em qualquer sentido. Chamei a atenção de Parker e ele me aconselhou a ficar quieto, durante alguns segundos, segurando-me ao leme com a mão esquerda, para dar ao sangue tempo de circular. Com efeito, logo começou a dormência a desaparecer de modo que pude, primeiramente, mexer uma perna e outra; e em pouco recuperei em parte o uso de meu braço direito. Deslizei então para o lado de Parker, com a maior precaução e sem me erguer sobre as pernas cortei todos os laços que o rodeavam. Ao fim de algum tempo, como se dera comigo, ele recuperou o uso de todos os seus membros em parte. Apressamo-nos, em desamarrar as cordas de Peters. Elas haviam feito um profundo corte através da cintura de suas calças de lã, bem como

de duas camisas penetrando profundamente na virilha, donde o sangue jorrou abundantemente quando retiramos a amarra. Mal, porém, tínhamos terminado, Peters começou a falar e pareceu experimentar um alívio imediato; foi mesmo capaz de mover-se muito mais fácil do que eu e Parker, o que, sem dúvida, foi causado por essa involuntária sangria.

Augusto não dava qualquer sinal de vida e pouca esperança tínhamos de o ver voltar a si; mas, ao aproximar-nos dele, vimos que simplesmente desmaiara em consequência da perda de sangue, pois as faixas com que havíamos enrolado seu braço ferido tinham sido arrancadas pela água; nenhuma das cordas que o prendiam ao leme estava suficientemente apertada para ocasionar sua morte. Tendo-o libertado das amarras e desprendido do pedaço de madeira, colocamo-lo a barlavento, num lugar seco, com a cabeça mais baixa do que o corpo, e pusemo-nos todos três a esfregar-lhe os membros. Dentro de meia hora, mais ou menos, voltou ele a si; só, porém, manhã seguinte deixou ver que reconhecia cada um de nós e encontrou força para falar. Enquanto nos empregáramos em desembaraçar-nos de todas as nossas amarras, a noite sobreviera e o céu começou a cobrir-se de nuvens, de modo que experimentamos medo terrível de que o vento recomeçasse com violência caso em que nada nos poderia salvar da morte, esgotados como nos achávamos. Felizmente, o tempo se manteve muito sossegado durante a noite e, como o mar cada vez mais se acalmava, concebemos afinal a esperança de salvar-nos. Uma brisa suave soprava sempre do noroeste, mas o tempo não era absolutamente frio. Estando fraco em demasia para sustentar-se por si mesmo, Augusto foi, cuidadosamente, ligado ao leme, para evitar que o jogo do navio o fizesse cair ao mar. Quanto a nós, não tínhamos necessidade de precauções semelhantes. Sentamo-nos, apertando-nos e apoiando-nos uns contra os outros e, com o auxílio de cordas, cortadas do leme, ficamos a conversar sobre os meios de sair de nossa horrível situação. Tomamos a precaução muito oportuna de tirar as roupas e torcemo-las, para extrair delas a água. Quando, em seguida, tornamos a vesti-las, pareceram-nos singularmente quentes e agradáveis e foram de não pequeno valor para restituir-nos a energia. Libertamos Augusto das suas e torcemo-las para ele, que experimentou o mesmo bem-estar.

Nossos principais sofrimentos eram agora a fome e a sede e, quando pensamos nos meios futuros de aliviar-nos nesse sentido, sentimos o coração desfalecer e chegamos mesmo a lastimar ter escapado aos perigos

menos horríveis do oceano. Esforçamo-nos, contudo, para consolar-nos com a esperança de ser em breve recolhidos por algum navio e encorajamo-nos mutuamente a suportar com resignação todos os males, que ainda nos podiam estar reservados.

Enfim, surgiu a aurora do dia 14 e o tempo se manteve claro e suave com uma brisa constante, porém muito leve, vinda de noroeste. O mar agora estava completamente calmo e como o brigue, por motivo que não conseguimos adivinhar, não mais adernava, o tombadilho estava relativamente seco e podíamos ir e vir por ele, com toda a liberdade. Fazia então mais de três dias e três noites que nada havíamos comido nem bebido e tornava-se absolutamente necessário fazer alguma tentativa, para obter qualquer coisa lá em baixo. Como o brigue se achava inteiramente cheio de água, entregamo-nos à tarefa, com tristeza e sem grande esperança de conseguir qualquer coisa. Fizemos uma espécie de rede pregando alguns pregos, que arrancáramos aos destroços da escada em dois pedaços de madeira. Amarramo-los em cruz e prendendo-os à ponta de uma corda, atiramo-los ao camarote, para lá e para cá, com a fraca esperança de agarrar algum objeto que pudesse servir para nossa alimentação ou, pelo menos para auxiliar a obtê-la. Passamos a maior parte da manhã sem resultado, e só pescamos algumas cobertas que os pregos prenderam sem dificuldade. Nossa invenção era, na verdade tão grosseira que quase não podíamos contar com melhor êxito.

Recomeçamos a experiência no castelo de proa, porém sem maior resultado. E já nos entregávamos ao desespero, quando Peters imaginou amarrar uma corda em volta de sua cintura e tentar apanhar alguma coisa, mergulhando no camarote. Saudamos a proposta com toda a alegria que a esperança renascente pode inspirar. Imediatamente, ele começou a despojar-se de suas roupas, com exceção das calças; e uma forte corda foi, cuidadosamente, amarrada, de sua cintura, dando uma volta por suas espáduas para impedi-la de deslizar. O empreendimento era cheio de dificuldades e perigos porque, visto como não esperávamos encontra grande coisa no camarote, se é que ainda havia ali qualquer provisão, seria preciso que o mergulhador, depois de o havermos descido, desse uma volta para a direita e andasse uma distância de três ou três metros e meio, aproximadamente por baixo da água, através de uma passagem estreita, até a despensa, para voltar, finalmente, sem poder respirar. Estando tudo pronto, Peters desceu na cabine, acompanhando a escada até que a água lhe

deu pelo queixo. Mergulhou, então de cabeça, voltou à direita depois de haver mergulhado, e esforçou-se para penetrar na despensa; mas a primeira tentativa fracassou completamente. Não havia meio minuto que ele desaparecera quando sentimos a corda violentamente sacudida; era o sinal convencionado para retirá-lo da água quando ele desejasse. Puxamo-lo imediatamente, mas com tão poucas precauções que o atiramos de modo cruel, de encontro à escada. Ele nada trouxe consigo e fora-lhe impossível ir além de um pequeníssimo espaço através do corredor, por causa dos esforços constantes que precisava fazer para não subir e flutuar de encontro ao tombadilho. Quando saiu do camarote, estava esgotadíssimo e teve de repousar, durante uns bons quinze minutos, antes de se arriscar a descer de novo.

A segunda tentativa foi ainda mais infeliz, pois ele ficou tanto tempo por baixo da água sem dar o sinal que nos sentimos bastante inquietos por sua causa e puxamo-lo, sem esperar mais; verificou-se que ele estava a ponto de ser asfixiado. O pobre já tinha sacudido a corda mais de uma vez e nós não o havíamos sentido. Isso, sem dúvida, se devia a que uma parte da corda se prendera na balaustrada, ao pé da escada. Essa balaustrada era um obstáculo tal que resolvemos retirá-la antes de empreender nova tentativa. Como não possuíamos qualquer meio de retirá-la a não ser à força dos braços, descemos todos quatro à água, tão longe quanto foi possível e dando uma boa sacudidela, com todas as nossas forças reunidas, conseguimos jogá-la abaixo.

A terceira tentativa não obteve maior êxito do que as duas primeiras e tornou-se evidente que nada poderíamos obter por esse meio sem o auxílio de algum peso que servisse para manter o mergulhador e firmá-lo sobre o soalho do camarote, enquanto ele fizesse suas pesquisas. Procuramos, por muito tempo, em volta de nós, de encontrar alguma coisa capaz de servir para isso; mas, finalmente, descobrimos, com grande alegria nossa, uma das correntes do traquete de barlavento, o qual estava já tão fortemente abalado que não tivemos nenhuma dificuldade em arrancá-la de todo. Tendo-a prendido com solidez a um dos tornozelos, procedeu Peters então, à sua quarta descida ao camarote e desta vez conseguiu romper caminho até a porta da despensa. Mas, com indizível pesar achou-a fechada e foi obrigado a voltar, sem ter podido entrar porque, fazendo os maiores esforços, o máximo que podia por baixo da água era um minuto. Nossa situação, decididamente tomava um caráter sinistro e eu e Augusto não

nos pudemos impedir de desfazer-nos em pranto ao pensar nessa multidão de dificuldades que nos assediavam e na oportunidade tão improvável de nosso salvamento. Essa fraqueza, porém, não foi de longa duração. Ajoelhamo-nos e rogamos a Deus que nos assistisse nos numerosos perigos que nos assaltavam; e depois, com esperança e energia rejuvenescidas, erguemo-nos, prontos a procurar uma vez a empregar todos os meios humanos de libertação.

CAPÍTULO X

POUCO TEMPO depois ocorreu um incidente que, a princípio pleno de excessiva alegria e, a seguir, de imenso horror, pareceu-me, por isso mesmo, mais emocionante e mais terrível do que quaisquer fatos acidentais que posteriormente observei no decurso de nove prolongados anos repletos de acontecimentos da mais surpreendente, da mais inaudita, e da mais inimaginável natureza. Estávamos deitados sobre o tombadilho, perto da escada de bordo e discutíamos ainda sobre a possibilidade de penetrar na despensa, quando, voltando a vista para Augusto, que estava à frente, percebi que ele fora imediatamente tomado de mortal palidez e que seus lábios tremiam de modo singular e incompreensível. Fortemente alarmado, falei-lhe, mas não me respondeu, e comecei a crer que fora vítima de mal súbito, quando prestei atenção olhos, singularmente brilhantes e fixos sobre alguma coisa atrás de mim. Virei a cabeça e jamais esquecerei a alegria extática que penetrou todas as partes de meu ser, ao perceber que vinha, ao nosso rumo, um grande brigue, o qual não estava a mais de duas milhas ao largo. Dei um salto, como se uma bala de mosquete me tivesse ferido repentinamente no coração e, estendendo os braços para a direção do navio, fiquei de pé, imóvel, incapaz de proferir uma sílaba. Peters e Parker estavam igualmente comovidos, embora de modo diverso. O primeiro dançava sobre o tombadilho como um maluco, proferindo as mais monstruosas extravagâncias, entremeadas de grunhidos e imprecações, enquanto o segundo se desfazia em lágrimas, não cessando, durante ainda alguns minutos, de chorar como uma criança.

O navio à vista era um grande brigue armado em escuna, construído à maneira holandesa, pintado de preto, com um beque vistoso e dourado. Evidentemente, experimentara regular mau tempo e supusemos que muito

sofrera com a tempestade que fora a causa do nosso desastre, pois perdera o mastro da gávea da mezena, assim como uma parte da amurada de estibordo. Quando o vimos pela primeira vez, estava, como já disse, a cerca de duas milhas a barlavento e vinha em nosso rumo. A brisa era muito fraca e o que mais nos espantou foi que ele não soltara outras velas, além da mezena e da maior, com uma veleta. Assim, só andava muito lentamente e nossa impaciência subia até quase ao frenesi. Também a maneira desajeitada pela qual ele se governava foi notada nós, por todos nós apesar de nossa grande emoção. Dava tais guinadas que uma ou duas vezes, acreditamos que não fôramos vistos, ou que tendo sido descoberto nosso navio, mas não se tendo percebido ninguém a bordo, iam virar de proa e retomar outro rumo. A cada uma dessas vezes, soltávamos gritos e berros, com toda a força dos pulmões, e o navio desconhecido parecia mudar de intenções e punha de novo a proa em nossa direção. Essa manobra singular se repetiu duas ou três vezes, de modo que por fim não achamos outra maneira para explicá-la senão supondo que o timoneiro estivesse bêbedo.

Não percebemos ninguém a bordo até que o barco chegou a um quarto de milha de distância. Então, avistamos três marinheiros que, pelas suas roupas, tomamos por holandeses. Dois dentre eles estavam deitados sobre velhas velas, perto do castelo de proa, enquanto o terceiro, que parecia olhar-nos com grande curiosidade estava adiante, a estibordo, perto do gurupés. Este último era um homem alto e corpulento, de pele muito morena. Parecia, com seus gestos, encorajar-nos a ter paciência, saudando-nos alegremente com a cabeça, embora de um modo que não deixava de ser esquisito e sorrindo constantemente, como para exibir uma fileira de dentes brancos brilhantíssimos. Como o navio se aproximasse, vimos o chapéu de lã vermelha cair de sua cabeça na água, mas ele não se importou, continuando sempre com seus sorrisos e gestos estapafúrdios. Relato minuciosamente essas coisas e essas circunstâncias, e as relato, deve compreender-se, precisamente tais como elas nos *apareceram*.

O brigue marchava para nós lentamente, com mais precisão na sua manobra e (não posso falar com sangue-frio dessa aventura) nossos corações saltavam doidos nos peitos, e expandíamos toda a nossa alma em gritos de alegria e em ações de graças a Deus pela salvação completa, magnífica e inesperada que tão palpavelmente tínhamos ao alcance. De súbito, do misterioso navio, que agora estava bem próximo de nós,

chegou-nos, através do oceano, um odor, um mau cheiro tal que não há no mundo palavras para exprimi-lo: infernal, mais do que sufocante, intolerável, inconcebível! Abri a boca para respirar e, voltando-me para meus camaradas, percebi que eles estavam mais pálidos do que o mármore. Mas não tínhamos tempo para discutir ou raciocinar. O brigue estava a quatro metros e parecia ter a intenção de encostar-se a nós pela popa, a fim de que pudéssemos abordá-lo, sem forçá-lo a lançar um escaler ao mar. Precipitamo-nos para trás, quando, imediatamente, uma forte guinada o lançou cinco ou seis pontos fora da rota que mantínhamos e quando passou por nossa ré, a uma distância de cerca seis metros, vimos todo o seu tombadilho. Esquecerei jamais o tríplice horror daquele espetáculo? Vinte e cinco ou trinta corpos humanos, entre os quais algumas mulheres, jaziam, disseminados aqui e ali entre a popa e a cozinha, no derradeiro e mais repulsivo estágio de putrefação! Vimos, claramente, que não havia uma criatura viva naquele navio maldito! Entretanto, não podíamos impedir-nos de apelar por socorro àqueles mortos! Sim, na agonia do momento, prolongada e fortemente, rogamos àquelas silenciosas e repelentes imagens que se detivessem por nossa causa, que não nos deixassem tornar-nos semelhantes a elas e que lhes aprouvesse receber-nos em sua bondosa companhia! O horror e o desespero nos faziam delirar. A angústia e a decepção nos haviam tornado completamente loucos.

Quando soltamos nosso primeiro grito de terror, respondeu-lhe alguma coisa que vinha do lado do gurupés do navio desconhecido e que tão perfeitamente se assemelhava ao grito de uma garganta humana que o ouvido mais fino teria estremecido tomando-o como tal. Nesse momento, outra súbita guinada reconduziu, por alguns minutos, o castelo de proa para sob nossos olhos e, no mesmo instante percebemos a causa do ruído. Vimos a alta e robusta figura, sempre apoiada sobre a amurada, oscilando ainda com a cabeça para um lado e para o outro, mas com o rosto voltado, de modo que já não o podíamos perceber. Seus braços estavam estendidos sobre a cinta do navio e as mãos caíam para fora. Seus joelhos repousavam sobre uma grande enxárcia, estendida rigidamente, e que ia do pé do gurupés a um dos aparelhos da âncora. Sobre as costas, onde uma parte da camisa fora arrancada, deixando ver o dorso nu, pousava enorme gaivota que deglutia ativamente o horrível manjar com o bico e as garras profundamente enterradas no corpo e a branca plumagem toda manchada

de sangue. Como o brigue continuasse a voltear, como para ver-nos de mais perto, a ave retirou penosamente, da cavidade, a cabeça ensangüentada e, depois de ter-nos contemplado um momento, estupefata, soltou-se, com indolência, so corpo sobre o qual se deliciava, voando por cima de nosso tombadilho, e planando algum tempo no ar, com um pedaço de substância coagulada e quase viva no bico. Por fim, o horrível pedaço caiu, com sinistro ruído, bem aos pés de Parker. Deus queira perdoar-me! Mas então, no primeiro momento, atravessou uma idéia — uma que não confessarei — e senti-me a dar um passo maquinal para o lugar ensangüentado. Ergui os olhos e encontrei o olhar de Augusto, carregado de uma censura tão intensa e tão enérgica que isso me fez imediatamente dominar-me. Atirei vivamente e, com intenso calafrio, lancei a horrenda coisa no mar.

O corpo de que fora arrancado aquele pedaço, repousando assim sobre aquela enxárcia, oscilava facilmente com os esforços da ave carnívora e fora esse movimento o que a princípio nos fizera crer num ser vivo. Quando a gaivota o desembaraçou de seu peso, cambaleou, girou e caiu a meio, de modo que pudemos ver-lhe todo o rosto. Não, nunca houve espetáculo mais cheio de espanto! Os olhos não existiam mais e todas as carnes da boca, roídas, mostravam os dentes, inteiramente a nu. Tal fora, pois, o sorriso que encorajara nossa esperança! Tal fora... Mas, detenho-me! O brigue, como disse, passou a nossa ré e continuou seu roteiro lenta e regularmente, levado pelo vento. Com ele e com sua terrível equipagem se desvaneceram todas as nossas felizes visões de alegria e libertação. Como ele levou algum tempo a passar por trás de nós, teríamos talvez achado meios de abordá-lo, se nossa terrível decepção e a natureza espantosa de nossa descoberta não tivesse aniquilado todas as nossas faculdades físicas e mentais. Víramos e sentíramos, mas ai!, só pudéramos pensar e agir tarde demais. Poder-se-á julgar por este simples fato quanto aquele incidente enfraquecera nossas inteligências: quando o navio estava afastado, a ponto de não percebermos mais do que a metade de seu casco, debatemos seriamente a proposta de tentar alcançá-lo a nado!

Desde aquela ocasião, tenho feito todos os esforços para esclarecer a imprecisão horrível que envolvia o destino do navio desconhecido. Sua forma e sua fisionomia geral nos levavam a pensar como já o disse, que era um vaso de comércio holandês e as vestes de sua equipagem nos confirmaram nessa opinião. Poderíamos facilmente ter lido seu nome na

popa, bem como também fazer outras observações que nos teriam servido para determinar seu caráter, mas a intensa excitação do momento cegou-nos para qualquer coisa dessa espécie. Pela tonalidade de açafrão de alguns dos cadáveres que não se achavam inteiramente decompostos, concluímos que todo o grupo havia perecido de febre-amarela ou de qualquer outra enfermidade virulenta da mesma horrenda qualidade. Se tal fosse o caso (e não sei que outra coisa imaginar), a morte, a julgar pelas posições dos corpos, deveria ter-lhes sobrevindo de modo horrivelmente súbito e esmagador, um modo totalmente distinto do que caracteriza em geral as pestilências mais mortais que a humanidade conhece. É possível ainda que veneno, introduzido por acaso nos seus suprimentos de víveres, tenha produzido a catástrofe ou que isso se tenha originado de comer alguma espécie venenosa de peixe, ou outro animal marinho ou ave oceânica. Mas é extremamente inútil formar conjecturas quando tudo está envolvido e, sem dúvida, assim ficará para sempre no mais espantoso e insondável mistério.

CAPÍTULO XI

PASSAMOS o resto do dia num estado de letárgico estupor, a contemplar o barco que se sumia até que as trevas, escondendo-o de nossas vistas, nos fizeram de algum modo recobrar a consciência. As angústias da sede e da fome voltaram então e absorveram todos os outros cuidados e preocupações. Nada, porém, podia ser feito até que amanhecesse e, prendendo-nos o melhor possível, tentamos saborear um pequeno repouso. Consegui-o além de minha expectativa, dormindo até que meus companheiros, que não haviam sido tão felizes me levantaram, ao romper do dia, para renovar nossas tentativas de retirar provisões da despensa.

Fazia então calmaria, com o mar parado como jamais o vira; o tempo, quente e agradável. O brigue estava fora de vista. Começamos nossas operações arrancando, com algum trabalho, outra das correntes de proa e, tendo amarrado as duas aos pés de Peters, de novo ele fez uma tentativa para alcançar a porta da despensa julgando possível que fosse capaz de forçá-la, desde que chegasse até ela em tempo suficiente, o que esperava fazer, pois a carcaça estava muito mais firme do que dantes.

Rapidamente conseguiu alcançar a porta e então, soltando de seu tornozelo, uma das correntes, fez todos os esforços para abrir com ela uma passagem, mas em vão, pois o madeirame do aposento era muito mais rijo de que se previra. Ele ficou inteiramente extenuado com a prolongada demora sob a água e tornou-se necessário que algum de nós tomasse seu lugar. Parker ofereceu-se logo para o serviço; mas, depois de fazer três esforços ineficazes, verificou-se que ele nem mesmo conseguira chegar perto da porta. O estado do braço ferido de Augusto impossibilitava-o de tentar descer, pois seria incapaz de arrombar a porta, caso a alcançasse; conseqüentemente, coube-me esforçar-me por nossa salvação comum.

Peters deixara uma das cadeias no corredor e notei, ao mergulhar, que não tinha equilíbrio suficiente para conservar-me firme embaixo. Decidi, pois, em meu primeiro esforço, tentar apenas recuperar a outra corrente. Arrastando-me pelo soalho do corredor, para esse fim, senti um objeto duro, que depressa agarrei, sem ter tempo de verificar o que era, pois voltei e ascendi imediatamente a tona. A presa era uma garrafa e bem se pode imaginar nossa alegria quando digo que estava cheia de vinho do Porto. Dando graças a Deus por esse oportuno e encorajador auxílio, arrancamos imediatamente a rolha com o meu canivete e, tomando cada um gole moderado, extraímos o mais indescritível conforto e estimulo de seu calor, força e energia. Voltamos a arrolhar depois a garrafa, cuidadosamente, e penduramo-la de modo a não haver possibilidade de quebrar-se.

Tendo repousado um instante após essa afortunada descoberta, desci de novo e apanhei a corrente com a qual num instante subi. Amarrei-a a mim, então, e desci pela terceira vez. Fiquei aí completamente convencido de que nenhum esforço, naquelas circunstâncias me capacitaria a abrir a porta da despensa. Voltei, portanto desesperado.

Parecia, então, não haver mais lugar para a esperança e pude notar, nas fisionomias de meus companheiros, que eles se resignavam à idéia de morrer. O vinho, evidentemente, produzira neles uma espécie de delírio, de que eu, talvez, me livrara pelo mergulho que dera logo após havê-lo ingerido. Falavam incoerentemente sobre assuntos que em nada se relacionavam com a nossa situação. Peters, repetidas vezes, fazia-me perguntas acerca de Nantucket. Também Augusto, recordo-me, aproximou-se de mim com um ar muito sério e pediu-me que lhe emprestasse um pente de bolso, pois seu cabelo estava cheio de escamas de peixe e desejava tirá-las antes de desembarcar. Parker parecia um tanto menos afetado e instava para que eu mergulhasse no camarote, ao acaso, e trouxesse qualquer coisa de que pudesse lançar mão. Consenti nisso e na primeira tentativa, depois de mergulhar um minuto inteiro trouxe para cima uma pequena mala de couro pertencente ao Capitão Barnard. Abrimo-la no mesmo instante, com a fraca esperança de que pudesse conter algo que se comesse ou bebesse. Nada achamos porém, a não ser um estojo de navalha e duas camisas de linho. Desci de novo e regressei, sem resultado. Ao apontar minha cabeça à tona, ouvi um estralejar no tombadilho e, subitamente vi que meus companheiros se haviam

aproveitado, ingratamente de minha ausência para beber o resto do vinho, deixando a garrafa cair ao tentarem substituir o líquido antes que eu os visse. Censurei-os pela crueldade de tal conduta, e Augusto rompeu em pranto, os outros dois tentaram transformar o caso em brincadeira, mas espero nunca mais ouvir risos daquela espécie: as contorções de suas fisionomias eram aterradoras. De fato, evidenciava-se que o estímulo alcoólico dado o estado vazio de seus estômagos, tivera um efeito violento e instantâneo e que todos eles estavam excessivamente embriagados. Com grande dificuldade consegui fazê-los deitar-se e logo caíram num sono profundo, acompanhado de respiração alta e estertorosa.

Achei-me, assim, sozinho no brigue, e minhas reflexões certamente eram do gênero mais terrível e sombrio. Nenhuma perspectiva se apresentava a meus olhos, além da de morrer de fome ou na melhor hipótese, de ser carregado na primeira tempestade que sobreviesse, pois, em nosso estado de exaustão, não podíamos esperar sobreviver a outra.

A fome angustiosa que então experimentei era quase insuportável e senti-me capaz de ir aos extremos para aplacá-la. Com a faca cortei uma pequena porção da mala de couro e tentei devorá-la, mas achei que era de todo impossível engolir um só pedaço, embora imaginasse que algum leve alívio de meu sofrimento era obtido mastigando fragmentos do couro e cuspindo-os fora. Ao anoitecer meus companheiros despertaram, um a um, cada qual num estado indescritível de fraqueza e de horror produzido pelo vinho, cujos vapores se haviam esvaído. Tremiam como se com violenta febre e imploravam água com os gritos mais lastimáveis. Seu estado impressionou-me no mais elevado grau e, ao mesmo tempo levou-me a regozijar-me pelo afortunado conjunto de circunstâncias que me havia impedido de ser tentado pelo vinho, poupado-me assim, à partilha de suas sensações melancólicas e lancinantes. Sua conduta, porém, causava-me grande ansiedade e alarme, pois era evidente que, se não se verificasse qualquer mudança favorável, eles não me auxiliariam a lutar pela nossa salvação comum. Eu ainda não abandonara toda idéia de ser possível trazer alguma coisa de baixo; mas não podia reiniciar a tentativa enquanto algum deles não ficasse suficientemente senhor de si para ajudar-me, segurando a ponta da corda enquanto eu descia. Parker parecia estar menos embriagado do que os outros e tentei erguê-lo, por todos os meios possíveis. Julgando que um mergulho na água poderia ter efeito benéfico consegui amarrar-lhe, em volta do corpo, a ponta de uma corda, e depois,

levando-o pela escadinha (enquanto ele permanecia todo o tempo inteiramente passivo), atirei-o ao mar e puxei-o em seguida, para fora. Tive bons motivos para congratular-me comigo mesmo por haver feito tal tentativa, pois ele me pareceu muito revigorado e bem disposto e, depois de retirado, perguntou-me, de modo razoável, por que assim o tratara. Tendo-lhe explicado o meu objetivo, manifestou-se grato e disse que se sentia imensamente melhor depois do mergulho, passando a conversar com sensatez sobre nossa situação. Resolvemos, então, submeter Augusto e Peters ao mesmo tratamento, o que logo fizemos, tirando eles grande benefício do choque. Essa idéia da súbita imersão fora-me sugerida pela leitura de certa obra médica sobre o bom efeito de ducha em casos em que o paciente sofresse de *mania a potu*.

Verificando que, então, podia confiar em meus companheiros para segurar a ponta da corda, dei de novo três ou quatro mergulhos na cabine, embora estivesse completamente escuro e ondas vagarosas, mas extensas, vindas do noroeste, tirassem um tanto a firmeza da carcaça. No decurso dessas tentativas, consegui trazer duas facas de mesa, uma botija de três galões — vazia — e um lençol; nada porém, que nos servisse de alimento. Prossegui nos meus esforços, depois de haver encontrado esses objetos, até ficar inteiramente exausto, mas nada mais pude apanhar. Durante a noite, por turnos, Peters e Parker ocuparam-se do mesmo modo; mas, nada lhes vinha às mãos, desesperamos dessas tentativas, concluindo que estávamos a esgotar-nos em vão.

Passamos o resto da noite num estado da mais intensa angústia mental e corporal que se possa imaginar. Raiou, por fim, a manhã do dia 16 e avidamente lançamos os olhos pelo horizonte à busca de um socorro, mas tudo inútil. O mar ainda estava calmo, com apenas alongadas ondulações do norte, como na véspera. Fazia então, seis dias que não provávamos comida ou bebida, a não ser a garrafa de vinho, e era claro que não nos poderíamos aguentar muito mais, a menos que se pudesse obter alguma coisa. Nunca vi antes, nem desejo ver de novo, seres humanos tão extremamente descarnados como Peters e Augusto. Tivesse-os encontrado em terra, sua situação atual, eu não alimentaria a mais leve suspeita de havê-los visto antes. Suas fisionomias tinham mudado completamente de aspecto, de modo que eu não poderia ser levado a crer que eram na realidade os mesmos indivíduos em cuja companhia eu estivera apenas poucos dias antes. Parker, embora desfigurado e tão

enfraquecido que nem podia erguer a cabeça sobre o peito, não sofrera tanto quanto os outros dois. Suportava tudo com grande paciência, sem queixar-se e tentando animar-nos de esperanças, por todas as maneiras que podia inventar. Quanto a mim, embora no começo dessa viagem estivesse de má saúde e sempre houvesse sido de fraca compleição, estava muito menos emagrecido e conservava minhas faculdades mentais num grau se surpreendente atividade, enquanto os demais estavam completamente abúlicos e aparentavam ter caído numa espécie de segunda infância, com expressões geralmente tolas, com sorrisos idiotas, e falando as vulgaridades mais absurdas. A intervalos, porém pareciam reviver de súbito, como se estimulados abruptamente pela consciência de sua situação, e então saltavam de pé, num relâmpago momentâneo de força, e falavam, por curto período, de nossa posição, de maneira completamente sensata, embora repleta do mais intenso desespero. É possível, porém, que meus companheiros tenham mantido sobre seu estado a mesma opinião sobre o meu e que eu tenha, involuntariamente, sido culpado das mesmas extravagâncias e imbecilidades em que eles caíram. Esta é uma questão que não pode ser verificada.

Por volta do meio-dia, Parker declarou que via terra bombordo e foi com a maior dificuldade que o impedi de mergulhar no mar a fim de alcançá-la a nado. Peters e Augusto pouca importância deram ao que ele dizia, estando aparentemente envoltos em taciturna meditação. Depois de olhar para a posição apontada não pude perceber a mais fraca semelhança de costa. Na verdade, eu sabia muito bem quanto estávamos longe de qualquer terra para ceder a uma esperança dessa natureza. Muito tardou, porém para que conseguisse convencer Parker de seu engano. Ele então irrompeu num copioso pranto, chorando como uma criança com altos gritos e soluços, durante duas ou três horas; depois, extenuado, caiu a dormir.

Peters e Augusto fizeram, após, diversos esforços inúteis para engolir pedaços de couro. Aconselhei-os a mascar e a cuspir fora, mas eles estavam excessivamente debilitados para serem capazes de seguir meu conselho. Continuei a mascar pedaços de couro de vez em quando, e achei nisso algum alívio; minha principal angústia vinha da falta de água e só me contive de tomar um trago da água do mar pela lembrança das horríveis conseqüências que disso resultam para outros em semelhante situação.

Passou o dia dessa forma quando, subitamente, descobri uma vela a leste, no lado de bombordo da proa. Parecia ser de um grande navio e vinha quase que em nossa direção, achando-se provavelmente a doze ou quinze milhas de distância. Nenhum de meus companheiros ainda a descobrira e evitei falar-lhes disso por enquanto temendo que de novo fôssemos desiludidos de socorro. Afinal, quando o navio chegou mais perto, vi distintamente que rumava mesmo em nossa direção, com as velas leves pandas. Não pude então conter-me mais e apontei-o a meus companheiros de sofrimento. Imediatamente, eles saltaram de pé, entregando-se de novo às mais extravagantes demonstrações de alegria, chorando, rindo de maneira idiota, saltando, cabriolando no tombadilho, arrancando os cabelos, rezando e praguejando alternadamente. Fiquei tão impressionado com sua conduta, bem como pelo que agora podia considerar perspectiva certa de salvamento, que não me pude impedir de juntar-me à sua loucura e dar expansão aos impulsos de minha alegria e minha felicidade, deitando-me e rolando no tombadilho, batendo palmas, gritando e fazendo outros atos similares, até que voltei a dominar-me de súbito, atirando-me de novo aos extremos da miséria e do desespero humanos, ao verificar que o navio nos apresentava agora, em cheio, a popa, e navegava numa direção completamente oposta àquela em que eu a princípio o avistara.

Passou-se algum tempo até que eu pudesse levar meus pobres companheiros a crerem que esse triste transtorno de nossas expectativas se verificara realmente. Replicavam eles a todas as minhas asserções, com olhares fixos e gestos significativos, de que não se deixavam enganar por semelhantes embustes. Mais sensivelmente me impressionou a conduta de Augusto. A despeito de tudo quanto eu pudesse fazer ou dizer em sentido contrário, ele persistia em dizer que o navio rapidamente se aproximava de nós e preparava-se para ir para bordo dele. Afirmava que algumas plantas marinhas, que flutuavam perto do brigue, eram os escaleres do outro navio e tentava atirar-se sobre elas, urrando e berrando de maneira a cortar o coração, quando eu o impedia, pela força, de assim lançar-se ao mar.

Acalmando-nos um pouco, continuamos a espiar o navio até que finalmente o perdemos de vista. O tempo se tornara nevoento e uma leve brisa soprava. Logo que o barco desapareceu inteiramente, Parker voltou-se, de súbito, para mim, com uma expressão fisionômica que me fez estremecer. Estava com um aspecto de domínio sobre si mesmo que até

então eu não lhe notara e antes que abrisse os lábios meu coração me contou o que ele iria dizer. Propôs, em palavras, que um de nós devia morrer para preservar a vida dos outros.

CAPÍTULO XII

ALGUM TEMPO antes, eu já havia passado a refletir sobre a perspectiva de sermos reduzidos a essa última extremidade e tomara secretamente, a resolução de suportar a morte, de qualquer forma ou sob quaisquer circunstâncias, de preferência a adotar semelhante recurso. E tal resolução não era, no menor grau, enfraquecida pela intensidade da fome que me devorava. Nem Peters, nem Augusto haviam escutado a proposta. Portanto, chamei Parker de lado, e rogando mentalmente a Deus forças para dissuadi-lo do horrível objetivo que entretinha, discuti com ele prolongadamente da maneira mais suplicante, pedindo-lhe por tudo quanto é sagrado e instando-o, por meio de toda espécie de argumentos que o caso extremo sugeria, para abandonar a idéia e não mencioná-la a nenhum dos outros dois.

Ele ouviu tudo o que eu disse, sem tentar responder a qualquer dos meus argumentos e eu começava a esperar que o tivesse convencido, tal como desejava. Mas quando terminei de falar, replicou-me que sabia muito bem ser verdade tudo quanto eu dissera; lançar mão de tal recurso era, de fato, a mais horrível alternativa que podia apresentar-se ao cérebro humano; mas ele havia suportado tudo até o ponto em que a natureza humana se podia sustentar; era desnecessário que todos perecessem desde que, pela morte de um, era possível e mesmo provável que os restantes fossem finalmente salvos. Acrescentou que eu poderia evitar-me de tentar desviá-lo dessa intenção, pois estava completamente decidido a isso, antes mesmo do aparecimento do navio, e só o fato de haver aquele surgido à vista o impedira de mencionar antes, esse propósito.

Roguei-lhe então que, se não podia ser convencido a abandonar tal desígnio, pelo menos o adiasse, pois algum barco ainda podia vir em nosso

socorro; reiterei, de novo, todos os argumentos que pude encontrar e que julguei capazes de influenciar uma pessoa daquela natureza bruta. Ele, em resposta, disse que só falara no último momento possível, que não podia resistir mais tempo sem sustento de qualquer espécie e que, portanto, sua sugestão seria tarde em outro dia, pelo menos com relação à sua pessoa.

Verificando que nada do que eu lhe pudesse dizer em tom humilde, o demoveria, assumi então procedimento diferente. Falei-lhe que ele bem devia saber que eu sofrera menos que os outros em conseqüência de nosso desastre e, portanto, minha saúde e minha força, naquele momento, eram bem maiores do que as dele, Peters ou Augusto; em suma, estava em condição de impor a minha opinião, pela força, se necessário, e se ele tentasse, de qualquer modo, comunicar aos outros sua idéia sanguinolenta e canibalesca, eu não hesitaria em atirá-lo ao mar. A isso, ele imediatamente me agarrou pela garganta e, puxando de uma faca, fez diversas tentativas, inúteis, para ferir-me no estômago, crime que so exaustiva debilidade o impediu de consumar. Entrementes, levado a um acesso de cólera, arrastei-o para a amurada do navio, com a plena intenção de atirá-lo à água. Ele foi salvo desse destino, porém, pela interferência de Peters, que, aproximando-se, separou-nos e perguntou a causa da briga. Parker contou-lha, antes que eu pudesse encontrar qualquer meio de evitá-lo.

O efeito de suas palavras foi mesmo mais terrível do que eu previra. Tanto Augusto como Peters, que, parece, de há muito entretinham, secretamente, a mesma horrível idéia que Parker fora apenas o primeiro a expressar, apoiaram-no e insistiram para que seu desígnio fosse imediatamente levado a efeito. Eu calculara que um dos dois últimos possuísse ainda bastante força de vontade para aliar-se comigo na resistência a qualquer tentativa de realizar tão medonho propósito; e, com a ajuda de qualquer deles eu não temia ser incapaz de impedir sua consumação. Desiludido nessa expectativa, tornou-se absolutamente necessário que eu atendesse à minha própria salvação, pois uma resistência mais prolongada de minha parte poderia ser considerada, por homens naquela terrível situação, como escusa suficiente para recusar-me agir à vontade, na tragédia que rapidamente, eu o sabia, iria iniciar-se.

Falei-lhes então que estava disposto a apoiar a proposta, pedindo apenas o adiamento de uma hora, a fim de que o nevoeiro que nos circundava tivesse ocasião de dissipar-se, pois era possível que o navio

que havíamos visto surgisse de novo. Depois de muita dificuldade, arranquei deles a promessa de esperar esse tempo; e, como eu previra (sobrevindo rápida brisa), o nevoeiro levantou-se antes que expirasse a hora. Nenhum barco apareceu à vista e preparamo-nos para deitar as sortes.

É com extrema relutância que me demoro sobre a cena medonha que então se seguiu; cena que, em seus mínimos pormenores, nenhum acontecimento posterior foi capaz de apagar, no menor grau, de minha memória, e cuja recordação cruel envenenará todos os momentos vindouros de minha existência. Permiti-me passar sobre parte de minha narrativa com a rapidez que a natureza dos fatos a serem narrados permitir. O único método que podíamos adotar para o terrível sorteio e que daria a cada um uma oportunidade, era a de puxar palhinhas. Preparam-se, para esse fim, pequenos gravetos e combinou-se que eu os seguraria. Retirei-me para uma extremidade do casco, enquanto meus pobres companheiros, silenciosamente, se colocaram na outra, com as costas voltadas para mim. A mais amarga ansiedade que sofri, durante todo o decorrer do horrível drama, sobreveio no momento em que me ocupava com o arranjo das sortes. Poucas situações há em que um homem, provavelmente se possa encontrar e nas quais não sinta profundo interesse pela preservação de sua vida, interesse que, momento a momento se amplia, à medida do enfraquecimento dos laços que conservam a existência. Mas, então, a natureza silente, definida e cruel da ocupação a que eu me entregava (tão diversa dos tumultuosos perigos da tempestade ou dos horrores gradualmente crescentes da fome) permitiu-me refletir nas poucas oportunidades que eu tinha de escapar à mais medonha das mortes, à morte para o mais medonho dos fins. E todas as partículas daquela energia tanto me sustentava fugiram como penas ao vento, presa desesperada do mais abjeto e lastimável dos terrores. Não pude, a princípio, nem mesmo reunir suficientes forças para cortar e afeiçoar os pedacinhos de pau, pois meus dedos se recusavam a esse trabalho, completamente, e meus joelhos batiam com violência um contra o outro. Passaram-me, velozmente, pelo pensamento milhares de absurdos projetos para evitar tornar-me um cúmplice do pavoroso negócio. Pensei em cair de joelhos, aos pés de meus companheiros, suplicando-lhes que me permitissem escapar a essa necessidade; em lançar-me de súbito sobre eles e, matando um, tornar a decisão pela sorte desnecessária; em suma, pensei em tudo, menos em

prosseguir com a tarefa que tinha em mãos. Afinal, depois de perder prolongado tempo nessa conduta imbecil, fui chamado à realidade pela voz de Peters, que me instava a aliviá-los, imediatamente, da terrível ansiedade que estavam sofrendo. Mesmo então não pude arranjar logo os cavacos sem pensar em todas as maneiras de trapaça pelas quais poderia levar algum de meus companheiros de sofrimento a puxar a palhinha curta, pois fora combinado que quem puxasse a mais curta de quatro taliscas em minha mão devia morrer para salvação dos restantes. Antes que alguém me condene por essa aparente falta de coração, que se coloque em posição precisamente igual à minha.

Afinal não era possível retardar mais e com o coração a saltar-me do peito, avancei para o lado do castelo de proa e meus companheiros me esperavam. Estendi a mão com as taliscas e Peters imediatamente puxou uma. Estava livre... *A dele* pelo menos, não era a mais curta; e aí fugia outra oportunidade de que eu escapasse. Concentrei todas as energias e passei as sortes a Augusto. Também ele puxou imediatamente e também ele ficou livre; e então as possibilidades de vida ou de morte eram precisamente iguais. Nesse momento, toda a ferocidade me dominou o peito e senti, para com o meu pobre Parker, o mais intenso e diabólico dos ódios. Mas esse sentimento não se prolongou; e, afinal, com tremor convulsivo, fechando os olhos estendi as duas taliscas restantes para ele. Cinco minutos decorreram, antes que ele tivesse tomado coragem nesse período, de coração angustiado, nem uma só vez abri os olhos. Afinal, uma das duas sortes foi puxada rapidamente de minha mão e ninguém falou e, contudo, não ousei convencer-me, olhando para a talisca que estava em minha mão. A decisão fora tomada e eu não sabia se era a meu favor ou contra. Peters, por fim, tomou-me pela mão e forcei-me a levantar os olhos; vi, imediatamente a fisionomia de Parker, que eu estava salvo e fora ele o condenado. Ofegando, sem ar, caí desmaiado no tombadilho.

Recobrei-me do desmaio, a tempo de contemplar a consumação da tragédia, com a morte daquele que fora o principal instrumento de sua realização. Ele não fez qualquer resistência e foi esfaqueado nas costas por Peters, caindo instantaneamente morto. Não me demorarei sobre o pavoroso repasto que se seguiu. Tais coisas podem ser imaginadas, mas as palavras não têm poder para dar à mente a impressão do estranhíssimo horror de sua realidade. Baste-nos dizer que, tendo apaziguado de algum modo a sede destruidora que nos consumia, graças ao sangue da vítima, e

tendo, de comum acordo, lançado fora as mãos, os pés e a cabeça, atirando-as com as entranhas ao mar, devoramos o resto do cadáver, pedaço a pedaço durante os quatro memoráveis dias 17, 18, 19 e 20 daquele mês.

No dia 19, caindo uma chuvinha leve, que durou vinte ou quinze minutos, conseguimos apanhar um pouco de água, por meio de um pedaço de pano que fora pescado da cabine, em nossas pesquisas, logo após a tempestade. A quantidade total que recolhemos não foi mais do que a metade de um galão; mas mesmo esta escassa provisão nos encheu de relativa energia e esperança.

No dia 21, estávamos de novo reduzidos à derradeira necessidade. O tempo permanecia ainda quente e agradável, com nevoeiros ocasionais e brisas ligeiras, mais usualmente de norte para oeste.

No dia 22, como estivéssemos sentados bem juntos uns dos outros, refletindo sombriamente em nossa lamentável condição, atravessou-me, num fulgor, o espírito uma idéia, que me inundou de esplendente clarão de esperança. Lembrei-me de que, quando o mastro de mezena tinha sido cortado, Peters, que estava nas correntes de barlavento, passou-me às mãos um dos machados, pedindo-me para colocá-lo, se possível, num lugar seguro, e de que, poucos minutos antes de se haver o derradeiro golpe pesado de mar descarregado sobre o navio, inundando-o, eu pusera o machado no castelo de proa, e deixara-o num dos beliches de bombordo. Pensei então ser possível que, apoderando-nos desse machado, abríssemos o convés sobre o paiol de mantimentos, e assim prontamente nos supríssemos de provisões.

Quando comuniquei este projeto a meus companheiros, emitiram o grito de alegria e todos seguimos para o castelo de proa. A dificuldade de descer ali era maior do que a de baixar à cabine, sendo a entrada muito menor, pois não se devem esquecer que todo o cavername em torno da escotilha da escada da cabine tinha sido removido, ao passo que a passagem para o castelo de proa, sendo uma simples escotilha de apenas noventa centímetros quadrados, permanecera intata. Não hesitei, contudo, em tentar descer; e tendo sido amarrada uma corda em torno de meu corpo, como antes, mergulhei ousadamente, os pés em primeiro lugar, abri caminho essas para o beliche e, à primeira tentativa, alcancei o machado. Fui saudado com a alegria e o triunfo mais extáticos e a facilidade com

que aquilo foi alcançado era olhada como um presságio de nossa salvação definitiva.

Começamos então a atacar o convés, com toda a energia duma esperança reacesa. Peters e eu fazendo uso do machado por turnos, pois o braço ferido de Augusto não lhe permitia que nos prestasse auxílio de qualquer espécie. Como estivéssemos tão fracos a ponto de mal podermos ficar de pé sem apoio, e só pudéssemos conseqüentemente, trabalhar um minuto ou dois, sem descansar, logo se tornou evidente que seriam necessárias muitas horas para levar a cabo nossa tarefa, isto é, abrir uma abertura suficientemente larga para permitir livre acesso ao paiol de mantimentos. Esta consideração, contudo, não nos desencorajou; e, trabalhando a noite inteira, à luz da lua, conseguimos levar a efeito nosso ao raiar do dia 23.

Peters se ofereceu então para descer e, tendo feito todos os preparativos como antes, desceu e logo voltou trazendo consigo um pequeno jarro, que, para grande alegria nossa, se achava azeitonas. Tendo-as distribuído entre nós e devorado com a maior gulodice, tratamos de fazer Peters descer de novo. Desta vez, alcançou ele êxito muito além de nossas maiores expectativas, voltando logo com um grande presunto e uma garrafa de vinho da Madeira. Deste, cada um de nós bebeu apenas um moderado gole tendo aprendido, por experiência própria, as perniciosas consequências de beber demasiado sem medida. O presunto, exceto cerca de duas libras perto do osso, não estava em condições de ser comido tendo ficado inteiramente estragado pela água salgada. A parte sã foi dividida entre nós. Não tendo sido capazes de conter seu apetite Peters e Augusto comeram sua parte, no mesmo instante, mas eu fui mais cauteloso e comi apenas pequena porção da minha, temendo a sede que, eu sabia, haveria de seguir-se. Descansamos pouco do nosso labor, que havia sido intoleravelmente rude.

Pelo meio-dia, sentindo-nos um tanto revigorados e repousados, renovamos nossa tentativa de recolher provisões, descendo alternativamente, eu e Peters, e sempre com mais ou menos êxito até o pôr do sol. Durante este tempo, tivemos a boa sorte de trazer ao todo, mais quatro pequenas botijas de azeitonas, outro presunto, um garrafão contendo quase três galões de excelente vinho do cabo da Madeira e, o que nos deu ainda maior satisfação, uma pequena tartaruga da espécie Galápagos, muitas das quais haviam sido postas a bordo pelo Capitão

Barnard, quando o *Grampus* estava deixando o porto, tendo-as recebido da escuna *Mary Pitts* que acabava de chegar duma viagem ao Pacífico, de pesca.

Em parte subseqüente desta narrativa terei freqüentes ocasiões de mencionar esta espécie de tartaruga. Encontra-se, principalmente como a maior parte de meus leitores pode saber, no grupo de ilhas chamadas Galápagos, que, realmente, derivam seu nome do animal, significando a palavra "galápago" uma espécie de tartaruga de água-doce. Por causa de sua forma característica e de sua maneira de agir, têm-na muitas vezes chamado de tartaruga-elefante. Encontram-se algumas de enorme tamanho. Eu mesmo tenho visto muitas que pesariam de mil e duzentas a mil e quinhentas libras, embora não me recorde que algum navegante conte que as tenha visto pesando mais de oitocentas libras. Seu aspecto é singular e mesmo repelente. Seus passos são muito lentos, medidos e pesados, elevando-se seu corpo a cerca de trinta centímetros acima do solo. Seu pescoço é comprido e excessivamente fino; de quarenta e cinco a sessenta centímetros e um comprimento bem comum, e eu matei uma cuja distância do ombro à extremidade da cabeça não era de menos de um metro e quinze centímetros. A cabeça tem uma semelhança chocante com a de uma serpente. Podem viver sem comida por um período de tempo quase inacreditável, conhecendo-se exemplos em que têm sido lançadas no porão de um navio, ali ficando dois anos sem nutrição de qualquer espécie, tão gordas, a todos os efeitos, e em tão bom estado, ao terminar o prazo, como quando ali foram postas a princípio. Neste particular, esses extraordinários animais se assemelham ao dromedário ou camelo do deserto. Numa bolsa, na raiz do pescoço, carregam elas constante provisão de água. Em alguns delas, matando-as depois de terem estado todo um ano privadas de qualquer nutrição, têm sido encontradas nessas bolsas cerca duns três galões de água perfeitamente doce e fresca. Seus alimentos são principalmente salsa selvagem e aipo, com beldroega, barrilha e cacto, havendo grande abundância deste último, de que elas se aproveitam maravilhosamente nas encostas, perto da praia, onde o animal é encontrado. São um alimento excelente e altamente nutritivo, e têm servido, sem dúvida, de meio de conservação das vidas de milhares de marinheiros empregados na pesca da baleia e outras ocupações no Pacífico.

A que tivéramos a boa sorte de trazer do paiol de mantimentos não era lá muito grande, pesando provavelmente sessenta e cinco ou setenta libras. Era fêmea, em ótimas condições, extremamente gorda e tendo mais de um quarto de galão de água doce e clara no seu saco. Isto era na verdade um tesouro e, caindo de joelhos, todos de duma vez, demos fervorosas graças a Deus por tão oportuno alívio.

Tivemos grande dificuldade em fazer passar o animal pela abertura pois ele se debatia com furor e sua força era prodigiosa, a ponto de escapar das mãos de Peters e mergulhar de novo, quando Augusto, lançando uma corda, com um nó corrediço em torno de seu pescoço, manteve-a desta forma, até que eu tivesse pulado para o buraco ao lado de Peters e o auxiliasse a empurrá-la para fora.

Transvasamos cuidadosamente a água do saco para o jarro, que, hão de lembrar-se, havíamos trazido antes da cabine. Feito isto, quebramos o gargalo duma garrafa, de modo a formar com a rolha uma espécie de copo que não chegava a conter vinte e cinco centilitros. Cada um de nós bebeu então um desses copos cheios, e resolvemos limitar-nos a essa quantidade por dia, tanto tempo quanto pudesse durar a provisão.

Durante os dois ou três últimos dias, tendo o tempo ficado seco e agradável, as cobertas que havíamos trazido da cabine, bem como nossas roupas, haviam secado inteiramente, de modo que passamos essa noite (a do dia 23) em relativo conforto, gozando um tranquilo repouso depois de havermos ceado lautamente azeitonas e presunto, com um pequeno gole de vinho. Receosos de ver de nossas provisões arrebatadas pelo mar durante a noite, no caso de levantar-se uma brisa forte, amarramo-las da melhor forma com as cordas, aos fragmentos do molinete. Nossa tartaruga, que tínhamos o maior interesse em conservar viva, tanto tempo quanto pudéssemos, viramo-la de costas e, além disso, prendemo-la cuidadosamente.

CAPÍTULO XIII

JULHO, 24. Esta manhã nos encontrou maravilhosamente restabelecidos de coragem e força física. Não obstante a situação perigosa em que ainda nos achávamos colocados, ignorando nossas posições embora certamente a grande distância de terra, sem mais alimento do que o necessário para uma quinzena, mesmo racionado, quase inteiramente sem água e flutuando para cá e para lá, à mercê de todos os ventos e ondas, sobre o destroço mais miserável do mundo, contudo, as angústias e perigos infinitamente mais terríveis que tínhamos sido tão recente e providencialmente libertados levavam-nos a olhar aquilo que agora suportávamos como um mal apenas um pouco maior do que o costumeiro — tão estreitamente relativos são o bem e o mal.

Ao raiar do sol estávamo-nos preparando para renovar nossas tentativas de arranjar alguma coisa do paiol de mantimentos quando, tendo sobrevindo uma forte chuvada, com alguns relâmpagos voltamos nossa atenção para a coleta de água, por meio que tínhamos usado antes para esse fim. Não tínhamos outros meios de recolher a chuva, além do de manter o pano com uma das chapas dos porta-ovéns no meio. A água assim conduzida para o centro era drenada para o nosso jarro. Já o havíamos quase enchido dessa maneira, quando uma forte rajada vinda do norte obrigou-nos a desistir, pois o casco começou mais uma vez a jogar tão violentamente que não nos podíamos conservar pé. Corremos então para a proa e, amarrando-nos, solidamente aos restos do molinete, como antes, aguardamos os acontecimentos com muito mais calma do que teríamos previsto, ou de que nos teríamos imaginado capazes em tais circunstâncias. Ao meio-dia o vento se havia avivado, mudando-se numa brisa de colher duplos rizes e, à noite, transformara-se numa borrasca

violenta, acompanhada de mar tremendamente grosso. Tendo-nos ensinado, porém a experiência o melhor método de arranjar nossas amarras, suportamos essa noite terrível com tolerável segurança, embora inteiramente inundados quase a cada instante pelo mar e em perpétuo perigo de sermos tragados. Felizmente, o tempo estava tão quente que tornava a água mais agradável do que mesmo outra coisa.

Julho, 25. Esta manhã a borrasca diminuíra, tanto que não era mais do que uma brisa de dez nós e o mar tinha baixado tão consideravelmente que podíamos conservar-nos a seco sobre o convés. Com grande tristeza, porém, descobrimos que dois potes de nossas azeitonas bem como todo o nosso presunto tinham sido tragados pelo mar, a despeito da cuidadosa maneira por que tinham sido amarrados. Resolvemos não matar ainda a tartaruga e contentar-nos, no momento, com um almoço de umas poucas azeitonas e um copo de água, cada um à qual misturamos, em porções iguais, um de vinho. Causou-nos grande alívio e reconforto a mistura, sem a desagradável embriaguez que se segue quando se, bebe vinho do Porto. O mar estava ainda demasiado crespo para que recomeçássemos nossos esforços de recolher provisão do paiol. Muitos artigos sem importância para nós, em nossa presente situação, flutuaram através da abertura, durante o dia, e eram imediatamente tragados pelo oceano. Nós também observamos que o casco se ia inclinando, cada vez mais, de modo que não podíamos ficar de pé, um instante, sem nos amarrar. Por causa disto, passamos um dia sombrio e desagradável. Ao meio-dia, o sol parecia quase vertical sobre nós e não tivemos dúvida de haver sido levados pela longa sucessão dos ventos do norte e do noroeste quase para as proximidades do equador. Lá pela tarde vimos vários tubarões e ficamos um tanto quanto alarmados pela audaciosa maneira com que um enormemente grande se aproximou de nós. Em certo instante, como uma guinada houvesse lançado o casco muito abaixo da água, o monstro ficou realmente a nadar acima de nós, debatendo-se por momentos bem sobre a escotilha da passagem, e batendo violentamente com a cauda em Peters. Uma pesada onda, afinal, jogou-o para o outro lado, com grande alívio nosso. Em tempo moderado teríamos podido capturá-lo facilmente.

Julho, 26. Esta manhã, tendo o vento grandemente tombado e não estando o mar muito crespo, resolvemos renovar nossos esforços no paiol. Depois de um trabalho bastante árduo, durante o dia inteiro descobrimos que nada mais tínhamos a esperar naquele setor, os tabiques do

compartimento tinham sido rebentados, durante a noite, rolando as provisões para dentro do porão. Esta descoberta, como é de supor-se, encheu-nos de desespero.

Julho, 27. Mar quase manso, com uma leve brisa, sempre de norte para oeste. Tendo-se o sol tornado bastante quente à tarde, ocupamo-nos em secar nossas roupas. Fomos muito aliviados da sede e também muito reconfortados por nos termos banhado no mar. Neste banho, porém, fomos forçados a usar de grande cautela, receosos dos tubarões, muitos dos quais foram vistos nadando em torno do brigue durante o dia.

Julho, 28. Bom tempo ainda. O brigue começou agora a inclinar-se tão alarmantemente que receamos que ele se virasse de todo, de fundo para cima. Preparam-nos o melhor que podíamos para essa emergência, amarrando nossa tartaruga, nosso jarro de água e os dois restantes potes de azeitonas, tão distantes quanto possível, a barlavento, colocando-os por fora do casco, abaixo dos grandes porta-ovéns. O mar, muito manso o dia todo, com pouco ou nenhum vento.

Julho, 29. Continuação do mesmo tempo. O braço de Augusto começou a mostrar sintomas de gangrena. Queixa de entorpecimento e de sede excessiva, mas não de dores agudas. Nada podíamos fazer para aliviá-lo, a não ser esfregar suas feridas com um pouco do azeite das azeitonas, sem que disso parecesse resultar grande benefício. Fizemos tudo quanto estava a nosso alcance para aliviá-lo e triplicamos sua ração de água.

Julho, 30. Dia excessivamente quente, sem vento. Um enorme tubarão conservou-se junto ao casco durante toda a manhã. Fizemos várias tentativas infrutíferas para capturá-lo, por meio de um nó corrediço. Augusto muito pior e evidentemente enfraquecendo-se cada vez mais, tanto por falta de alimentação conveniente como por efeito de seus ferimentos. Suplicava a cada instante que o livrássemos de seu sofrimento, nada mais desejando senão a morte. Esta tarde, comemos nossas derradeiras azeitonas e encontramos a água, na nossa tina, tão pútrida que não podíamos engoli-la absolutamente, sem que lhe misturássemos vinho. Resolvemos matar nossa tartaruga na manhã seguinte.

Julho, 31. Depois de uma noite de excessiva ansiedade e fadiga, devido à posição do casco, pusemo-nos a matar e a corta em pedaços nossa tartaruga. Verificou-se que ela era muito menor do que tínhamos suposto, embora de boa qualidade. Não atingia toda a carne que dela retiramos a mais de dez libras. Tendo em vista reservar uma parte, o maior tempo

possível, cortamo-la em pedaços finos e os colocamos nos nossos três potes restantes de azeitonas e na garrafa de vinho (que havíamos preciosamente conservado derramando por cima o azeite das azeitonas. Desta maneira guardamos cerca de três libras da tartaruga, não tencionando tocar-lhe até termos consumido o restante. Resolvemos limitar-nos mais ou menos a cem gramas de comida por dia; dessa forma todo o alimento poderia durar uns treze dias. uma chuvarada acompanhada de fortes trovões e relâmpagos, caiu ao anoitecer mas durou tão pouco tempo que só conseguimos recolher vinte e cinco centilitros de água. Toda ela, por comum acordo foi dada a Augusto, que parecia encontrar-se agora na derradeira extremidade. Bebia a água do pano, à proporção que a recolhíamos (pois mantínhamos o pano sobre ele de modo a deixá-la correr para sua boca), porque nada tínhamos agora que pudesse guardar a água, a não ser que resolvêssemos esvaziar nosso vinho do garrafão ou jogar fora a água podre do jarro. Qualquer desses expedientes teria sido tomado se a chuva durasse.

O doente pareceu tirar apenas pouco alívio da bebida. Seu braço estava completamente negro do punho até ao ombro, e tinha os pés gelados. Esperávamos a cada momento vê-lo dar o último suspiro. Estava horrivelmente emagrecido, tanto que, embora pesasse cento e vinte e sete libras ao deixar Nantucket, não tinha agora mais do que quarenta ou cinquenta, no máximo. Tinha os olhos encovados, visíveis apenas, e a pele de suas bochechas pendia tão frouxa que o impedia de mastigar qualquer alimento, ou mesmo de engolir qualquer líquido, sem grande dificuldade.

Agosto, 1. Continuação do mesmo tempo calmo, com um sol opressivamente quente. Excessiva tortura da sede, estando a água jarro absolutamente podre e fervilhante de bichos. Conseguimos, não obstante, engolir certa porção dela misturando-a com vinho. Nossa sede, porém, apenas se acalmou um pouco. Encontramos alívio banhando-nos no mar, mas não podíamos valer-nos expediente a não ser a longos intervalos, por causa da contínua presença de tubarões. Víamos agora, claramente, que Augusto não podia ser salvo; estava evidentemente morrendo. Nada podíamos fazer para aliviar seus sofrimentos, que pareciam ser enormes. Cerca de doze horas ele expirou, entre fortes convulsões, e sem ter falado durante horas. Sua morte encheu-nos dos mais sombrios pressentimentos e tamanho efeito teve sobre nossos espíritos que ficamos sentados, imóveis, junto ao cadáver, durante o dia inteiro, sem que jamais nos dirigíssemos

um ao outro a não ser em voz baixa. Foi somente algum tempo depois do escurecer que tomamos coragem de levantar-nos e lançar o corpo pela borda. Estava então inexprimivelmente pesado e tão apodrecido que, no tentar Peters levantá-lo, uma perna inteira ficou-lhe na mão. Quando aquela massa putrefata deslizou sobre o lado do navio, para dentro da água de luz fosfórica de que já estava cercada plenamente nos mostrou sete ou oito grandes tubarões cujo matraquear horrível dos dentes, quando sua presa foi dilacerada por eles, podia ter sido ouvido à distância de uma milha. Ouvindo esse ruído, fomos penetrados de horror, até o mais íntimo de nosso ser.

Agosto, 2. A mesma calma terrível, o mesmo calor excessivo. A madrugada encontrou-nos num estado de lastimável abatimento e de completo esgotamento físico. A água do jarro era agora completamente inutilizável, não passando de espessa massa gelatinosa, nada mais do que vermes de horrível aspecto misturados com limo. Atiramo-la fora e lavamos o jarro no mar, depois de haver derramado nele algumas gotas do azeite de nossas botijas de tartaruga picada. Mal podíamos agora suportar a sede e, em vão, tentávamos com o vinho, que só parecia ajuntar combustível às chamas nos excitava a um alto grau de embriaguez. Tentamos depois aliviar nossos sofrimentos misturando o vinho com água do mar; isso, instantaneamente, provocou em nós as mais violentas náuseas de modo que não mais o experimentamos. Durante todo o dia ansiosamente, buscamos uma oportunidade para banhar-nos, mas foi inútil, pois o casco estava agora inteiramente sitiado por os lados pelos tubarões, sem dúvida os mesmos monstros que tinham devorado nosso pobre companheiro na noite anterior e que se achavam em contínua expectativa de outro festim semelhante. Esta circunstância causou-nos a saudade mais amarga e encheu-nos dos mais deprimentes e melancólicos presságios. Havíamos experimentado indescritível alívio banhando-nos e estava além de nossas forças suportar o ficar privados desse recurso de maneira tão terrível. Aliás, não estávamos inteiramente livres do temor do imediato perigo, pois o mais leve deslize ou falso movimento poderia lançar-nos, imediatamente, ao alcance daqueles vorazes peixes que freqüentemente se atiravam sobre nós nadando para sota-vento. Nem gritos nem esforços de nossa parte pareciam alarmá-los, mesmo quando um dos maiores foi atingido por Peters, com uma machadada e gravemente ferido, persistiu em suas tentativas de atirar-se aonde

estávamos. Uma nuvem apareceu ao escurecer, mas para nossa extrema angústia, passou sobre nós sem desfazer-se. É inteiramente impossível conceber nossas torturas de sede nessa ocasião. Passamos uma noite em claro, quer por causa disso, quer por medo dos tubarões.

Agosto, 3. Nenhuma perspectiva de alívio e o brigue inclinava-se ainda mais e mais, de modo que agora não podíamos dar um passo sequer sobre o convés. Ocupamo-nos em pôr a salvo o nosso vinho e a carne da tartaruga a fim de não os perder caso o navio revirasse. Arrancamos dois fortes pregos dos porta-ovéns e por meio do machado, pregamo-los no casco de barlavento, a uns dois pés da água, o que não ficava muito distante da quilha, pois estávamos quase de lado. A estes pregos amarramos nossas provisões que assim pareciam estar mais a salvo do que na sua antiga posição por baixo das correntes. Torturados grandemente pela sede durante o dia inteiro nenhuma oportunidade de banhar-nos por causa dos tubarões que não nos abandonavam um momento sequer. Impossível dormir.

Agosto, 4. Um pouco antes do raiar do dia percebemos que navio estava girando e tratamos de evitar ser lançados ao mar por esse movimento. A princípio, a rotação era lenta e gradativa, e conseguimos muito bem grimpar para barlavento, tendo tomado a precaução de deixar cordas pendentes dos pregos que havíamos fincado para as provisões. Mas não tínhamos calculado suficientemente a aceleração da força impulsiva, pois agora o movimento se tornava tão violento que não nos permitia caminhar de par com ele; e, antes que qualquer um de nós percebesse o que ia acontecer, vimo-nos jogados furiosamente no mar, debatendo-nos a muitas braças abaixo da superfície e com o enorme casco justamente sobre nós.

Ao mergulhar na água fora obrigado a largar a corda e descobrindo que me achava completamente por baixo do navio e com as minhas forças quase exaustas, fiz apenas leve esforço para salvar a vida e resignei-me, em poucos segundos, a morrer. Mas, aqui, de novo eu me enganara, não tendo levado em conta a reviravolta natural do casco para barlavento. O redemoinho da água que subia, ocasionado por esse giro parcial do navio, me trouxe à superfície ainda mais violentamente do que eu tinha sido submergido. Subindo à tona, achei-me a cerca de vinte jardas do casco tanto quanto pude julgar. Estava de quilha para cima, rolando furiosamente, de um lado para outro, enquanto o mar em todas as direções

se mostrava bastante agitado e cheio de violentos torvelinhos. Não podia avistar Peters. Uma barrica de óleo flutuava, a pouca distância de mim, e vários outros artigos do brigue estavam disseminados em torno.

Meu principal terror era agora causado pelos tubarões que sabia estarem na vizinhança. A fim de evitar, se possível, que eles se aproximassem de mim, bati vigorosamente a água com os pés e mãos, enquanto nadava para o casco, formando uma grande massa de espuma. Não tenho dúvida de que, a esse expediente tão simples como era, devo a minha salvação; pois o mar em redor do brigue, justamente antes que este revirasse, estava tão coalhado desses monstros que eu devia ter estado, e realmente estive, em verdadeiro contato com alguns deles durante o meu trajeto. Graças a uma imensa boa sorte, porém, alcancei o costado do navio a salvo, embora tão extremamente enfraquecido pelo violento esforço que empregara que jamais teria sido capaz de subir para ele, não fosse o oportuno auxílio de Peters, que, então, para minha grande alegria, apareceu (tendo trepado para a quilha pelo lado oposto do casco) e lançou-me a ponta de uma corda — uma das quais eu tinha amarrado aos pregos.

Mal tínhamos escapado a esse perigo, nossa atenção foi desviada para a terrível iminência de outro: o da completa inanição. Todo o nosso sortimento de provisões tinha sido lançado ao mar, a despeito de todo o nosso cuidado em amarrá-lo; e, não vendo sequer remota possibilidade de obter mais algum, demos largas ao nosso desespero chorando alto como crianças, e sem que nenhum de nós oferecer consolo ao outro. Mal se pode conceber tal fraqueza e, àqueles que nunca se encontraram em tal situação, não parecerá ela coisa natural; mas deve ser lembrado que nossas inteligências se achavam tão inteiramente desordenadas pelo longo período de privações e terror a que havíamos estado sujeitos que não podíamos ser justamente considerados, naquela ocasião, como seres racionais. Em perigos subseqüentes, quase tão grandes, senão maiores, suportei com fortaleza todos os males de minha situação, e Peters como se verá, revelou uma filosofia estóica, quase tão incrível como a sua real e infantil indiferença e imbecilidade; a diferença estava na situação mental.

A reviravolta do brigue, mesmo com a resultante perda do vinho e da tartaruga, não teria, de fato, tornado nossa situação mais deplorável do que antes, não fosse a desaparição das roupas de cama por meio das quais até então tínhamos podido recolher a água da chuva e do jarro no qual nós a conservávamos quando apanhada, pois encontramos toda a carena, a partir

de sessenta ou noventa centímetros da precinta até a quilha, e toda a própria quilha *cobertas de espessa camada de grandes moluscos que nos proporcionaram alimento excelente e altamente nutritivo*. Dessa forma, sob dois importantes aspectos, o acidente que nos atemorizara tanto demonstrou ser mais benéfico do que prejudicial. Abrira para nós um suprimento de provisão que não poderíamos esgotar, usando-o embora imoderadamente, nem mesmo em um mês, e contribuíra grandemente para aliviar nossa posição, pois estávamos muito mais à vontade correndo infinitamente menos perigo do que antes.

A dificuldade, porém, de obter agora água fazia com fechássemos os olhos a todos os benefícios da mudança de nossa posição. Para que pudéssemos estar prontos a aproveitar, o melhor possível qualquer aguaceiro que sobreviesse, tiramos as camisa, usá-las como havíamos anteriormente feito com os lençóis não esperando, sem dúvida, obter desse modo, mesmo nas circunstâncias mais favoráveis, mais do que um oitavo de vinte e cinco centilitros de cada vez. Nenhum sinal de nuvens apareceu durante o dia e as torturas de nossa sede eram quase intoleráveis. À noite Peters conseguiu dormir, descansado cerca de uma hora, mas meus intensos sofrimentos não me permitiram pregar olhos um só instante.

Agosto, 5. Hoje uma brisa ligeira se ergueu levando-nos através de vasta quantidade de algas, entre as quais tivemos a sorte de encontrar onze pequenos caranguejos, que nos proporcionaram várias refeições deliciosas; sendo suas cascas completamente moles, comemo-los inteiros, e descobrimos que eles provocavam bem menos nossa sede do que os moluscos. Não vendo sinais de tubarões entre as algas, aventuramo-nos também a tomar banho e permanecemos na água durante quatro ou cinco horas, nas quais experimentamos diminuição bastante sensível de nossa sede. Refrescamo-nos bastante e passamos a noite um tanto mais confortáveis que antes, tendo ambos conseguido dormir um pouco.

Agosto, 6. Fomos favorecidos hoje por uma chuva contínua que durou do meio-dia até depois do escurecer. Deploramos, então, amargamente, a perda de nosso jarro e de nosso garrafão pois, a despeito dos poucos meios que tínhamos de apanhar a água, poderíamos ter enchido um, senão mesmo os dois. Seja como for conseguimos aplacar os ardores da sede deixando que nossas camisas se encharcassem e depois torcendo-as, até que o líquido salutar se vertesse em nossa boca. Nesta ocupação passamos o dia inteiro.

Agosto, 7. Justamente ao raiar do dia descobrimos ambos ao mesmo tempo, uma vela a leste, e que *evidentemente se dirigia para nosso lado!* Saudamos a gloriosa aparição com um fraco, grito de êxtase; e começamos, no mesmo a fazer todos os sinais que podíamos, agitando as camisas no alto, pulando tão alto quanto nossa fraqueza nos podia permitir, e mesmo gritando, com toda a força de nossos pulmões, embora o navio estivesse a uma distância de quinze milhas pelo menos. No entanto continuava ele a aproximar-se sempre de nosso casco e compreendemos que, se ele persistisse na mesma direção, deveria com todas as probabilidades, chegar tão perto que nos avistaria. Cerca de hora depois de o havermos visto pela primeira vez, pudemos claramente avistar as pessoas no convés. Era uma escuna comprida, baixa, com uma vela de mezena um tanto inclinada e uma bola preta no velacho, tendo, ao que parecia, grande tripulação. Experimentamos então grande angústia, pois não podíamos imaginar que não nos visse e receávamos que quisesse deixar-nos perecer daquela forma — ato de diabólica barbaria, que, por mais incrível que pudesse parecer, tem sido repetidamente perpetrado no mar, em circunstâncias bem semelhantes e por seres olhados como pertencentes a espécie humana.[2] Desta vez, porém, graças a Deus, estávamos destinados a enganar-nos, felizmente, pois, de súbito, percebemos uma repentina agitação no convés do navio estrangeiro, o qual, logo sem demora, içou uma bandeira inglesa e, orçando o vento, aproou diretamente sobre nós. Meia hora mais tarde achávamo-nos na sua cabine. O navio era o *Jane Guy*, de Liverpool, comandado pelo capitão Guido, em viagem de pesca de focas e de comércio pelos mares do sul e no Pacífico.

CAPÍTULO XIV

A *JANE GUY* era uma escuna veleira de cento e oitenta toneladas de carga. Com a proa desusadamente aguçada, tendo vento e em tempo moderado, era o mais veloz barco que já vi. Suas qualidades, porém, para navegar em mar agitado não eram tão boas, e sua tiragem de água era excessiva para o uso a que se destinava. Em caso tal, um navio maior e de tiragem proporcionalmente mais leve seria preferível; digamos, um navio de trezentas a trezentas e cinquenta toneladas. Ela deveria ser armada à capa e, em outros aspectos ter construção diversa da dos navios comuns dos mares do sul. Era absolutamente necessário que tivesse bom armamento. Deveria possuir de dez a doze canhões de doze libras e dois ou três de doze, mais compridos, com bacamartes de bronze e caixões impermeáveis para cada cesto da gávea. Suas âncoras e cabos deveriam ser de maior resistência do que a requerida para outras espécies de comércio, e, acima de tudo, sua tripulação tinha de ser numerosa e eficiente: nada menos, para um vaso tal como o que descrevi, de cinquenta ou sessenta homens capazes e fortes. A *Jane Guy* tinha uma tripulação de 35 homens, todos hábeis marinheiro, além do capitão e do imediato, mas não estava completamente bem armada nem equipada, de outra parte, como teria desejado um navegador conhecedor das dificuldades e perigos de seu ramo.

O Capitão Guido era um cavalheiro de trato urbaníssimo e de considerável experiência do tráfico do sul, a que devotara grande parte de sua vida. Era deficiente, contudo, em energia e em consequência, nesse espírito de iniciativa que ali tão amplamente se requer. Era em parte proprietário do navio em que viajava e se achava investido de poderes discricionários para cruzar os mares do sul em busca de qualquer carga

que lhe pudesse facilmente vir às mãos. Tinha a bordo, como de hábito em tais viagens, colares, espelhos, isqueiros, machados, machadinhas, serrotes, enxós, plainas, cinzéis, escopros, verrumas, limas, cepilhos, limatões, martelos, pregos, facas, tesouras, navalhas, agulhas, linha, louça, panos de algodão, berloques e outros artigos similares.

A escuna navegara de Liverpool a 10 de julho, atravessara o trópico de câncer a 25, na longitude de vinte graus oeste e alcançara Sal, uma das ilhas de Cabo Verde, a 29. Ali embarcou sal e outras coisas necessárias à viagem. A 3 de agosto deixou as ilhas de Cabo Verde e rumou para sudoeste, dirigindo-se para a costa do Brasil, de modo a cruzar o equador, entre os meridianos de vinte e oito e trinta graus longitude oeste. Esse é o curso usualmente adotado pelos navios que vêm da Europa para o cabo da Boa Esperança, ou pela rota das Índias Orientais. Assim fazendo evitam eles as calmarias e as fortes correntes contrárias que continuamente predominam na costa da Guiné, ao mesmo tempo que no fim de contas, esse é o caminho mais curto, pois nunca faltam ventos de oeste para quem quer atingir o cabo. Era intenção do Capitão Guido fazer sua primeira parada na Terra de Kerguelen — mal posso imaginar por qual motivo. No dia em que fomos recolhidos a escuna estava ao largo do cabo de São Roque, na longitude de trinta e um graus oeste; assim, quando encontrados havíamos derivado provavelmente, de norte a sul, *não menos de vinte e cinco graus*!

A bordo da *Jane Guy* fomos tratados com toda a bondade que exigia nossa angustiosa situação. Em cerca de uma quinzena durante a qual continuamos rumando para sudeste com belo tempo, Peters e eu recobramo-nos inteiramente de dos efeitos de nossas recentes privações e terríveis sofrimentos, e começamos a recordar o que se passara mais como um pesadelo de que havíamos felizmente despertado do que como acontecimentos, de fato, que tivesse ocorrido na realidade nua e crua. Desde então notei que essa espécie de olvido parcial é usualmente produzida pelas transições súbitas seja da alegria para a tristeza, seja da tristeza para a alegria, sendo o grau de esquecimento proporcional ao grau de diferença na mudança. Assim, no meu caso pessoal, sentia então ser impossível apreender a extensão completa das misérias que suportara durante os dias passados no casco. Recordam-se os incidentes, mas não os sentimentos que tais incidentes produziram no tempo de sua ocorrência.

Só sei que quando ocorreram, supus *então* que agonia maior a natureza humana não poderia suportar.

Continuamos nossa viagem por algumas semanas sem incidentes de maior porte que o encontro ocasional de navios baleeiros, e, mais frequentemente, com a baleia preta, assim chamada para distingui-la do cachalote. Estes, porém, eram encontrados, principalmente ao sul do paralelo vinte e cinco. A 16 de setembro, estando nas cercanias do cabo da Boa Esperança, a escuna encontrou sua primeira borrasca de alguma violência desde a partida de Liverpool. Nessas proximidades, porém, mais frequentemente a sul e a leste do promontório (estávamos a oeste), os navegantes têm sempre de enfrentar tormentas vindas do norte que se desencadeiam furiosamente. Com elas o mar se torna sempre agitadíssimo e um de mais perigosos aspectos é o redemoinhar do vento, o que é quase certo ocorrer em meio à maior força da tempestade. Estará soprando um furacão autêntico do norte ou do nordeste, a dado momento, e no momento seguinte, nem um sopro de vento se sentirá daquela direção, enquanto do sudoeste a rajada virá, imediatamente, com violência quase inconcebível. Uma nesga de céu limpo no sul é o sinal da mudança e os navios podem assim tomar as precauções convenientes.

Foi por volta das seis da manhã que o furacão se desencadeou com uma chuvarada que nuvem alguma deixara prever, vindo, como de costume, do norte. Às oito, aumentara muito e tínhamos sob nós um dos mares mais tremendos que já vi. Tudo fora acomodado o melhor possível, mas a escuna lutava com dificuldade e dava mostras de suas más qualidades como navio de alto-mar, inclinando o castelo de proa a cada vaga e debatendo-se, com o maior esforço, para sair de uma onda antes de despenhar-se em outra. Justamente antes do sol se pôr, a nesga de céu limpo pela qual estivéramos esperando apareceu a sudoeste e uma hora depois percebemos a vela pequena de frente que tínhamos, açoitando, solta, o mastro. Dois minutos após, a despeito de todos os preparativos, fomos lançados de lado, como por mágica, e uma vastidão imensa de espuma veio quebrar-se sobre nós. O furacão do sudoeste, porém, não passou felizmente de uma rajada, e tivemos a sorte de endireitar o navio sem a perda de uma verga. Poucas horas depois disso, um mar grosso e picado dava-nos o maior trabalho. Mas, ao amanhecer encontramo-nos em situação quase tão boa como antes da tormenta. O Capitão Guido achou que escapáramos pouco menos que por milagre.

A 13 de outubro, chegamos à vista da ilha do Príncipe Eduardo, na latitude de 46 graus 53 minutos S. e longitude de 37 graus 46 minutos L. Dois dias depois encontram-nos perto da ilha da Possessão, e depois passamos pelas lhas de Crozet, na latitude de 42 graus 59 minutos S. e na longitude de 48 graus L. No dia dezoito chegamos à ilha de Kerguelen, ou da Desolação no oceano Índico meridional, e ancoramos em Porto Natal, com quatro braças de água.

Essa ilha, ou antes, esse grupo de ilhas, fica a sudeste do cabo da Boa Esperança e dista dele cerca de oitocentas léguas. Foi descoberta, primeiramente, em 1772, pelo Barão de Kergulen ou Kerguelen, um francês que, achando que aquela terra formava parte de um extenso continente austral, levou à sua pátria tal informação que na época produziu sensação enorme. O governo, interessando-se pelo caso, enviou o barão, no ano seguinte, para fazer um exame cuidadoso de sua nova descoberta, dando-se então pelo engano. Em 1777, o Capitão Cook veio a dar com o mesmo grupo e veio a dar à ilha principal o nome de ilha da Desolação, título que ela certamente merece. Ao aproximar-se da terra, porém, o navegante pode ser induzido a supor o contrário, pois as encostas de muitas das colinas, de setembro a março, revestem-se de brilhante verdura. Essa enganosa aparência é causada por uma pequena planta que se assemelha às saxífragas e que é abundante, crescendo em vastos lençóis sobre uma espécie de musgo de pedra. Além dessa planta, raros são os sinais de vegetação na ilha, se excetuarmos alguma relva dura e selvagem, nas proximidades do porto, alguns líquens, e uma planta que se assemelhava a uma couve passada e que tinha um gosto acre e amargo.

O aspecto da região é acidentado, embora nenhuma de suas colinas possa ser considerada elevada. Seus cimos estão perpetuamente cobertos de neve. Há diversos ancoradouros, mas Porto Natal é o mais conveniente. É o primeiro que se encontra do lado nordeste da ilha, depois de passado o cabo François, que forma a praia do norte e, por sua forma especial, serve para assinalar o porto. Sua ponta terminal finda numa rocha elevada através da qual existe grande cavidade, formando um arco natural. A entrada está na latitude 48 graus 40 minutos S., e longitude 69 graus e 6 minutos L. Passando por ali pode-se encontrar boa ancoragem entre diversas ilhotas disseminadas que formam proteção suficiente para os ventos de leste. Passando a oriente desse ancoradouro chega-se à baía Wasp, na entrada do porto. É uma angra completamente fechada por terra

na qual se pode entrar com quatro braças e encontrar ancoragem de dez a três, sendo o fundo de argila dura. Um navio pode ficar ali com a melhor âncora guardada o ano inteiro, sem correr risco. A oeste na entrada da baía Wasp, há um riacho de excelente água, facilmente encontrado.

Certas focas das espécies lisa e peluda são ainda achadas na ilha de Kerguelen e os elefantes-marinhos são abundantes. Grande é o número das espécies de penas. Há inúmeros pingüins, de quatro tipos diferentes. O pingüim-real, assim chamado por seu tamanho e bela plumagem, é o maior. A parte superior de seu corpo é habitualmente cinzenta e às vezes de uma tonalidade arroxeada; a parte inferior é da mais pura alvura imaginável. A cabeça é de um negro polido e brilhantíssimo, bem como os pés. A principal beleza da plumagem, porém, consiste em duas largas faixas de cor dourada que correm da cabeça até o peito. O bico é longo e cor-de-rosa ou escarlate-vivo. Essas aves andam eretas, com imponente majestade. Trazem as cabeças levantadas, com as asas caindo, como dois braços e, como a cauda se projeta de seu corpo em linha reta com as pernas, a semelhança com uma figura humana é impressionante e seria capaz de enganar o espectador, a um relancear de olhos casual, ou no lusco-fusco. Os pingüins-reais que encontramos na ilha de Kerguelen eram bem maiores que um ganso. As outras espécies são o pingüim "macarrão", o pingüim "abobalhado" e o pingüim "gralhador". São eles muito menores em tamanho, menos belos na plumagem e diferentes sob outros aspectos.

Além dos pingüins, muitas outras aves ali se acham, entre as quais corvos-marinhos, procelárias azuis, cercetas, patos, galinhas de Port Egmont, corvos verdes, pombos-do-cabo, gaivotas-polares, andorinhas-do-mar, esternas, gaivotas comuns, o pequeno petrel, chamado *Mother Carrey's chicken*, o grande petrel, chamado *Mother Carrey's goose*[*], e, por fim, o albatroz.

O grande petrel é do tamanho do albatroz comum e é carnívoro. Frequentemente o chamam quebra-ossos ou águia-marinha. Não é absolutamente medroso e, quando devidamente cozido, é saboroso alimento. Ao voar, paira, às vezes, muito perto da superfície da água, com as asas estendidas, sem parecer movê-las no mínimo, sem fazer qualquer esforço com elas.

O albatroz é uma das maiores e das mais ferozes aves dos mares. É da espécie das gaivotas e nunca vem à terra, a não ser para fins de procriação, apanhando sua presa nos ares. Entre essa ave e o pingüim existe a mais

singular das amizades. Seus ninhos são construídos com grande uniformidade, de acordo com um plano concertado entre as duas espécies, ficando o do albatroz no centro de um pequeno quadrado, formado pelos ninhos de quatro pingüins. Os navegadores combinaram em chamar uma reunião de tais acampamentos de *cortiço*. Esses cortiços têm sido muitas vezes descritos, mas como meus leitores podem não ter visto tais descrições e como eu terei, mais adiante, ocasião de falar do pingüim e do albatroz, não será ocioso dizer aqui alguma coisa sobre seu modo de nidificar e viver.

Quando chega a época da incubação, as aves se reúnem em vastos grupos e, durante alguns dias, parecem estar confabulando sobre o caminho mais próprio a tomar. Afinal, passam à ação. Escolhe-se um trecho de terreno plano, de extensão conveniente, usualmente compreendendo três ou quatro acres, e situado tão perto do mar quanto possível, mas fora do alcance das ondas. O lugar é escolhido tendo em vista a igualdade da superfície, preferindo-se o menos pedregoso. Feito isso, os pássaros passam, de comum acordo, e dirigidos aparentemente por uma só cabeça, a traçar com correção matemática, ou um quadrado ou outro paralelograma, tal como mais convenha à natureza do solo, e de tamanho suficientemente justo para acomodar, com facilidade, todas as aves do grupo e não mais; nesse particular, parecendo querer evitar o acesso de futuros vagabundos que não participaram dos trabalhos de construção. Um lado do lugar assim demarcado corre paralelamente com a orla da água e é deixado aberto para entrada e saída.

Tendo definido os limites do cortiço, a colônia começa então a limpá-lo de toda espécie de calhaus, retirando pedra por pedra e carregando-as para fora das lindes, mas junto a elas, de modo a formar uma muralha, nos três lados de terra. Precisamente dentro dessa parede formam um passeio perfeitamente plano de um metro e oitenta centímetros e dois metros e quarenta centímetros de largura, que se estende em torno do acampamento servindo assim para os fins de passear.

O processo seguinte é a repartição da área, em pequenos quadrados, exatamente iguais no tamanho. Faz-se isso formando estreitos caminhos, bem lisos, que se cruzam em ângulos reto por toda a extensão do cortiço. Em cada interseção desses caminhos se constrói o ninho de um albatroz, ficando o ninho de um pingüim no centro de cada quadrado. Assim, cada pingüim é rodeado por quatro albatrozes e cada albatroz por um número

idêntico de pingüins. O ninho dos pingüins consiste de um buraco no chão, tendo apenas a profundidade suficiente para impedir que seu único ovo role. O albatroz é um tanto menos simples em seus arranjos construindo um montículo de cerca de trinta centímetros de altura e noventa de diâmetro. Esse montículo é feito de terra, algas e conchas. No seu cimo o albatroz constrói seu ninho.

As aves têm cuidado especial em não deixar seus ninhos desocupados, um só instante, durante o período de incubação ou de fato, até que a jovem progênie seja bastante forte para cuidar de si mesma. Quando o macho está ausente no mar, à busca de alimentos, a fêmea permanece de guarda, e é só depois da volta de seu companheiro que ela se aventura a sair. Os ovos de modo algum são deixados descobertos. Enquanto uma das aves sai do ninho, a outra se aninha, por seu lado, nele. Essa preocupação torna-se necessária, em vista das propensões de roubo, dominantes no cortiço, não tendo cada habitante escrúpulo em furtar os ovos dos outros, a cada boa oportunidade.

Embora haja alguns cortiços nos quais o pingüim e o albatroz sejam os únicos habitantes, na maioria deles, porém, ampla variedade de aves oceânicas é admitida, gozando de todos os privilégios de cidadania e espalhando seus ninhos aqui e ali, onde puderem achar espaço, sem interferir, porém, com a localização das espécies maiores. A aparência de tais acampamentos, quando vistos de longe, é extremamente singular. Toda a atmosfera, bem por cima do estabelecimento, se enegrece com o número imenso de albatrozes (misturados com as tribos menores) que continuamente pairam sobre ele, indo para o oceano ou regressando para casa. Ao mesmo tempo uma multidão de pingüins se observa, alguns passando para lá e para cá pelas aléias estreitas, alguns marchando, com o jeito militar que lhes é próprio, em volta do campo de passeio comum que circunda o cortiço. Em suma, de qualquer modo que o encaremos nada pode ser mais admirável do que o senso de reflexão revelado por esses entes alados e nada certamente pode ser mais bem destinado a provocar a meditação em todo o intelecto humano que raciocine.

Na manhã seguinte à nossa chegada a Porto Natal, o imediato, Sr. Patterson, tomou os botes e, embora a estação estivesse começando apenas, saiu à busca de focas, deixando o capitão e um jovem parente deste numa ponta de terra nua a oeste, pois tinham alguma coisa a realizar no interior da ilha que não pude saber o que fosse. O Capitão Guido levou

consigo uma garrafa, na qual estava uma carta selada, e caminhou da ponta em que se achava na praia, para um dos mais altos picos do local. E provável que sua intenção fosse a de deixar a carta naquela altura, para algum navio que esperava viesse depois dele. Logo que o perdemos de vista passamos (Peters e eu estávamos no bote do imediato) a percorrer a costa a procura de focas. Ocupando-nos três semanas nesse negócio, examinando com grande cuidado cada recesso e cada recanto da Terra de Kerguelen, além das diversas pequenas ilhas nas vizinhanças. Nossos trabalhos, porém, não foram coroados de qualquer êxito importante. Vimos grande quantidade de focas de peles de valor, mas eram excessivamente ariscas e, com os maiores esforços pudemos apenas arranjar trezentas e cinquenta peles ao todo. Elefantes-marinhos eram abundantes, especialmente no lado ocidental da ilha principal, mas só matamos vinte deles, assim mesmo com a maior dificuldade. Nas ilhas menores, descobrimos muitas focas peludas, mas não as molestamos. Voltamos à escuna no dia onze e lá o Capitão Guido e seu sobrinho, que fizeram uma descrição muito ruim do interior, apresentando-o como uma das regiões mais lúgubres e extremamente estéreis do mundo. Tinham permanecido duas noites na ilha, devido a algum desentendimento, por parte do segundo piloto, relativamente ao envio de um escaler da escuna para buscá-los.

---

[*] *Mother Carey* (Mãe Carey) é uma anglicização, feita pelos marinheiros, da expressão latina *mater cara*, que se refere à Virgem Maria, padroeira dos homens do mar. (N. T.)

CAPÍTULO XV

NO DIA doze navegamos de Porto Natal, refazendo nossa rota para oeste e deixando a bombordo a ilha de Marion, uma do grupo de Crozet. Passamos depois pela ilha do Príncipe Eduardo, deixando-a também à nossa esquerda. Depois, rumando mais para o norte alcançamos, em quinze dias, as ilhas de Tristão da Cunha, a 37 graus e 8 minutos de latitude S. e 12 graus e 8 minutos longitude oeste.

Esse grupo, agora tão bem conhecido e que consiste de três ilhas circulares, foi primeiramente descoberto pelos portugueses e visitado depois pelos holandeses, em 1643, e pelos franceses, em 1767. As três ilhas juntas formam um triângulo e distam entre si dez milhas cada uma, mais ou menos. O terreno é em todas elas muito elevado, especialmente na propriamente chamada Tristão da Cunha. Esta é a maior do grupo, tendo quinze milhas de circunferência e sendo tão alta que pode ser vista, em tempo claro, de uma distância de oitenta ou noventa milhas. Uma parte do terreno para o norte ergue-se, perpendicularmente, a mais de trezentos metros do mar. Um planalto estende-se nessa elevação até quase o centro da ilha e desse planalto se levanta um cone alto como o de Tenerife. A metade inferior desse cone é revestida de árvores de bom tamanho, mas a região superior é de rocha estéril, habitualmente oculta entre as nuvens e coberta de neve durante a maior parte do ano. Não há bancos de areia nem outros perigos em torno da ilha, as praias são notavelmente seguras e as águas profundas. Na costa do noroeste há uma baía, com uma praia de areia preta onde um desembarque com botes pode ser facilmente efetuado contanto que haja vento do sul. Água excelente e abundante pode ser ali prontamente encontrada; também bacalhaus e outros peixes podem ser apanhados com linha ou arpão.

A ilha que se segue em tamanho, a mais ocidental do grupo é a chamada Inacessível. Está situada precisamente a 37 graus e 17 minutos latitude sul e a 12 graus e 24 minutos de longitude oeste. Tem sete ou oito milhas de circunferência e apresenta, por todos os lados, um aspecto proibitivo de despenhadeiros. Seu cume é perfeitamente chato e toda a região é estéril, nada crescendo ali à exceção de poucos arbustos definhados.

A ilha do Rouxinol, a menor e a mais meridional, está a 37 graus e 26 minutos de latitude sul e a 12 graus e 12 minutos de longitude oeste. Para extremidade meridional há um alta cadeia de ilhotas rochosas também algumas de aparência semelhante são vistas para nordeste. O terreno é irregular e estéril, parcialmente separado por um vale profundo.

As praias dessas ilhas abundam, na estação propícia de leões marinhos, elefantes-marinhos, focas nuas e peludas, bem como grande variedade de pássaros oceânicos. Também baleias são abundantes em suas vizinhanças. Graças à facilidade com que tão variados animais ali eram antigamente encontrados, o grupo foi muito visitado desde sua descoberta. Holandeses e franceses frequentaram-no no primeiro período. Em 1790, o Capitão Patten, do navio *Industry*, de Filadélfia, foi a Tristão da Cunha, onde permaneceu sete meses (de agosto de 1790 a abril de 1791) a fim de reunir peles de focas. Nesse tempo juntou nada menos de cinco mil e seiscentas e disse que não teria dificuldade em carregar de peles um grande navio em três semanas. Depois de sua chegada não encontrou quadrúpedes a não serem poucas cabras selvagens; na ilha, agora, abundam todos os nossos mais valiosos animais domésticos, que ali foram introduzidos pelos navegantes subsequentes.

Creio não ter sido muito depois da visita do Capitão Patten que o Capitão Colquhoun, do brigue americano *Betsey*, tocou na maior das ilhas para fim de descanso. Plantou cebolas, batatas, couves e muitos outros vegetais, que agora se encontram em grande quantidade.

Em 1811, um tal Capitão Haywood, no *Nereus*, visitou Tristão. Encontrou lá três americanos que residiam na ilha para preparar pele de foca e óleo. Um desses homens chamava-se Jonathan Lambert e proclamava-se o soberano da região. Lavrara e cultivara cerca de sessenta jeiras de terra e devotava sua atenção à lavoura de café e cana-de-açúcar, de que recebera mudas pelo ministro americano no Rio de Janeiro. Esse estabelecimento, contudo, foi abandonado e, em 1817, o governo britânico

tomou posse tendo enviado para esse fim um destacamento do cabo da Boa Esperança. Não foram contudo retidas muito tempo; mas, depois da evacuação das ilhas como possessão britânica, duas ou três famílias inglesas fixaram ali residência, independentemente do Governo. A 25 de março de 1824, o *Berwick*, comandado pelo capitão Jeffrey, indo de Londres à Terra de Van Diemen, chegou ao local onde encontrou um inglês de nome Glass, outrora cabo da artilharia britânica. Ele pretendia ser o governador supremo das ilhas e tinha sob seu controle vinte e um homens e três mulheres. Falou muito favoravelmente sobre a salubridade do clima e a uberdade do solo. A população se ocupava principalmente em reunir peles de foca e óleo de elefante-marinho que negociava com o cabo da Boa Esperança, pois Glass possuía uma pequena escuna. No período de nossa chegada, o governador era ainda esse residente mas sua pequena comunidade se multiplicara, havendo cinquenta e seis pessoas em Tristão, além de um estabelecimento menor, de sete pessoas na ilha do Rouxinol. Não tivemos dificuldade em encontrar quase todas as espécies de reabastecimentos de que necessitávamos: carneiros, porcos, bezerros, coelhos, aves, cabras, peixes em grande variedade e vegetais eram abundantes. Tendo lançado âncora junto à ilha maior, com dezoito braças de profundidade tomamos a bordo tudo o de que precisávamos, muito convenientemente. O Capitão Guido também adquiriu de Glass quinhentas peles de foca e algum marfim. Permanecemos ali uma semana, durante a qual os ventos dominantes eram de norte e oeste e o tempo estava algo nebuloso. A quinze de novembro, navegamos para o sul e para oeste, com a intenção de realizar completa pesquisa sobre um grupo de ilhas chamadas Auroras, a respeito de cuja existência havia grande diversidade de opiniões.

Dizia-se que essas ilhas foram descobertas, primitivamente, em 1762, pelo comandante do navio *Aurora*. Em 1790, o Capitão Manuel de Oyarvido, no navio *Princesa*, que pertencia à Real Companhia Filipina, navegou, como asseverou, diretamente entre elas. Em 1794, a corveta espanhola *Atrevida* saiu com a determinação de averiguar sua situação precisa e, num documento publicado pela Real Sociedade Hidrográfica de Madri, no ano de 1809, usa-se a seguinte linguagem, com respeito a essa expedição: "A corveta *Atrevida* efetuou, em sua imediata vizinhança, de 21 a 27 de janeiro, todas as necessárias investigações e mediu, com o uso do cronômetros, a diferença de longitude entre essas ilhas e o porto de

Soledade, Manilha. As ilhas são três; estão muito aproximadamente no mesmo meridiano; a central é mais baixa e as outras duas podem ser vistas a nove léguas de distância." As observações feitas a bordo da *Atrevida* davam os seguintes resultados, como a precisa situação de cada ilha: a mais setentrional estava a 52 graus 37 minutos e 24 segundos de latitude sul e 47 graus 43 minutos 15 segundos de longitude oeste; a do meio, 53 graus 2 minutos 40 segundos de latitude sul e 47 graus 55 minutos 15 longitude oeste; e a mais ao sul, a 53 graus 15 minutos 22 segundos de latitude, 47 graus 57 minutos 15 segundos de longitude oeste.

A 27 de janeiro de 1820, o Capitão James Weddel, da marinha inglesa, partiu da Terra de Staten, também em busca das Auroras. Narra que tendo feito as mais diligentes pesquisas e passado não só mesmo sobre os pontos indicados pelo comandante da *Atrevida*, como em todas as direções, por toda a vizinhança desse não pôde descobrir o menor sinal de terra. Esses informes divergentes induziram outros navegantes a procurar essas ilhas, e é estranho dizer, enquanto alguns cruzaram todas as polegadas do mar, no local onde se supunha que elas existissem, sem encontrá-la, não poucos foram os que positivamente declararam havê-las visto e mesmo haver estado junto de suas praias. Era intento do capitão Guido fazer todos os esforços a seu alcance para decidir uma questão tão estranhamente disputada.[3]

Conservamos nosso roteiro entre o sul e o oeste, com tempo variável, até o dia vinte do mês, quando nos encontramos na região discutida; estávamos a 53 graus 15 minutos de latitude sul e 47 graus e 58 minutos de longitude oeste, isto é, muito próximos do ponto indicado como a situação da mais meridional do grupo. Não percebendo qualquer sinal de terra, continuamos para o ocidente, no paralelo 53 graus sul, até o meridiano de 50 graus oeste. Voltamos então para até o paralelo de 52 graus sul, quando nos viramos para leste e conferimos nosso paralelo por duplas altitudes, de manhã e pelas altitudes meridianas dos planetas e da lua. Tendo para leste, até o meridiano da costa ocidental da Geórgia conservamos aquele meridiano até estarmos na latitude de que tínhamos saído. Tomamos após rumos diagonais, em todas as direções, na inteira extensão do mar circunscrito, conservando um vigia constantemente no mastro principal e repetindo nosso exame com o maior cuidado, pelo período de três semanas, durante o qual o tempo foi notavelmente agradável e belo, sem névoa de espécie alguma. Naturalmente ficamos

inteiramente cientes de que, se ilhas pudessem haver existido, naquelas proximidades, em qualquer período anterior, nenhum vestígio delas restava nos dias atuais. Depois de minha volta ao lar soube que o mesmo local fora percorrido em 1822, com igual cuidado, pelo Capitão Johnson, da escuna americana, *Henry*, e pelo Capitão Morrell, da escuna americana *Wasp*. Em ambos os casos, o resultado foi o mesmo que obtivemos.

CAPÍTULO XVI

FORA INTENÇÃO original do Capitão Guido, depois de satisfazer-se das Auroras, prosseguir pelo estreito de Magalhães e subir ao longo da costa ocidental da Patagônia; mas uma informação em Tristão da Cunha induziu-o a rumar para o sul, na esperança de dar com algumas ilhotas que se dizia encontrarem-se nas vizinhanças do paralelo de 60 graus sul, longitude 41 graus 20 minutos oeste. No caso de não descobrir essas ilhas, resolveu, caso a estação se mostrasse favorável, atirar-se na direção do pólo. Em consequência a doze de dezembro, navegamos naquela direção. A dezoito encontramo-nos perto do ponto indicado por Glass, e cruzamos por três dias naquelas cercanias, sem encontrar quaisquer sinais das ilhas que ele mencionara. A vinte e um, tornou-se o tempo anormalmente agradável, e de novo navegamos para o sul com a resolução de avançar, por aquela rota, tão longe quanto possível. Antes de entrar nesta parte de minha narrativa pareceria bem, para informação daqueles leitores que pouca atenção têm prestado aos das descobertas nessa região, dar um breve relato das pouquíssimas tentativas até então feitas para alcançar o pólo sul.

O Capitão Cook é o primeiro de quem temos qualquer narrativa precisa. Em 1772 navegou ele para o sul, no *Resolution*, acompanhado do Tenente Fourneaux no *Adventure*. Em dezembro encontrou-se nas distâncias do paralelo 58 graus de latitude sul e a 26 graus e 57 minutos de longitude leste. Aí, encontrou estreitos campos de gelo, de cerca de oito ou dez polegadas de espessura, que corriam nas direções norte-sudeste. Esse gelo repartia-se em grandes pedaços e, normalmente se acumulavam eles tão estreitamente que o navio tinha a maior dificuldade para forçar uma passagem. Nessa ocasião, o Capitão Cook supunha, dado o vasto número

de pássaros que se viam e conforme outras indicações, que se achava muito próximo de terra. Conservou o rumo ao sul, estando o tempo excessivamente frio, até que alcançou o paralelo de 64 graus, na longitude de 38 graus e 14 minutos leste. Ali o tempo era moderado, com brisas suaves, e durante cinco dias o termômetro marcou trinta e seis graus. Em janeiro de 1773, os navios cruzaram o círculo antártico, mas não conseguiram adiantar-se muito mais, porque, depois de alcançar a latitude de 67 graus e 15 minutos verificaram que todos os progressos para a frente eram impedidos por uma massa imensa de gelo que se estendia por todo o horizonte meridional até onde o olho pudesse alcançar. Era esse um gelo de extrema variedade e muitas pontas dele, por milhas de extensão, formavam uma compacta massa, que se alteava a cinco ou seis metros sobre a água. Estando a estação adiantada e não havendo quaisquer esperanças de contornar esses obstáculos, o Capitão Cook, embora a contragosto, rumou para o norte.

No seguinte novembro renovou sua pesquisa pelo Antártico. Na latitude 59 graus e 40 minutos encontrou-se com uma forte corrente dirigida para o sul. Em dezembro, quando os navios estavam na latitude de 67 graus e 31 minutos e na longitude de 142 graus e 54 minutos oeste, o frio era excessivo e com fortes tempestades e nevoeiro. Também aí os pássaros abundavam; o albatroz, o pingüim e o petrel, especialmente. Na latitude de 70 graus 23 minutos várias grandes ilhas de gelo foram encontradas e pouco depois as nuvens observadas ao sul revelaram ser de brancura de neve, indicando a vizinhança do campo de gelo. Na latitude de 71 graus 10 minutos e longitude de 106 graus e 54 minutos oeste, os explorador foram detidos, como anteriormente, por uma imensa extensão gelada que enchia toda a área de horizonte meridional. A orla norte desta extensão era anfractuosa e quebrada, tão firmemente cheia por inteiro de frinchas como para tornar-se completamente intransponível e estendia-se a cerca de uma milha para o sul. Por trás dela a superfície gelada era comparativamente não acidentada por alguma distância, terminando depois no plano extremo por gigantescas fileiras de montanhas de gelo, umas sobrepujando as outras. O Capitão Cook concluiu que aquele vasto campo ia até o pólo ou se ligava a um continente. O Sr. J. N. Reynolds, cujos grande esforços e perseverança, afinal, conseguiram pôr em ponto de partida uma expedição nacional, parcialmente com o intento de explorar tais regiões, assim falou sobre a tentativa do *Resolution*: "Não nos

surpreendemos de que o Capitão Cook tenha sido incapaz de ir além dos 71 graus e 10 minutos, mas muito nos espanta que não tenha atingido o meridiano de 106 graus 54 minutos de longitude oeste. A Terra de Palmer fica ao sul das Shetland, a 64 graus de latitude, e dirige-se para o sul e para oeste mais do que qualquer navegador já penetrou. Cook estava nas proximidades dessa região quando seu avanço foi impedido pelo gelo; o que deduzimos, deve sempre ocorrer naquele ponto, sendo incipiente a estação, como a seis de janeiro. E não nos surpreenderia que uma parte das montanhas de gelo descritas fosse ligada ao corpo principal da Terra de Palmer ou a qualquer outras porções de terra situadas mais ao sul e a Oeste."

Em 1803, os Capitães Kreutzenstern e Lisiausky foram enviados por Alexandre da Rússia para o fim de circunavegarem o globo. Tentando alcançar o sul, não foram além dos 59 graus de latitude, na longitude de 70 graus e 15 minutos oeste. Ali se encontraram com fortes correntes dirigidas para leste. As baleias eram abundantes, mas eles não viram gelo. Em relação à sua viagem, o Sr. Reynolds observava que se Kreutzenstern tivesse chegado onde chegou em estação menos adiantada, devia ter encontrado gelo. Corria o mês de março quando encontraram a latitude especificada. Os ventos dominantes que provinham do sul e do oeste haviam carregado as pontas de gelo, ajudados pelas correntes, para aquela região limitada ao norte pela Georgia, ao leste pela Terra de Sandwich e pelas Órcadas do Sul, e a oeste pelas ilhas Shetland do Sul.

Em 1822, o Capitão James Weddel, da marinha britânica, com navios muito pequenos, penetrou no sul mais avançadamente que qualquer navegador anterior, e também, sem encontrar extraordinária dificuldades. Narra ele que, embora freqüentemente fosse circundado pelo gelo *antes* de alcançar o paralelo 72, nenhuma partícula de gelo descobriu, entretanto, depois de atingi-lo; e, depois de chegar à latitude de 74 graus e 15 minutos, nenhum campo e só três ilhas de gelo foram visíveis. É algo notável que, embora vastos bandos de pássaros se vissem, bem como outras costumeiras indicações de terra e embora costas desconhecidas tivessem sido observadas do mastro e de vigia, ao sul das Shetland, estendendo-se para o sul, Weddel não apóie a idéia de existir terra nas regiões polares do sul.

A 11 de janeiro de 1823, o Capitão Benjamim Morrell, da escuna americana *Wasp*, zarpou da Terra de Kerguelen com o objetivo de penetrar

o mais possível no sul. A primeiro de fevereiro encontrou-se na latitude de 64 graus e 52 minutos sul, longitude de 118 graus e 27 minutos leste. A seguinte passagem é extraída de seu diário daquela data: "O vento logo refrescou numa brisa de onze nós, e aproveitamos essa oportunidade para fazer-nos a oeste; contudo, convencidos de que quanto mais avançássemos para o sul, além da latitude de 64 graus, menos gelo seria encontrado, rumamos um pouco para a sul, até cruzar o círculo antártico, e chegarmos à latitude de 69 graus 15 minutos. Nessa latitude *não havia campos de gelo* e muito poucas ilhas de gelo se viam."

Sob a data de quatorze de março, também achei esta anotação: "O mar estava agora inteiramente livre de campos de gelo e não se avistavam mais de doze ilhas de gelo. Ao mesmo tempo a temperatura do ar e da água era pelo menos treze graus mais alta (mais tépida) do que jamais a encontráramos entre os paralelos de 60 e 62 graus sul. Achávamo-nos então na latitude 70 graus 14 minutos sul e a temperatura do ar era de quarenta e sete e a da água era de quarenta e quatro graus. Nessa situação verifiquei que a variação era de 14 graus 27 minutos para o leste, por azimute. Várias vezes atravessei o círculo antártico, em diferentes meridianos, e uniformemente verifiquei que a temperatura, tanto do ar como da água, se tornava mais e mais tépida à medida que avançávamos para além de 65 graus. E que a variação decrescia na mesma proporção. Enquanto ao norte dessa latitude, quero dizer, entre 60 e 65 graus sul, frequentemente tínhamos grande dificuldades em conseguir passagem para o navio entre as imensas e quase incontáveis ilhas de gelo, algumas das quais tinham de uma a duas milhas de circunferência e mais de cento e cinqüenta metros de altura sobre a superfície da água."

Achando-se quase privado de combustível e de água e sem instrumentos adequados e como já ia adiantada a estação, o Capitão Morell foi então obrigado a regressar sem tentar maiores avanços para o oeste, embora um mar inteiramente livre se estendesse à sua frente. Expressa ele a opinião de que, não fossem aquelas considerações predominantes que o obrigaram a retirar-se, poderia ter penetrado, senão até o próprio pólo, pelo menos até o paralelo de 85 graus. Explanei suas idéias a respeito do assunto um tanto longamente, para que o leitor possa ter uma oportunidade de verificar como foram ultrapassados por minha experiência subsequente.

Em 1831, o Capitão Briscoe, contratado pelos Srs. Enderby, de Londres, proprietários de navios baleeiros, zarparam para os mares do sul no brigue *Lively*, acompanhados pelo cúter *Tula*. A vinte e oito de fevereiro, estando na latitude de 66 graus 30 minutos sul, e na longitude de 47 graus e 13 minutos leste, descreveu ele ter visto terra e "descoberto claramente através da neve os picos negros de uma cadeia de montanhas que corria na direção leste-sudeste". Permaneceu naquelas cercanias durante todo o mês seguinte, mas não foi capaz de aproximar-se mais de dez léguas da costa, devido ao estado tempestuoso do tempo. Achando impossível fazer maior descoberta nesta estação, voltou para o norte a fim de passar o inverno na Terra de Van Diemen.

No princípio de 1832 seguiu de novo para o sul, e a quatro de fevereiro foi vista terra ao sudoeste, na latitude de 67 graus e 15 minutos, e longitude de 69 graus e 29 minutos oeste. Logo se verificou tratar-se de uma ilha perto de um cabo, da região que ele primeiro descobrira. A vinte e um desse mês conseguiu ele desembarcar na última e tomou posse dela no nome de Guilherme IV, chamando-a ilha Adelaide em honra da rainha inglesa. Conhecidos tais detalhes pela Real Sociedade Geográfica de Londres, aquele instituto chegou à conclusão de que "existe uma extensão continua de terra que se estende de 47 graus e 30 minutos leste a 69 graus e 29 minutos oeste de longitude, correndo entre os paralelos de 66 a 67 graus de latitude sul". A respeito dessa conclusão o Sr. Reynolds observa: "Não apoiamos de modo algum a correção disso; mas as descobertas de Briscoe asseguram tal inferência. Foi dentro desses limites que Weddel seguiu para o sul, sobre meridiano a leste de Geórgia, Terra de Sandwich, Órcadas do Sul, e ilhas Shetland. Minha própria experiência servirá para testificar, mais diretamente, a falsidade da conclusão a que chegou a Sociedade."

Tais são as principais tentativas que se fizeram para penetrar em mais alta latitude meridional e ver-se-á agora que restavam antes da viagem da *Jane*, cerca de trezentos graus de longitude nos quais absolutamente não havia sido atravessado o círculo antártico. Naturalmente, um vasto campo para descobertas estava à nossa frente e foi com os sentimentos do maior interesse que ouvi Capitão Guido expressar sua resolução de lançar-se ousadamente em direção ao sul.

CAPÍTULO XVII

MANTIVEMOS nosso rumo para o sul durante quatro dias depois de desistir da busca das ilhas de Glass, sem encontrar absolutamente qualquer espécie de gelo. Ao meio-dia de vinte e seis, estávamos na latitude de 63 graus e 23 minutos sul e na longitude de 41 graus e 25 minutos oeste. Vimos, então diversas e grandes ilhas de gelo e uma ponta ou campo de gelo não contudo de grande extensão. Os ventos sopravam geralmente de sudeste ou do nordeste, mas muito fracos. Quando tínhamos um vento de oeste, o que as vezes sucedia, acompanhava-o invariavelmente um aguaceiro. Todos os dias tínhamos mais ou menos neve. O termômetro, no dia vinte e sete, permaneceu nos dois graus.

Janeiro, 1, 1828. Neste dia encontramo-nos completamente cercados de gelo e nossas esperanças parecem na verdade melancólicas. Caiu forte tempestade durante toda a tarde, vinda de nordeste e conduzindo grandes massas de gelo flutuante contra o leme e o mostrador, com violência tal que todos tememos as consequências. Mais para a tarde, a tempestade ainda soprava com fúria; separou-se em frente um grande campo e fomos capazes, largando uma porção de velas, de forçar uma passagem, entre os blocos menores, para alguma água livre além deles. Ao nos aproximarmos desse espaço ferramos gradualmente as velas e, tendo afinal tido êxito, paramos apenas com uma vela de traquete nos rizes.

Janeiro, 2. Temos agora um tempo toleravelmente aprazível. Ao meio dia achamo-nos na latitude de 69 graus 10 minutos sul e na longitude de 42 graus e 20 minutos oeste, tendo atravessado o círculo antártico. Pouquíssimo gelo se vê para o sul, embora enormes campos gelados se estendam de nós. Neste dia aparelhamos várias sondas, usando um grande pote de ferro capaz de conter vinte galões e uma linha de duzentas braças.

Encontramos a corrente dirigindo-se para o norte, a cerca de um quarto de milha por hora. A temperatura do ar era então de cerca de um grau. Verificamos ser a variação de 14 graus e 28 minutos ao oriente, por azimute.

Janeiro, 5. Continuamos ainda para o sul, sem quaisquer maiores impedimentos. Nesta manhã, contudo, estando na latitude de 73 graus e 15 minutos sul, longitude de 42 graus e 10 minutos oeste, fomos de novo obrigados a deter-nos por uma imensa extensão de gelo firme. Vimos, não obstante, muita água livre para o sul e não tivemos dúvida de ser capaz de alcançá-la eventualmente. Contornando para o leste, ao longo da margem do campo, chegamos a uma passagem de cerca de uma milha de largura, através da qual forçamos caminho, ao por do sol. O mar em que depois nos achamos estava espessamente coberto de ilhas de gelo, mas não tinha campos de gelo e atiramo-nos para a frente, ousadamente, como antes. O frio não parece aumentar, embora muito freqüentemente tenhamos neve e de vez em quando aguaceiros de grande violência. Imensos bandos de albatrozes voam hoje sobre a escuna, indo do sudeste para o noroeste.

Janeiro, 7. O mar ainda aparece belamente livre, de modo que não temos dificuldade em prosseguir em nosso curso. Para o ocidente vimos alguns *icebergs* de incrível tamanho, e pela manhã passou muito perto um deles cujo cume não podia estar a menos de quatrocentas braças da superfície do oceano. Sua circunferência era provavelmente, na base, de três quartos de légua e diversas correntes de água desciam pelas fendas nos seus lados. Permanecemos à vista dessa ilha dois dias e só a perdemos, então, num nevoeiro.

Janeiro, 10. Nesta manhã cedo tivemos a desgraça de perder um homem a bordo. Era um americano chamado Peters Vredenburgh, natural de Nova York, e um dos mais valiosos homens a bordo da escuna. Indo sobre a proa, seu pé deslizou e ele caiu entre dois blocos de gelo, não mais se erguendo. Ao meio-dia de hoje estávamos a 78 graus e 30 minutos de latitude e a 40 graus e 15 minutos longitude oeste. O frio agora era excessivo e tivemos aguaceiros contínuos vindos do norte e do leste. Nessa direção, vimos também diversos *icebergs* e todo o horizonte para o leste parecia estar bloqueado de campos de gelo, elevando-se em fileiras, massa sobre massa. Troncos de árvores flutuaram ao entardecer e grande número de aves voou sobre nós, entre elas gaivotas polares, pétres, albatrozes, e um grande pássaro de brilhante plumagem azul. A variação aqui, por

azimute, foi menor do que a previamente tomada em nossa travessia do círculo antártico.

Janeiro, 12. Nossa passagem para o sul de novo parece duvidosa, visto que nada mais se vê na direção do pólo além de um campo de gelo, aparentemente ilimitado, terminado por enormes montanhas alcantiladas de gelo, os precipícios de cada uma elevando-se carrancudamente sobre os da outra. Mantivemo-nos para o oeste até o dia quatorze, na esperança de encontrar entrada.

Janeiro, 14. Nesta manhã alcançamos a extremidade ocidental do campo que nos servia de obstáculo e, transpondo-a, chegamos a mar livre, sem uma partícula de gelo. Depois de lançar uma sonda de duzentas braças, encontramos uma corrente dirigida para o sul, à razão de meia milha por hora. A temperatura do ar era de oito graus centígrados; a da água, um grau. Velejamos, então, para o sul, sem encontrar qualquer interrupção de momento até o dia dezesseis, quando, ao meio-dia, chegamos à 81 graus e 21 minutos e à longitude de 42 graus oeste. Lançamos a sonda aqui novamente e encontramos a corrente dirigida ainda para o sul à razão de três quartos de milha por hora. A variação por azimute diminuíra e a temperatura do ar era mais tépida e agradável elevando-se o termômetro a cinqüenta e um graus. Nesse período, nem uma partícula de gelo fora descoberta. Todos a bordo sentiam-se certos de atingir o pólo.

Janeiro, 17. Foi este um dia cheio de incidentes. Inúmeros bandos de pássaros voaram sobre nós, vindos do sul, e do tombadilho atiramos em diversos. Um deles, uma espécie de pelicano demonstrou ser ótimo acepipe. Perto do meio-dia, um pequeno gelo foi visto do mastro de vigia, ao largo da proa, a estibordo e sobre ele parecia estar algum enorme animal. Como o tempo estivesse bom e quase calmo, o Capitão Guido ordenou que fossem ver o que era. Dirk Peters e eu acompanhamos o piloto no bote maior. Depois de alcançar o campo de gelo verificamos que seu dono era uma criatura gigantesca da raça dos ursos árticos, porém excedendo de muito, em tamanho, o maior desses animais. Estando bem armados, não tivemos escrúpulos em atacá-lo imediatamente diversos tiros foram dados, em rápida sucessão, a maioria dos quais, aparentemente, atingiu a cabeça e o corpo. Nada temeroso contudo, o monstro atirou-se do gelo e nadou, com as mandíbulas abertas, para o bote em que eu e Peters nos achávamos. Devido a confusão que se seguiu entre

nós, a essa inesperada reviravolta da aventura, ninguém se apressou imediatamente a dar segundo tiro e o urso conseguiu efetivamente lançar metade de seu corpanzil sobre nossa amurada, apanhando um dos homens pelo costado antes que fossem empregados quaisquer meios eficientes para repeli-lo. Nessa extrema situação, apenas a rapidez e a agilidade de Peters nos salvaram da destruição. Saltando sobre as da enorme fera, ele mergulhou a lâmina de uma faca atrás do pescoço do animal, alcançando-lhe a medula espinhal num golpe. O bruto afundou-se sem vida no mar, sem um estremeção, rolando sobre Peters que caiu. Este logo se recobrou e foi-lhe lançada uma corda, à qual amarrou a carcaça, antes de regressar ao bote. Voltamos então à escuna em triunfo, arrastando nosso troféu. Feita uma medição verificou-se que esse urso tinha quatro metros e meio em todo seu comprimento. O pêlo era completamente branco e muito grosso, encarapinhado. Os olhos eram de um vermelho sangüíneo e maiores que os do urso ártico; também era mais redondo o focinho, mas se assemelhando ao focinho de um buldogue. A carne era tenra mas sabendo excessivamente a ranço e a peixe, embora os marinheiros a devorassem com avidez, declarando-a um excelente manjar.

Mal tínhamos posto de lado nossa presa, o homem no mastro deu o grito alegre de *terra a estibordo*! Todos se puseram então alerta e, soprando muito oportunamente uma brisa do norte e do leste, logo demos com a costa. Era uma ilhota baixa e rochosa de cerca de uma légua de circunferência e completamente destituída de vegetação se excetuarmos uma espécie de pereira espinhosa. Próximo dela para o norte, via-se um singular recife que se projetava para o mar e fortemente se assemelhava a fardos amarrados de algodão. Em redor desse recife, para o oeste, havia uma pequena baía em cujo fundo nossos botes efetuaram um desembarque conveniente.

Não nos tomou muito tempo a exploração de todas as partes da ilha, mas com uma só exceção, nada achamos digno de ser observado. Na extremidade sul recolhemos perto da praia e semi-sepulto numa pilha de pedras soltas, um pedaço de madeira que parecia ter formado a proa de uma canoa. Haviam, evidentemente, feito tentativas de esculpir nele, e o Capitão Guido imaginou que ali se esboçava a figura de uma tartaruga, mas a semelhança não se impôs fortemente. Além dessa proa, se é que o era, nenhum outro sinal encontramos de que qualquer criatura viva ali antes tivesse estado. Em torno da costa descobrimos diversos e ocasionais

campinhos de gelo, porém muito poucos. A exata situação dessa ilhota (a que o Capitão Guido deu o nome de ilha de Bennet, em honra de seu sócio na propriedade da escuna) é: 82 graus e 50 minutos latitude sul e 42 graus e 20 minutos longitude oeste.

Avançáramos, portanto, para o sul mais de oito graus além de qualquer outro navegante anterior e o mar ainda estava perfeitamente aberto ante nós. Verificamos ainda que a variação decrescia uniformemente enquanto prosseguíamos e o que ainda surpreendia mais é que a temperatura tanto do ar quanto da água se ia tornando mais tépida. O tempo podia mesmo ser chamado agradável e tínhamos uma brisa constante, mas muito leve, vinda sempre de algum ponto ao norte da bússola. O céu era habitualmente claro, com fracos aparecimentos, de vez em quando, de leves vapores no horizonte sul; isso, contudo, era invariavelmente de curta duração. Só duas dificuldades se apresentavam a nosso projeto: Estávamos ficando com pouco combustível e entre diversos homens da tripulação se haviam manifestado sintomas de escorbuto. Tais considerações começaram a impressionar o Capitão Guido com a necessidade de regressar, e ele falava disso constantemente. De minha parte, confiante como estava de que em breve chegaríamos a alguma terra de certa importância, no curso em que prosseguiríamos e tendo todos os motivos para crer, dadas as aparências presentes que não a encontraríamos de solo estéril como as encontradas nas latitudes árticas, firmemente insisti com ele sobre a conveniência de perseverar, ao menos por mais uns poucos dias, na direção que agora mantínhamos. Tão tentadora oportunidade de resolver o grande problema relacionado com um continente antártico jamais fora concedida ao homem e confesso que me sentia arder de indignação às tímidas e importunas sugestões de nosso comandante. Creio em verdade, que o que eu não me podia conter em dizer-lhe a esse respeito tinha o efeito de induzi-lo a avançar. E, conquanto eu só possa lastimar os mais infortunados e sangrentos acontecimentos que imediatamente se derivaram de meu conselho, é-me contudo permitido sentir certo grau de consolo por ter sido um instrumento, embora remotamente, para abrir os olhos da ciência a um dos segredos mais intensamente excitantes que jamais atraíram sua atenção.

CAPÍTULO XVIII

JANEIRO, 18. Nesta manhã[4] continuamos para o sul, com o mesmo tempo agradável de antes. O mar estava inteiramente manso, o ar toleravelmente quente, com vento do nordeste, e a temperatura da água era de 12°C. Lançamos de novo nossa sonda, convenientemente, e com cento e cinquenta braças de linha verificamos que a corrente se dirigia para o pólo à razão de uma milha por hora. Essa constante tendência para o sul, tanto do vento como da corrente, causou algum grau de meditação, e mesmo de alarme, em diversos meios da escuna e vi distintamente que produzira impressão não pequena no cérebro do Capitão Guido. Ele, contudo, era excessivamente sensível ao ridículo e, finalmente, consegui fazê-lo rir de suas apreensões. A variação era agora muito trivial. No decurso do dia vimos diversas e grandes baleias, de legítima espécie, e inúmeros bandos de albatrozes passaram sobre o navio. Também recolhemos um galho, coberto de cerejas vermelhas, como as do espinheiro e a carcaça de um animal terrestre de singular aspecto. Tinha noventa centímetros de comprimento e apenas quinze de altura, com quatro pernas curtíssimas, os pés armados de longas garras de um rubro brilhante, parecendo-se, na substância, com o coral. O corpo era coberto de pêlo corrido e sedoso, perfeitamente branco. O rabo terminava em ponta, como o de um rato, e tinha cerca de uns quarenta e cinco centímetros de comprimento. A cabeça se assemelhava à de um gato, com exceção das orelhas, que eram dobradas como as de um cão. Os *dentes* eram de um escarlate tão brilhante como o das garras.

Janeiro, 19. Hoje, estando na latitude de 83 graus 20 minutos e na longitude 43 graus e 5 minutos oeste (o mar estava de cor extraordinariamente escura), vimos de novo terra do mastro de vigia e,

depois de mais demorado exame, verificamos que se tratava de um grupo de ilhas muito grandes. A praia era anfractuosa e o interior parecia ser bem coberto de árvores, circunstância que nos causou grande alegria. Cerca de quatro horas depois de nossa primeira vista da terra, lançamos âncora com dez braças, em fundo arenoso, a uma légua da costa, visto como uma alta ressaca, com fortes encapelamentos aqui e ali, tornava de duvidosa conveniência maior aproximação. Foram aprestados os dois maiores botes e um grupo, bem armado (que Peters e eu integrávamos), seguiu em procura de uma abertura no recife que parecia circundar a ilha. Depois de pesquisar em volta dele, por algum tempo, descobrimos uma entrada, pela qual penetramos. Vimos então quatro enormes canoas saírem da praia cheias de homens muito bem armados. Esperamos que chegassem e como se movessem com grande rapidez, logo estiveram ao alcance da voz. O Capitão Guido amarrou então um lenço branco no remo e os estranhos detiveram-se completamente e começaram a tagarelar em voz alta, todos a um tempo, entremeando-se ocasionais, entre os quais podíamos distinguir as palavras *Anamoo-moo*! e *Lama-Lama*! Continuaram assim pelo menos por meia hora, durante a qual tivemos boa oportunidade de observar-lhes a aparência.

Nas quatro canoas, que podiam ter quinze metros de comprimento e um metro e meio de largura, havia cento e dez selvagens ao todo. Eram mais ou menos da estatura normal dos europeus, mas de compleição mais musculosa e carnuda. Sua cor era de um negro de azeviche, com espesso e longo cabelo lanoso. Vestiam-se com peles de um desconhecido animal negro, felpudo e sedoso e tentavam arrumar o corpo com certa habilidade, pondo o pelo para dentro, exceto onde se virava, perto do pescoço, dos punhos, e dos tornozelos. Suas armas consistiam principalmente de cajados de madeira escura e aparentemente muito pesada. Algumas lanças contudo, eram observadas entre eles, com pontas de pedra, bem como algumas fundas. O fundo das canoas estava cheio de pedras pretas do aproximado do tamanho de um ovo grande.

Quando eles concluíram sua arenga (pois era claro que julgavam ser isso sua tagarelagem), um deles, que parecia ser o chefe, ficou de pé na proa de sua canoa e fez-nos sinal para que levássemos nossos botes ao lado do dele. Fingimos não entender pensando ser plano mais sábio manter, se possível, a distância entre nós, pois o número deles era mais de quatro vezes maior que o nosso. Achando que nisso estivesse a questão, o chefe

ordenou que três outras canoas regressassem, enquanto avançava para nós com a sua. Logo que nos alcançou, pulou a bordo do maior botes e sentou-se ao lado do Capitão Guido, apontando ao mesmo tempo para a escuna e repetindo as palavras *Anamoo-moo*! e *Lama-Lama*!. Regressamos então para o navio com as quatro canoas a nós seguirem, a curta distância.

Ao chegar perto do barco, o chefe manifestou sintoma de extrema surpresa e deleite, batendo as mãos, dando palmadas na coxas e no peito e rindo estrepitosamente. Seus acompanhantes juntaram-se a ele, em sua alegria e, durante alguns minutos o barulho foi tanto que quase ficamos surdos. Restabelecida por fim a calma, o Capitão Guido ordenou que os botes fossem içados, como precaução necessária, e deu a entender ao chefe (cujo nome logo descobrimos ser Too-wit) que não podia admitir mais de vinte de seus homens a bordo de uma vez. Com esse arranjo plenamente satisfeito ele deu algumas ordens às canoas, algumas das quais se aproximaram, permanecendo o resto a cerca de cinquenta jardas de distância. Vinte dos selvagens subiram então começaram a escarafunchar todas as partes do tombadilho trepando entre a mastreagem, como se estivessem em sua casa e examinando todos os objetos com grande curiosidade.

Era inteiramente evidente que jamais haviam visto qualquer pessoa de raça branca, de cuja cor, na verdade, pareciam fugir. Acreditavam que a *Jane* era uma criatura viva e como temiam feri-la com as pontas de suas lanças, que voltavam cuidadosamente para cima. Nossa tripulação divertiu-se muito, em dado instante com a conduta de Too-wit. O cozinheiro estava rachando lenha, perto da galé e, por acaso, bateu com o machado no tombadilho, fazendo um buraco de considerável profundidade. O chefe imediatamente ali e, empurrando para um lado o cozinheiro com aspereza, começou um semigemido, semigrunhido, fortemente indicativo da simpatia com que considerava os sofrimentos da escuna, dando pancadinhas na fenda, afagando-a com a mão e lavando-a com um balde de água do mar que se achava perto. Era este um grau de que não nos achávamos preparados a encontrar e, de minha parte, não pude deixar de considerá-lo afetado.

Quando os visitantes satisfizeram, o mais que puderam, sua curiosidade em olhar todos os objetos ao alto, foram introduzidos embaixo, onde seu prazer excedeu todos os limites. Seu espanto pareceu, então, ser muito profundo, para expandir-se em palavras, pois observaram

tudo em silêncio, perturbado apenas por interjeições em baixo tom. As armas proporcionaram-lhes grande motivo para meditação e foi-lhes permitido segurá-las e examiná-las à vontade. Não creio que tivessem a menor suspeita de seu uso real, mas antes as tomaram por ídolos, vendo o cuidado que com elas tínhamos e a atenção com que vigiávamos seus movimentos, enquanto as seguravam. Com os grandes canhões, seu espanto foi dobrado. Aproximaram-se deles, com todos os sinais de profunda reverência e temor mas não quiseram examiná-los pormenorizadamente. Havia dois grandes espelhos no camarote e ali seu espanto atingiu ao auge. Too-wit foi o primeiro a aproximar-se deles e colocou-se no meio do camarote, com a face para um e as costas para o outro, antes que os percebesse claramente. Ao levantar os olhos e ver-se refletido no espelho, pensei que o selvagem tivesse enlouquecido; depois de dar meia volta, para fazer uma retirada, encontrou-se, desta vez, na direção oposta; julguei que expirasse naquele instante. Nenhuma persuasão teve valor para levá-lo a dar outra olhada. Antes, atirando-se sobre o soalho, com o rosto mergulhado nas mãos, ali permaneceu até que fomos obrigados a arrastá-lo para o tombadilho.

Todos os selvagens foram admitidos a bordo desse modo, vinte de cada vez, permitindo-se que Too-wit permanecesse, durante todo o tempo. Não vimos entre eles propensões para o roubo, nem perdemos um só objeto depois que partiram. Por todo o decorrer de sua visita demonstraram as maneiras mais amigáveis. Havia, contudo, certos pontos em sua conduta que achamos impossível compreender. Por exemplo, não podíamos levá-los a aproximar-se de objetos inteiramente inofensivos da escuna, como as velas, um ovo, um livro aberto, uma vasilha com farinha de trigo. Tentávamos averiguar se possuíam consigo alguns artigos que pudessem ser considerados como capazes de tráfico, mas encontramos grande dificuldade em ser compreendidos. Verificamos, não obstante, com grande espanto que abundavam naquelas ilhas as grandes tartarugas das Galápagos uma das quais eu vira na canoa de Too-wit. Vimos também, um biche de mer nas mãos de um dos selvagens, que a devorava avidamente em estado natural. Tais anomalias — pois eram assim consideradas em relação à latitude — induziram o Capitão Guido a desejar fazer completa investigação sobre a região na esperança de explorar proveitosamente sua descoberta. De minha parte, ansioso como estava para conhecer algo mais a cerca daquelas ilhas, mais encarniçadamente me inclinava a prosseguir a

viagem para o sul, sem demora. Tínhamos então um belo tempo mas não poderíamos dizer quanto tempo ele se conservaria e estando já no paralelo oitenta e quatro, com mar livre, à nossa frente, uma corrente dirigindo-se, fortemente, para o sul e um magnífico vento, eu não podia ouvir, sem impaciência, a proposta de determo-nos mais tempo do que o absolutamente necessário para a saúde da tripulação e para tomar a bordo um suprimento adequado de combustível e de provisões frescas. Fiz ver ao capitão que facilmente podíamos atingir aquele arquipélago, caso estivéssemos bloqueados pelo gelo. Ele afinal tornou-se de minha opinião (pois de algum modo, que dificilmente eu podia compreender, adquirira grande influência sobre ele) e resolveu que, mesmo no caso de encontrar biches de mer só ficaríamos ali uma semana para refazer as forças e depois avançaríamos para o sul, quanto pudéssemos. De acordo com isso, executamos todos os preparativos necessários e levamos a salvo a *Jane* por entre os recifes, sob a orientação de Too-wit, ancorando a cerca de uma milha da praia, numa baía excelente, completamente resguardada do vento pelas terras, na costa sudeste da ilha principal com dez braças de água, fundo de areia preta. Na ponta dessa baía havia três belas fontes (disseram-nos) de boa água e vimos abundantes matas nas vizinhanças. As quatro canoas seguiram-nos, conservando-se contudo a respeitosa distância. O próprio Too-wit permaneceu a bordo e, depois de lançarmos âncora, convidou-nos a acompanhá-lo à praia e a visitar sua aldeia no interior, o capitão acedeu e tendo sido deixados dez selvagens a bordo, como reféns, um grupo nosso, de doze ao todo, aprontou-se para seguir o chefe. Tomamos o cuidado de ir bem armados, embora sem temor ou desconfiança. A escuna tinha os canhões apontados redes de abordagem suspensas e todas as outras precauções convenientes foram tomadas para resguardá-la de surpresas. Deixaram-se ordens com o piloto-chefe para não admitir ninguém a bordo durante nossa ausência e, no caso de não aparecermos dentro de dez horas, enviar o cúter com um canhonete à nossa procura.

A cada passo que dávamos em terra reforçava-se nossa convicção de nos acharmos numa região essencialmente diferente de qualquer outra até então visitada por homens civilizados. Nada víamos do que nos fora outrora familiar. As árvores não se assemelhavam no crescimento, a qualquer das zonas tórrida, temperadas ou frígida do norte e eram inteiramente diversas das mais baixas latitudes meridionais que já

havíamos atravessado. As próprias rochas eram diferentes na massa, nas cores, na estratificação, e mesmo as torrentes, por mais inacreditável que isso pareça, tinham tão pouco de comum com as de outros climas, que tivemos escrúpulos de provar-lhes a água e, na verdade, tínhamos dificuldade em chegar a crer que suas qualidades fossem puramente as da natureza. Num pequeno ribeiro que cruzava nosso caminho (o primeiro que encontramos), Too-wit e seus companheiros pararam para beber. Dado o singular aspecto da água, recusamo-nos a prová-la, supondo-a poluída; e só algum tempo depois nos convencemos de que tal era a aparência dos rios em todo aquele grupo de ilhas. Embaraça-me dar uma idéia distinta da natureza desse líquido e não o posso fazer sem muitas palavras. Embora corresse, com rapidez em todos os declives, como o faz a água comum, nunca, contudo, a não ser quando caía numa cascata, tinha a habitual aparência de *limpidez*. Era, não obstante, de fato, tão perfeitamente límpida como qualquer água de pedra calcária, só existindo diferença na aparência. À primeira vista, e especialmente nos casos em que o declive encontrado era pouco, ela parecia, no que se refere à consistência, uma espessa infusão de goma-arábica em água comum. Mas esta era só a menos notável de suas qualidades extraordinárias. *Não* era incolor, nem de qualquer cor uniforme, apresentando ao olhar, enquanto fluía, todos os possíveis matizes da púrpura, como nas cores de uma seda mutável. Essa variação de matiz produzia-se de um modo que provocava tão profundo espanto no espírito dos de nosso grupo como o fizera o espelho no caso de Too-wit. Depois de colher uma bacia de água, permitindo que esta sentasse completamente, verificamos que a massa inteira do líquido era feita de certo número de veios distintos, e cada qual de matiz diverso, esses veios não se misturavam; e sua coesão era perfeita em relação às próprias partículas entre si, e imperfeita em relação aos veios vizinhos. Ao passar a lâmina de uma faca pelo meio dos veios a água fechava-se sobre ela imediatamente, e retirando-a todos os traços da passagem da lâmina ficavam imediatamente obliterados. Se, contudo, a lâmina era acuradamente passada por baixo, entre dois veios efetuava-se perfeita separação, que o poder de coesão não podia retificar imediatamente. O fenômeno dessa água formou o primeiro elo definido da cadeia imensa de aparentes milagres em que eu estava por fim destinado a ser envolvido.

CAPÍTULO XIX

LEVAMOS quase três horas no caminho da aldeia, que ficava a mais de nove milhas no interior, pois a estrada atravessava uma região acidentada. Enquanto a percorríamos, o grupo de Too-wit (todos os cento e dez selvagens das canoas) foi sendo, de instante a instante, reforçado por pequenos destacamentos de dois a seis ou sete homens, que se juntavam a nós, como por acaso, em diferentes voltas da vereda. Parecia haver muito de premeditado nisto e, não podendo deixar de desconfiar, falei ao Capitão Guido sobre minhas apreensões. Agora, porém, era tarde demais para retroceder e concluímos que nossa maior segurança estava em demonstrar perfeita confiança na boa-fé de Too-wit. Em consequência, continuamos, conservando olho vivo sobre as manobras dos selvagens sem permitir-lhes que nos separassem em grupos, infiltrando-se em nosso meio. Deste modo, após passar através de uma ravina de precipícios, afinal alcançamos o que nos haviam dito ser a única reunião de habitantes da ilha. Ao chegarmos a avistá-la, o chefe deu um grito e, freqüentemente, repetiu o vocábulo *Kloc-kloc*, que supusemos ser o nome da aldeia, ou o nome genérico para aldeias.

As habitações eram da mais miserável condição imaginável ao contrário mesmo das pertencentes às mais baixas raças selvagens que a humanidade conhece, não tinham qualquer plano uniforme. Algumas delas (e verificamos que estas pertenciam aos *Wampos* ou *Yampor*, os grandes homens da terra) consistia de uma árvore, abatida a cerca de um metro e vinte centímetros da raiz, com uma grande pele preta atravessada sobre ela, caída em dobras, sobre o solo. Sob essa pele, os selvagens se abrigavam. As outras eram formadas apenas por ásperos galhos de árvores com folhagem seca por cima, reclinados, num ângulo de cinco graus,

contra um banco de argila, amontoado sem formato regular, a uma altura de um metro e meio a um metro e oitenta centímetros. Outras, ainda, eram meros buracos cavados ridiculamente na terra e cobertos de ramos semelhantes, que eram removidos quando o dono estava para entrar e colocados de novo depois que ele tinha entrado. Poucas eram construídas entre forquilhas das árvores, onde ficavam, pois os galhos superiores tinham sido cortados de modo a inclinarem-se sobre os mais baixos, formando, desse modo, um abrigo mais espesso contra a água. O maior número, contudo, consistia de pequenas cavernas baixas, aparentemente rasgadas na face de uma penha vertiginosa, de pedra preta que parecia greda de pisoeiro, e com a qual três lados da aldeia se limitavam. À porta de cada uma dessas primitivas cavernas havia uma pequena laje, que o dono cuidadosamente colocava em frente da entrada, depois de deixar sua residência, não posso assegurar para que fim, pois essa pedra nunca era de tamanho suficiente para fechar mais do que a terça parte da abertura.

Esta aldeia, se lhe pode dar tal nome, jazia em um vale de alguma profundidade e só podia ser alcançada pelo lado do sul já falado do íngreme penhasco que impedia todo acesso outra direção. Pelo meio do vale corria uma torrente tumultuada da mesma água de aparência mágica que já foi descrita. Vimos diversos animais estranhos junto das habitações, parecendo todos inteiramente domesticados. A maior daquelas criaturas assemelhava-se ao nosso porco comum na estrutura do corpo e do focinho; o rabo, porém, era empenachado e as pernas delgadas de antílope. Seus movimentos eram excessivamente canhestros e indecisos e nunca os vimos tentar correr. Observamos também animais, bem semelhantes na aparência, mas de um tamanho estranho, maior e cobertos de uma lã negra. Havia grande variedade de aves domésticas correndo em redor e que pareciam constituir o principal alimento dos nativos. Para espanto nosso, vimos albatrozes negros entre aquelas aves, num estado de inteira domesticação, indo periodicamente ao mar em busca de alimento, mas voltando sempre para a aldeia como se fosse um lar, e utilizando-se da praia meridional na vizinhança como lugar de incubação. Ali eram alcançados pelos seus amigos, os pelicanos, como de costume, mas estes últimos nunca os acompanhavam às habitações dos selvagens. Entre as outras espécies de aves domésticas havia patos, diferindo muito pouco do pato preto do nosso próprio país; sulas negros e uma grande ave não diferente do bútio na aparência, mas não carnívoro. De peixe parecia haver

grande abundância. Vimos, durante nossa visita, grande quantidade de salmão seco, bacalhaus, golfinhos azuis, cavalas, salmão preto, arraias, congros, enguias, peixe-elefante, mugens, solhas, peixe-papagaio, jaquetas-de-couro, triglas, merlúcios, linguado, paracutas, e inúmeras outras variedades. Verificamos também que a maior parte deles era semelhante aos peixes existentes no grupo das ilhas de Lord Auckland, numa latitude abaixo de 51 graus, ao sul. Em grande quantidade havia também tartarugas de Galápagos. Vimos poucos animais selvagens e nenhum de grande tamanho ou de alguma espécie que nos fosse familiar. Uma ou duas serpentes de formidável aspecto cruzaram nosso caminho, mas os nativos lhes davam pouca atenção e concluímos que elas não eram venenosas.

Ao nos aproximarmos da aldeia, com Too-wit e seu grupo, enorme multidão de gente correu ao nosso encontro, com altos brados, entre os quais podíamos distinguir apenas os eternos *Anamoo-moo*! e *Lama-Lama*!. Ficamos bastante surpresos ao perceber que, com uma ou duas exceções, esses recém-vindos estavam inteiramente nus, sendo as peles usadas somente pelos homens das canoas. Todas as armas do país pareciam também estar de posse destes últimos, pois não se via qualquer delas entre os habitantes da aldeia. Havia muitas mulheres e crianças, não faltando inteiramente às primeiras o que se podia chamar beleza pessoal. Eram esbeltas, altas e bem formadas, com uma graça e liberdade de maneiras não encontráveis, na sociedade civilizada. Seus lábios, porém, como os dos homens, eram grossos e mal conformados, de modo que, mesmo quando riam os dentes nunca apareciam. Seu cabelo era mais fino que o dos homens. Entre aqueles aldeões nus haveria talvez uns dez ou doze que vestiam como o grupo de Too-wit roupas de pele preta e estavam armados de lanças e pesadas clavas. Pareciam ter grande influência entre os demais e eram sempre tratados pelo nome de *Wampoo*. Eram eles também os proprietários dos palácios de couro preto. O de Too-wit estava situado no centro da aldeia, e era muito maior e um tanto mais bem construído do que os outros da mesma distância A árvore que formava seu suporte fora cortada a uma distância de três metros e sessenta centímetros pouco mais ou menos da raiz, e numerosos ramos foram deixados justamente abaixo do corte, servindo para suportar a coberta e, dessa forma, evitando que ela se abatesse em redor do tronco. A coberta, também, que consistia de quatro peles bastante largas amarradas com espetos de estava presa nas

extremidades com estacas fincadas no chão, o qual estava coberto de grande quantidade de folhas secas à moda de tapete.

Para essa cabana fomos conduzidos, com grande solenidade e amontoaram-se nela, atrás de nós, tantos nativos quanto possível. Too-wit sentou-se sobre as folhas e nos fez sinais para que lhe seguíssemos o exemplo. Assim o fizemos e logo nos encontramos numa posição caracteristicamente incômoda, senão crítica. Achávamo-nos no chão, em número de doze, com os selvagens somando quase quarenta, acocorados tão perto em redor de nós que se qualquer distúrbio se suscitasse ter-nos-ia sido impossível o uso de nossas armas ou mesmo nos levantarmos. O aperto não era somente dentro da tenda mas do lado de fora, onde provavelmente se encontravam todos os indivíduos que povoavam a ilha sendo a multidão impedida de nos calcar, até morrermos, graças às incessantes ordens e vociferações de Too-wit. Nossa principal segurança jazia, porém, na presença do próprio Too-wit entre nós e resolvemos manter-nos bem juntos dele, como a melhor possibilidade de livrar-nos do dilema, sacrificando-o imediatamente à primeira amostra de intenção hostil.

Depois de alguma agitação, certo grau de tranquilidade estabeleceu-se, quando o chefe se dirigiu a nós, num discurso de grande extensão, e quase semelhante ao que foi proferido nas canoas a exceção de que os *Anamoo-moos*! eram agora um tanto mais vigorosamente repetidos do que os *Lama-Lamas*!. Escutamos em profundo silêncio, até a conclusão dessa arenga, quando Guido respondeu, assegurando ao chefe sua eterna camaradagem e boa-vontade e concluindo o que tinha a dizer com uma oferta de muitos rosários de contas azuis e uma faca. Diante dos primeiros o monarca, com grande surpresa nossa, torceu o nariz, expressão de desprezo; mas a faca proporcionou-lhe a mais ilimitada satisfação e, imediatamente, ordenou que se servisse o jantar. Este foi trazido para a tenda, sobre as cabeças dos criados e consistia de tripas palpitantes duma espécie de animal desconhecido e provavelmente um dos porcos de pernas finas que tinham observado ao nos aproximar da aldeia. Vendo que não sabíamos o que fazer, começou ele, à guisa de exemplo, a devorar jarda após jarda da tentadora comida, até que não pudemos positivamente conter-nos por mais tempo e mostramos tão manifestos sintomas de rebelião de estômago que encheram sua majestade de um grau de espanto, somente inferior ao causado pelos espelhos. Declinamos de partilhar das

iguanas à nossa frente e tentamos fazer compreender que não tínhamos apetite de espécie alguma, tendo justamente acabado um opíparo almoço.

Quando o monarca terminou a sua refeição, começamos uma série de indagações, por todas as maneiras engenhosas que podíamos inventar, tendo em vista descobrir quais eram as produções do país e se qualquer delas podia ser transformado em lucro. Por fim ele pareceu perceber alguma idéia do que dizíamos e se ofereceu para acompanhar-nos a uma parte da costa onde nos assegurou que a biche de mer (apontando para um espécime daquele animal) seria encontrada em grande abundância. Ficamos alegres com esta rápida oportunidade de escapar da opressão da multidão e demos a entender nosso desejo veemente de nos pormos a caminho. Deixamos, então, a tenda e, acompanhados por toda a população da aldeia, seguimos o chefe até a extremidade sudeste da ilha, não longe da baía onde nosso navio estava ancorado. Esperamos ali cerca de uma hora, até que as quatro canoas foram trazidas por alguns dos selvagens, até onde nos achávamos. Tendo todo o nosso grupo entrado em uma delas, fomos remando ao longo da orla de recifes antes mencionada e de outros ainda distantes, onde vimos uma bem maior quantidade de biches de mer do que jamais viram os velhos marinheiros que nos acompanhavam naqueles grupos de ilhas das mais baixas latitudes, mais afamados por este artigo de comércio. Permanecemos perto daqueles recifes somente o tempo bastante para verificar que podíamos facilmente carregar uma dúzia de navios com o animal, se necessário. Depois abordamos a escuna e nos despedimos de Too-wit, após obter dele a promessa de que nos traria, dentro de vinte e quatro horas, tantos patos pretos e tartarugas das Galápagos quantas canoas pudessem carregar. No correr de toda esta aventura nada vimos na conduta dos nativos que causasse suspeita, exceto a maneira sistemática pela qual seu grupo se foi reforçando durante nossa caminhada da escuna até a aldeia.

CAPÍTULO XX

O CHEFE cumpriu fielmente sua palavra e, em breve, nos achamos plenamente supridos de provisões frescas. Achamos as tartarugas tão deliciosas como jamais víramos, e os patos ultrapassavam nossas melhores espécies de aves selvagens, sendo excessivamente mais tenros, suculentos e saborosos. Além destes, os selvagens nos trouxeram depois que lhes fizemos compreender nosso desejo, grande quantidade de aipo castanho e mostarda, com uma canoa cheia de peixe fresco e algum seco. O aipo foi um regalo, na verdade, e a mostarda mostrou-se de incalculável benefício em restabelecer aqueles dos nossos homens que tinham apresentado sintomas de doença. Em muito pouco tempo não tínhamos uma única pessoa na lista de doentes. Recebemos também grande quantidade de outras espécie de provisões frescas, entre as quais pode ser mencionada uma espécie de mariscos semelhantes na forma ao mexilhão, mas com o gosto de ostra. Camarões também e lagostins eram abundantes, assim como ovos de albatrozes e outros pássaros, com cascas pretas. Recolhemos também grande sortimento de carne dos porcos que já mencionei. A maior parte dos homens achou-a de excelente paladar, mas eu achei-lhe um gosto de peixe, aliás desagradável. Em troca dessas boas coisas presenteamos os nativos com contas azuis, verde bronze, pregos, facas e peças de pano vermelho, ficando eles plenamente satisfeitos com a troca. Estabelecemos um regular mercado na praia, justamente sobre as peças da escuna, onde barganhas eram realizadas com toda a aparência de boa-fé e com um grau de ordem que a conduta deles na aldeia de Klock-Klock não nos levava a esperar dos selvagens.

As coisas prosseguiram dessa forma bem amigável durante vários dias, nos quais grupos de nativos estavam freqüentemente a bordo da

escuna e grupos de nossos homens freqüentemente na praia fazendo longas excursões ao interior, sem serem de modo algum molestados. Verificando a facilidade com que o navio carregado de biches de mer, graças à disposição cordial dos ilhéus e a prontidão com que eles nos prestavam auxílio em apanhá-las o Capitão Guido resolveu entrar em negociações com Too-wit para a construção de casas apropriadas para secar o artigo e para os serviços dele próprio e da tribo de reunir tantas quantas possíveis, enquanto aproveitar-se-ia ele do bom tempo para continuar sua viagem para o sul. Ao mencionar esse projeto ao chefe, pareceu ele bastante desejoso de entrar em acordo. Uma barganha foi em consequência, concluída, perfeitamente satisfatória para ambas as partes, por meio da qual ficou combinado que, depois de fazer os necessários preparativos, tais como aplainar o terreno e erguer uma porção dos prédios e fazer algum outro trabalho em que toda a nossa tripulação seria utilizada, a escuna prosseguiria em sua derrota, deixando três de seus homens na ilha, paras superintender a execução do projeto e instruir os nativos no secamento dos biches de mer. Quanto às obrigações, dependeriam elas dos esforços dos selvagens em nossa ausência. Deveriam receber uma quantidade estipulada de contas azuis, facas, pano vermelho e assim por diante, para cada certo número de arrobas de biche de mer que estivessem prontas à nossa volta.

Uma descrição da natureza deste importante artigo de comércio, e o método de prepará-lo talvez sejam de interesse para meus leitores e não posso encontrar lugar mais adequado do introduzir uma descrição dele. A seguinte e resumida notícia a respeito é tirada de uma moderna história de uma viagem do sul:

"É aquele molusco dos mares índicos, conhecido no comércio pelo nome francês de *bêche de mer* (um delicioso manjar do mar). Se não estou muito enganado, o famoso Cuvier chama-o *Gasteropoda pulmonífera*. Encontra-se em grande abundância nas costas das ilhas do Pacífico e é apanhado para os mercados chineses, onde alcança grande preço, talvez tão alto quanto o de seus muito falados ninhos de pássaros como propriamente formados da matéria gelatinosa recolhida por uma espécie de andorinha do corpo daqueles moluscos. Elas não têm concha, nem pernas, nem qualquer parte proeminente, exceto órgãos opostos de *absorção* e *excreção*; mas, por meio de suas membranas elásticas, como lagartas ou vermes, elas se arrastam em águas pouco profundas nas quais

podem ser vistas por uma espécie de andorinha cujo agudo bico inserido no animal mole, extrai uma substância gomosa e filamentosa, a qual, ao secar pode entrar na composição das sólidas paredes de seus ninhos. Daí o nome de *Gasteropoda pulmonífera*.

"Esse molusco é oblongo e de diferentes tamanhos, de três a oito polegadas de comprido. Já vi alguns que tinham nada menos de sessenta centímetros de comprimento. Eram quase redondos, um pouco chatos do lado que jaz perto do fundo do mar. Têm de dois a vinte centímetros de espessura. Arrastam-se em água pouco profunda, em épocas particulares do ano, provavelmente no propósito de procriar, pois muitas vezes os encontramos aos pares. E quando o sol mais castiga a água, tornando-a tépida, que eles se aproximam da praia. E muitas vezes vão a lugares tão baixos que, quando a maré ficam em seco, ficam expostos ao calor do sol. Mas não se reproduzem em águas pouco profundas, pois nunca vimos qualquer de seus filhotes, e os adultos são sempre observados saindo de águas fundas. Alimentam-se principalmente daquela espécie de zoófitos que produz o coral.

"O biche de mer é geralmente apanhada dentro de metro ou metro e meio de água, depois disso, é levada para a praia e aberta numa extremidade com uma faca, sendo a incisão de dois ou mais centímetros, de acordo com o tamanho do molusco. Por essa abertura as entranhas são espremidas por pressão e se parecem muito com as de qualquer outro habitante das profundezas. O artigo é então lavado e depois fervido até certo grau, que não deve ser muito alto nem muito baixo. É depois enterrada na areia durante quatro horas e em seguida fervida de novo durante curto tempo, depois do quê, é secada, quer pelo fogo, quer pelo sol. As curtidas pelo sol são mais apreciadas — mas onde uma arroba pode ser curada dessa forma eu posso curar trinta arrobas com fogo. Quando afinal devidamente curadas, podem ser conservadas em um lugar seco durante dois ou três anos, sem qualquer risco; mas teriam de ser examinadas uma vez dentro de poucos meses, digamos, quatro vezes por ano, para verificar se qualquer umidade está a ponto de estragá-las.

"Os chineses, como antes afirmei, consideram a biche de mer um grandíssimo luxo, acreditando que ela revigora maravilhosamente, nutre e renova o organismo exausto pela volúpia imoderada. A de melhor qualidade alcança alto preço em Cantão, custando noventa dólares quatro arrobas; a de segunda qualidade setenta e cinco dólares; a de terceira

qualidade, cinquenta dólares; a de quarta, trinta dólares; a de quinta, vinte dólares; a de sexta, doze dólares, a de sétima, oito dólares, e a de oitava, quatro dólares. Cargas pequenas alcançarão maior preço, muitas vezes, em Manilla, Singapura e Batávia."

Tendo entrado assim em acordo, passamos imediatamente a desembarcar tudo quanto fosse necessário para preparar as construções e limpar o terreno. Um vasto espaço plano, perto da praia oriental da baía, foi escolhido, pois nele havia grande quantidade de madeira e de água, e dentro de conveniente distância dos principais recifes sobre os quais a biche de mer tinha de ser procurada. Logo nos pusemos a trabalhar, seriamente, e dentro em pouco, com grande espanto dos selvagens, tínhamos derrubado suficiente número de árvores, para o fim que tínhamos em vista, transportando depressa para a armação das casas, as quais em dois ou três dias estavam já tão adiantadas que podíamos francamente confiar o resto do trabalho aos três homens que tencionávamos deixar ali. Eram eles João Carson, Alfredo Harris e um certo Peterson (todos naturais de Londres, creio eu), que se propuseram voluntariamente para isso.

Pelo fim do mês tínhamos tudo pronto para a partida. Tínhamos combinado, porém, fazer uma visita formal de despedida à aldeia, e Too-wit insistiu tão pertinazmente em que mantivéssemos a promessa que não achamos prudente correr o risco de ofendê-lo com uma recusa final. Acredito que nenhum de nós tínhamos naquela ocasião, a menor suspeita da boa-fé dos selvagens. Tínhamos uniformemente procedido com a maior decência, ajudando-nos com satisfação no nosso trabalho, oferecendo-nos suas mercadorias frequentemente sem preço, e nunca, em momento algum, subtraindo um único artigo, embora fosse evidente o alto valor que emprestavam às mercadorias que tínhamos conosco, pelas extravagante demonstrações de alegria que sempre manifestavam quando lhes fazíamos um presente. As mulheres, especialmente, eram mais gratas a todos os respeitos e, acima de tudo, teríamos sido as criaturas mais suspeitosas do mundo se houvéssemos entretido um único pensamento de perfídia da parte de um povo que nos tratava tão bem. Bem curto espaço de tempo bastou para provar que essa aparente bondade de disposição era apenas o resultado dum plano profundamente estabelecido de nossa destruição, e que os ilhéus, por quem mantínhamos tão imoderados sentimentos de

estima, contavam-se entre os miseráveis mais bárbaros, mais sutis e mais sanguissedentos que jamais contaminaram a face do globo.

Foi no dia 1º. de fevereiro que descemos à praia no propósito de visitar a aldeia. Embora, como disse antes, não entretivéssemos a menor suspeita, nenhuma precaução adequada foi esquecida. Os homens foram deixados na escuna com instruções para não permitir que qualquer selvagem se aproximasse do navio durante a nossa ausência, sob qualquer pretexto, e para permanecer constantemente no tombadilho. As redes da coberta estavam erguidas, as peças duplamente carregadas de metralha e granada, e os morteiros de metralha de balas de mosquete. Jazia, com sua âncora a pique a cerca de uma milha da praia e nenhuma canoa podia aproximar-se em qualquer direção, sem ser distintamente vista e exposta ao pleno fogo, imediatamente, de nossos morteiros.

Deixados os seis homens a bordo, nosso grupo de desembarque consistia de trinta e duas pessoas ao todo. Estávamos armados até os dentes, tendo conosco mosquetes, pistolas e cutelos. Além disso, cada um tinha uma espécie de comprida faca um tanto semelhante à faca de mato, agora tão usada por toda a nossa região ocidental e meridional. Uma centena de guerreiros negros veio ao nosso encontro, quando descemos em terra, a fim de acompanhar-nos pelo caminho. Notamos, porém, com alguma surpresa, que eles estavam agora inteiramente sem armas e tendo perguntado a Too-wit o que significava aquela circunstância, respondeu-nos simplesmente que *Mattee non we pa pa si* — querendo dizer que não havia necessidade de armas onde todos eram irmãos. Tomamos isto de boa parte e continuamos.

Tínhamos passado a fonte e o riacho de que falei antes e estivéramos agora entrando numa estreita garganta que atravessava a cadeia de colinas de greda entre as quais estava situada a aldeia. Essa garganta era muito rochosa e desigual, tanto que não pequena dificuldade tivemos em trepar por ela em nossa primeira visita a Clock-clock. Toda a extensão da ravina seria de uma milha e meia, ou provavelmente duas milhas. Ela serpeava em todas as direções possíveis entre as colinas (tendo, ao que parecia, formado, em algum período remoto, o leito duma torrente), em nenhum momento se estendendo mais de vinte jardas sem uma curva brusca. Os lados desse pequeno fosso orçariam, estou certo, por uns vinte e um ou vinte quatro metros de altitude perpendicular em toda a sua extensão e em algumas partes se erguiam a uma altura espantosa, sombreando tão

completamente a passagem que muito pouco da luz do dia podia ali penetrar. A largura geral era de cerca de doze metros e por vezes diminuía tanto que não permitia a passagem de cinco pessoas, ou seis, de frente. Em resumo, não poderia haver no mundo lugar algum mais bem adaptado para a consumação de uma emboscada e não foi mais do que natural que tivéssemos olhado cuidadosamente para nossas armas quando ali penetramos. Quando agora penso na nossa insigne loucura, o principal motivo do espanto parece ser que nós houvéssemos, alguma vez, aventurado sob quaisquer circunstâncias, tão completamente em mãos de selvagens desconhecidos a ponto de permitir que eles marchassem tanto na frente como atrás de nós, no nosso caminho pela ravina. Contudo, tal era a disposição em que cegamente seguimos, confiando loucamente na força de nosso grupo, na situação de desarmamento de Too-wit e de seus homens, na segura eficácia de nossas armas de fogo (cujo efeito era ainda um segredo para os nativos) mais do que tudo, na longamente sustentada atitude de camaradagem para conosco mantida por aqueles infames bandidos. Cinco ou seis deles iam à frente, como se abrindo o caminho, ocupando-se ostensivamente em remover as pedras maiores e limpar a ravina. Em seguida, vinha o nosso próprio grupo. Caminhávamos bem unidos, tomando apenas cuidado em evitar separar-nos. Acompanhava-nos o grupo principal de selvagens, observando ordem e correção insólitas.

Dick Peters, um homem chamado Wilson Allen e eu estávamos à direita de nossos companheiros examinando, enquanto prosseguíamos a singular estratificação do precipício que se alteava sobre nós. Uma fenda do rochedo polido atraiu nossa atenção. Era larga quase o bastante para uma pessoa entrar sem se espremer e se ampliava para dentro da colina uns cinco metros e quarenta centímetros ou seis metros em linha reta, dobrando, depois, para a esquerda. A altura da abertura, pelo que pudemos dela ver, da principal garganta era, talvez de dezoito ou vinte e um metros. Havia um ou dois arbustos enfezados, brotando dentre as fendas, ostentando uma espécie de avelã que senti curiosidade em examinar e, intrometendo-me rapidamente com este fim, recolhi cinco ou seis nozes, dum golpe, retirando-me depois, apressadamente. Ao voltar, vi que Peters e Allen me haviam acompanhado. Desejei que eles voltassem, pois não havia espaço para duas pessoas passarem, dizendo que lhes daria algumas de minhas nozes. Concordaram em voltar e foram subindo de regresso, estando Allen já perto da boca quando tive a súbita percepção dum choque

completamente diverso de qualquer coisa que jamais sentira antes, e que me causou a vaga impressão, se realmente então pensei em alguma coisa, de que todos os fundamentos do globo sólido se houvessem subitamente partido em bocados, e de que o dia da dissolução universal havia chegado.

CAPÍTULO XXI

LOGO QUE PUDE DOMINAR meus sentidos abalados, senti-me sufocado e rastejando entre uma quantidade enorme de terra desprendida, que também caía sobre mim, pesadamente, em todas as direções, ameaçando sepultar-me de todo. Horrivelmente alarmado a esta idéia, esforcei-me por levantar-me e por fim consegui-o. Então fiquei imóvel por alguns instantes, tentando conceber o que me havia acontecido e onde me encontrava. Ouvi, no mesmo instante um profundo gemido junto ao meu ouvido e, depois, a voz sufocada de Peters, pedindo-me socorro, em nome de Deus. Fui trepando um ou dois passos para diante, quando caí diretamente na cabeça e os ombros de meu companheiro, que, logo descobri estava enterrado até a cintura numa massa de terra solta, e lutando desesperadamente para libertar-se da pressão. Fui afastando de redor dele toda aquela terra, com o máximo de energia que podia empregar, e por fim consegui retirá-lo.

Tão logo nos recobramos de nosso susto de surpresa para podermos conversar sensatamente, chegamos ambos à conclusão de que as paredes da abertura em que nos havíamos aventurado tinha em virtude de alguma convulsão na natureza, ou provavelmente por seu próprio peso, desmoronado e que estávamos, consequentemente perdidos para sempre, achando-nos assim enterrados vivo muito tempo entregamo-nos inativamente à mais intensa angústia e desespero, que não pode ser devidamente imaginado pelos se acharam em situação semelhante. Acredito, firmemente que nenhum incidente jamais ocorrido no curso dos acontecimentos nos seja mais apto a inspirar o paroxismo da angústia mental física do que um caso, como o nosso, de enterramento em vida. A espessidão da treva que envolve as vítimas, a terrífica opressão dos

pulmões, a sufocante exalação da terra úmida uniam-se às assombrantes considerações de que nos achávamos para além dos mais remotos confins da esperança, e que tal é a sorte concedida *aos mortos* capaz de introduzir no coração humano um grau de medo e de espanto e de horror que não se podia tolerar e nem mesmo conceber.

Por fim, Peters propôs que tentássemos certificar-nos precisamente, da extensão de nossa calamidade e foi andando às apalpadelas pela nossa prisão; era simplesmente possível, que alguma abertura pudesse ainda haver, para nos dar saída. Agarrei-me avidamente a esta esperança e, envidando eu mesmo tentei abrir caminho através da terra solta. Com grande trabalho havia eu avançado um passo, quando um raio de luz se tornou perceptível o bastante para convencer-me de que, de qualquer forma não morreríamos imediatamente por falta de ar. Sentimo-nos então, um pouco mais confortados e nos encorajamos, mutuamente a espera de coisa melhor. Tendo galgado um montão de entulho que barrava nosso avanço na direção da luz, achamos menos dificuldade em avançar e sentimos, também, algum alívio da excessiva opressão dos pulmões que nos tinha atormentado. Agora, podíamos enxergar os objetos em redor e descobrimos que nos achávamos perto da extremidade da parte reta da abertura, onde ela fazia uma curva para a esquerda. Poucos esforços mais e atingimos a esquina, onde, com inexprimível alegria, encontramos uma longa rachadura ou fenda que se alongava para cima, a grande distância, geralmente a um ângulo de cerca de quarenta e cinco graus, embora mas vezes mais íngreme. Não podíamos ver através de toda a extensão dessa abertura, mas, como descia por ela suficiente quantidade luz, pouca dúvida tivemos de encontrar no alto (se por modo pudéssemos chegar até lá) uma passagem suficiente para o ar livre.

Lembrei-me então de que éramos três os que havíamos entrado na brecha, vindo da garganta principal, e que nosso companheiro, Allen, estava ainda desaparecido; decidimos imediatamente voltar e procurá-lo. Depois de longa pesquisa e muito perigo, derivado de adiantar-nos pela massa de terra pendente sobre nós, Peters, a afinal gritou que havia agarrado o pé de nosso companheiro e todo o seu corpo estava tão profundamente sepultado, sob os ombros, que era impossível retirá-lo. Verifiquei logo que o que dizia era a completa verdade e que, sem dúvida, nosso companheiro estava morto havia muito. Portanto, com os corações

contristados, deixamos o cadáver entregue a seu destino e de novo voltamos para a abertura.

A largura da frincha mal bastava para nos conter e, depois de um ou dois esforços inúteis para subir, começamos uma vez mais a desesperar. Já disse que a cadeia de colinas através das quais corria a garganta principal era composta de uma espécie de rocha mole parecida com a pedra-sabão. Os lados da abertura sobre que estávamos então tentando subir eram do mesmo material e tão excessivamente escorregadios, pois estavam úmidos, que mal podíamos firmar o pé neles, ainda mesmo nas partes menos abruptas. Em alguns lugares em que a ascensão era quase perpendicular, a dificuldade, sem dúvida, se agravava muito; e, de fato, durante algum tempo, a consideramos intransponível. Tomamos coragem, porém, do desespero; e assim, cortando degraus na pedra mole, com nossas facas de mato e pendurando-nos, com risco de vida, a pequenos pontos salientes da espécie mais dura de rocha xistosa, que aqui e ali se projetavam da massa geral, afinal alcançamos um plataforma natural, da qual se percebia uma nesga de céu azul, na extremidade de uma ravina espessamente coberta de árvores. Olhando então para baixo, com alívio bem maior, para a passagem através da qual tínhamos chegado até ali, deduzimos claramente de sua aparência que era de formação recente e concluímos que a explosão, fosse qual fosse, que tão inesperadamente nos sepultara também, e no mesmo momento, abrira aquele caminho de fuga. Estando inteiramente exaustos, por causa dos esforços feitos, na realidade tão fracos que mal podíamos ficar de pé ou falar, Peters propôs então que deveríamos tentar chamar nossos companheiros em socorro, disparando as pistolas que ainda permaneciam nas nossas cintas, pois os mosquetes, assim como os cutelos, tinham sido perdidos entre a terra solta, no fundo do sorvedouro. Acontecimentos subsequentes provaram que, se tivéssemos feito fogo ter-nos-íamos tristemente arrependido; mas, felizmente, ergueu-se nesse momento em seu espírito certa suspeita de traição e evitamos fazer com que os selvagens soubessem onde estávamos.

Depois de haver repousado cerca de uma hora, subimos rapidamente pela ravina e não nos adiantáramos muito, quando ouvimos uma série de tremendos berros. Afinal, alcançamos o que poderia ser chamado a superfície do solo, pois nosso caminho até então desde que saíramos da plataforma, ficara sob uma arcada de folhagens e rochas elevadas, alteando-se a grande distância. Com cuidado, rastejamos por uma estreita

abertura, donde poderíamos ter uma nítida visão da região circunvizinha; e aí todo o terrível segredo da explosão se revelou, de um só relance e num único instante.

O lugar de onde olhávamos não ficava longe do cimo do mais alto pico, na fileira de colinas de pedra-sabão. A garganta, em que o nosso grupo penetrara, corria a uns quinze metros para a nossa esquerda. Mas, pelo menos numa extensão de cem jardas o canal ou leito dessa garganta estava inteiramente repleto de ruínas caóticas, de mais de um milhão de toneladas de terra e pedra atiradas dentro dele propositadamente. Os meios pelos quais essas vastas massas de terra haviam sido precipitadas não eram mais simples do que evidentes, pois traços seguros da obra assassina ainda permaneciam. Em diversos pontos, ao longo do cimo do lado oriental da garganta (estávamos então no ocidental), podiam-se ver estacas de madeira fincadas no chão. Nesses pontos a terra não cedera mas, por toda a extensão da face do precipício, da qual a massa de terra caíra, era claro, pelas marcas deixadas no solo e semelhantes às feitas por uma broca, que estacas semelhantes às que lhe víamos fincadas haviam sido inseridas, separando-se, a cerca de três metros, para trás da borda do abismo. Fortes cordas de cipós de videira tinham sido também ligadas, de uma estaca a outra. Já falei da singular estratificação dessas colinas de pedra sabão e a idéia que acabo de dar da estreita e profunda frincha, efetuamos nossa fuga do sepultamento, permitirá avaliar melhor essa natureza. Assim é que quase toda convulsão natural certamente fenderia o solo em camadas paralelas e perpendiculares; e bastaria pequeno esforço humano para produzir o mesmo resultado. Dessa estratificação serviram-se os selvagens para realizar seus traiçoeiros fins. Não pode haver dúvida de que, pela contínua linha de estacas uma ruptura parcial do solo foi produzida, provavelmente até a profundidade de trinta ou sessenta centímetros, quando então, por de um violento puxão, nas pontas de cada uma das cordas (que estavam ligadas às extremidades das estacas, no alto, e se estendiam da borda do precipício para trás), obtinha-se enorme força de alavanca, capaz de precipitar toda a frente da colina, a um sinal dado no seio do abismo, lá embaixo. Não mais foi motivo de incerteza o destino de nossos pobres companheiros. Apenas nós havíamos escapado à catástrofe daquela destruição esmagadora. Éramos únicos homens brancos vivos naquela ilha.

CAPÍTULO XXII

NOSSA SITUAÇÃO, como então nos aparecia, era pouco menos terrível do que quando nos havíamos julgado sepultados para sempre. Não víamos diante de nós perspectiva outra que não a de sermos assassinados pelos selvagens, ou arrastar entre eles uma vida miserável de cativeiro. Podíamos, é certo, esconder-nos, durante certo tempo, de sua observação, nos recantos das colinas e, como recurso final, no abismo de onde acabáramos de sair; mas ou deveríamos perecer no longo inverno polar, de fome e frio, ou ser por fim descobertos, em nossos esforços de salvar-nos.

Toda a região em torno de nós parecia formigar de selvagens, multidões dos quais, como percebíamos agora, tinham vindo das ilhas do sul, em barcos chatos, sem dúvida a fim de prestar ajuda na captura e saque da *Jane*. O barco ainda se achava calmamente ancorado na baía, estando os homens a bordo, ao que parece, inteiramente inconscientes de que qualquer perigo os aguardasse. Quanto ansiamos, naquele instante, por estar com eles, quer para ajudá-los a realizar sua fuga, quer a perecer com eles na tentativa duma defesa. Não víamos oportunidade de avisá-los do perigo, que corriam sem atrair imediata destruição sobre nossas próprias cabeças, com uma muito remota esperança de beneficiá-los. Um tiro de pistola seria bastante para fazer-lhes saber que ocorrera algum desastre mas este aviso não poderia provavelmente informá-los de que sua única perspectiva de salvação se encontrava em abandonar a baía imediatamente — nem dizer-lhes que princípio algum de honra agora os obrigava a permanecer, uma vez que seus amigos não se contavam mais entre os vivos. Ouvindo a descarga, não poderiam estar mais preparados para enfrentar o inimigo, agora pronto para o ataque, do que já estavam e do que sempre estiveram. Nenhuma vantagem portanto, e infinito dano

resultaria de nosso tiro e, depois de madura deliberação, pusemos a idéia de parte.

Outra idéia que nos salteou foi a de tentar correr para o navio, agarrar uma das quatro canoas amarradas à entrada da baía, e tentar forçar uma passagem para bordo. Mas a absoluta impossibilidade de obter êxito, nesta desesperada tentativa, logo se tornou evidente. A região, como já disse antes, formigava literalmente de nativos, de tocaia por trás das moitas e dos esconderijos das colinas, para não serem vistos da escuna. De modo especial bem perto de nós e bloqueando a única passagem, pela qual podíamos atingir a praia, no ponto conveniente, estacionava todo o grupo dos guerreiros negros, com Too-wit à sua frente, e parecendo apenas algum reforço, para começar a abordagem da *Jane*. As canoas, também, à entrada da baía, estavam tripuladas por selvagens desarmados, é verdade, mas que, sem dúvida, tinham armas a seu alcance. Fomos portanto forçados, embora a contragosto a ficar no nosso esconderijo, como simples espectadores do conflito, que não tardou a começar.

Cerca de meia hora depois, vimos umas sessenta ou setenta jangadas, ou botes chatos, com flutuadores, cheias de selvagens e vindo costeando a ponta sul do porto. Pareciam não ter outra armas exceto pequenas clavas e pedras, que jaziam no fundo das jangadas. Imediatamente depois, outro destacamento, ainda mais considerável apareceu numa direção oposta e com idênticas armas. As quatro canoas também se encheram rapidamente de nativos, que saltaram das moitas à entrada da baía e se puseram vivamente ao largo para alcançar os outros grupos. Assim, em menos tempo do que levei a contá-lo e como que por mágica, a *Jane* viu-se cercada por uma multidão imensa de energúmenos, evidentemente resolvidos a apoderar-se dela a todo custo.

Que pudessem ser bem sucedidos nisso, não cabia dúvida um só instante. Os seis homens deixados no navio, por mais resolutamente que se pusessem a defender-se, eram inteiramente insuficientes para o manejo devido das peças ou para sustentar de qualquer modo um combate tão desigual. Mal podia imaginar que eles fizessem qualquer resistência, mas nisto me enganei, pois logo os vi manobrar para colocar o navio de costado a estibordo, a carregar sobre as canoas, que a esse tempo estavam à distância de um tiro de pistola, ficando as jangadas quase a um quarto de milha a barlavento. Devido a alguma causa desconhecida, mas mais provavelmente à agitação de nossos pobres amigos, por se verem em tão

desesperada situação, a descarga foi um completo fracasso. Nem uma canoa sequer foi atingida ou um único selvagem ferido, pois os tiros caíram antes do alvo ou ricocheteando sobre as cabeças deles. O único efeito produzido sobres eles foi o de um grande espanto, diante do inesperado estampido e da fumaça, tão excessivo que, durante alguns instantes, quase pensei que eles abandonassem por completo sua intenção e voltassem para a praia. E isso eles teriam provavelmente feito se nossos homens tivessem continuado seu ataque, com uma descarga de pequenas peças, no que como estivessem as canoas agora bem ao alcance, não poderiam deixar de fazer certa devastação, suficiente para evitar, pelo menos que aquele grupo se adiantasse mais, até poderem dar uma descarga também contra as jangadas. Mas, em lugar disto, deixaram o grupo das canoas recobrar-se de seu pânico e, olhando em redor, de se verificar que nenhum dano haviam sofrido, enquanto viravam para bombordo, a fim de enfrentar as jangadas.

A descarga de bombordo produziu o mais terrível efeito. A metralha e os tiros de palanqueta das grandes peças cortaram completamente, em pedaços, sete ou oito das jangadas, e mataram, talvez, trinta ou quarenta selvagens, enquanto uma centena deles, pelo menos eram lançados à água, a maior parte mortalmente feridos. Os restantes, fora de si de pavor, começaram imediatamente uma precipitada retirada sem mesmo esperar para pescar seus companheiros mutilados, que nadavam confusamente em todas as direções — gritando e urrando por socorro. Este grande êxito, porém, veio demasiado tarde para salvar nossos devotados companheiros. O grupo das canoas já estava a bordo da escuna, em número de mais de cento e cinqüenta, tendo a maior parte conseguido grimpar correntes e por cima das redes de paveses, mesmo antes que as mechas fossem aplicadas aos canhões de bombordo. Nada agora podia conter a raiva daqueles brutos. Nossos homens foram imediatamente derrubados, abatidos, espezinhados e feitos totalmente em pedaços num instante.

Vendo isto, os selvagens das jangadas refizeram-se de seu terror, e acorreram em chusma para o saque. Em cinco minutos, a *Jane* foi a cena deplorável de indescritível estrago e tumultuosa violência. Os tombadilhos foram fendidos e rebentados; o cordame, as velas e tudo quanto era manobrável no tombadilho destruídos como por mágica; enquanto que, à força de puxar para trás, rebocando com as canoas e sirgando aos lados, aquela multidão de miseráveis, que nadavam aos milhares em torno do

navio, conseguiu afinal dar com ele na praia (tendo o cabo sido largado) e entregou-o aos bons cuidados de Too-wit, que, durante todo o embate, como um hábil general, havia permanecido no seu posto de segurança e reconhecimento, entre as colinas, mas, agora que a vitória se completara, para satisfação sua, condescendeu em correr com seus guerreiros de pele preta e tornar-se participante dos despojos.

A descida de Too-wit deixou-nos em liberdade de abandonar nosso esconderijo e de fazer um reconhecimento da colina, na vizinhança da abertura. A cerca de cinquenta jardas dali vimos um pequeno salto de água, no qual saciamos a sede abrasadora que nos consumia. Não longe da fonte descobrimos várias das moitas de aveleiras que mencionei antes. Provando as nozes, achamo-las apetecíveis e quase semelhantes, no sabor, à avelã comum inglesa. Enchemos imediatamente nossos chapéus, cujo conteúdo derramamos dentro da ravina, voltando a procurar mais. Enquanto nos ocupávamos ativamente em recolhê-las, um ruído nas moitas alarmou-nos e estávamos a ponto de retirar-nos, furtivamente, para nosso esconderijo quando um grande pássaro negro, da espécie do alcaravão, se levantou lenta e pesadamente, dentre os arbustos. Fiquei tão surpreso que não podia fazer nada, mas Peters teve suficiente presença de espírito para correr-lhe no encalço e agarrá-lo pelo pescoço antes que pudesse escapar-se. Seus esperneios e gritos eram tremendos e estávamos com idéia de largá-lo, com receio de que o barulho alarmasse alguns dos selvagens que ainda estivessem de tocaia na vizinhança. Um bom golpe de faca do mato por fim derrubou-o e o arrastamos para a ravina, congratulando-nos por havermos, em todo caso, obtido assim provisão bastante para uma semana.

Saímos de novo para um reconhecimento e aventuramo-nos a considerável distância, na ladeira do lado sul do morro, mas não encontramos coisa alguma mais que nos pudesse servir de alimento. Por consequência, reunimos grande quantidade de pau seco e voltamos, vendo um ou dois grandes grupos de nativos a caminho da aldeia, carregados com o saque do navio e que, estávamos apreensivos, podiam descobrir-nos, ao passar por baixo do morro.

Nosso imediato cuidado foi tornar nosso esconderijo tão seguro quanto possível e, com este objetivo, arranjamos alguma sarça sobre a abertura (de que falei antes, aquela através da qual havíamos visto a nesga de céu azul, quando, ao sair do interior do buracão, atingimos a

plataforma). Deixamos apenas uma pequenina abertura, suficientemente larga para permitir que víssemos a baía sem o risco de sermos descobertos lá de baixo. Tendo assim feito congratulamo-nos pela segurança da posição, pois estávamos agora a salvo de qualquer observação, enquanto preferíssemos ficar dentro da própria ravina sem nos aventurar até o alto da colina. Não cobríamos traço algum de que os selvagens já houvessem estado alguma vez, dentro daquele buraco, mas, realmente, quando chegamos a refletir na possibilidade de que a fenda, através da qual havíamos ali chegado, fora justamente ocasionada pela queda do penhasco oposto e que nenhum outro caminho para atingi-lo podia ser percebido, não fomos muito levados a regozijar-nos com a idéia de estar a salvo de perseguição, no receio de que não houvesse meio algum para nós de descer. Resolvemos explorar o cume da colina completamente, quando se oferecesse uma boa oportunidade. Entrementes, observávamos os movimentos dos selvagens através de nossa seteira.

Já haviam devastado completamente o navio e estavam se preparando agora para atear-lhe fogo. Dentro em pouco, vimos subindo a fumaça em imensos rolos, de sua principal escotilha, e, pouco depois, uma densa massa de labaredas irrompeu do castelo de proa. O cordame, os mastros e o que restava das velas pegam fogo imediatamente e o fogo espalhou-se sem demora por todos os tombadilhos. Grande número de selvagens permanecia ainda em suas posições, em torno do navio, martelando com grandes pedras, machados e balas de canhão todos os parafusos e outros objetos de cobre e de ferro. Na praia, nas canoas e jangadas havia não menos ao todo, na imediata vizinhança da escuna, de dez mil nativos além das chusmas dos que, carregados de pilhagem, voltavam para o interior ou para as ilhas vizinhas. Previámos agora uma catástrofe e não fomos desiludidos. Antes de tudo sobreveio um vivo choque (que sentimos tão distintamente no lugar onde estávamos, tivéssemos sido ligeiramente galvanizados), mas que não foi seguido por quaisquer sinais visíveis de explosão. Os selvagens ficaram evidentemente surpresos e pararam por um instante seu trabalho e seus gritos. Estavam a ponto de recomeçar, quando subitamente uma massa de fumo irrompeu dos conveses, semelhante a uma negra e pesada nuvem carregada de eletricidade; depois, como que brotando-lhe das entranhas, elevou-se uma longa torrente de vívido fogo a uma altura aparentemente de um quarto de milha; em seguida houve uma súbita expansão circular de labaredas; toda a atmosfera

viu-se magicamente tomada, num único instante, dum espantoso caos de madeira, metal e membros humanos e, finalmente produziu-se o abalo em sua plena fúria, que nos atirou violentamente no chão, enquanto as colinas ecoavam e reecoavam o estrondo e uma densa chuva de minúsculos fragmentos dos destroços se abatia, precipitadamente, em todas as direções em torno de nós.

O estrago entre os selvagens excedeu de muito nossas extremas expectativas. Tinham eles realmente recolhido os plenos e perfeitos frutos de sua traição. Talvez uns mil pereceram com a explosão, enquanto um número igual pelo menos se achava desesperadamente mutilado. Toda a superfície da baía ficou literalmente juncada daqueles miseráveis, que se debatiam e se afogavam e, na praia, as coisas talvez fossem mesmo piores. Pareciam inteiramente terrificados pela subitaneidade e totalidade de sua derrota, e não faziam para se auxiliarem uns aos outros. Por fim, notamos total mudança na conduta deles. Pareceram de repente passar do estupor ao mais alto grau de excitação e se precipitavam velozmente indo e voltando de certo ponto da praia, com as mais estranhas expressões de raiva, de horror e de intensa curiosidade misturadas, pintadas em suas fisionomias, e gritando esgoeladamente: *Tekeli-li*! *Tekeli-li*!

Logo vimos um grande grupo retirar-se para as colinas e de lá voltar, dentro em pouco, carregando estacas de madeira. Carregaram-na para o lugar onde a multidão era mais densa, a qual se foi abrindo de modo a permitir-nos avistar o motivo de toda aquela excitação. Percebemos algo de branco, deitado no chão, mas não podemos distinguir imediatamente o que fosse. Por fim, vimos que a carcaça do estranho animal de dentes e garras vermelhas que a escuna tinha retirado do mar a dezoito de janeiro. O Capitão Guido tinha feito conservar o corpo com o fim de empalhar a pele e levá-lo para a Inglaterra. Lembro-me de que dera algumas ordens a respeito, justamente antes de tocar na ilha, e de que o haviam levado para o camarote e metido dentro de um dos caixões. A explosão havia-o atirado à praia, mas por que causara tão grande agitação entre os selvagens, ia além de nossa compreensão. Embora se amontoassem em torno da carcaça a pequena distância, um deles se mostrava desejoso de aproximar-se completamente. Pouco a pouco, os homens que traziam as estacas as fincaram em círculo em torno dela e logo que isso ficou pronto toda a enorme multidão se precipitou para o interior da ilha, aos altos brados de *Tekeli-li*! *Tekeli-li*!

CAPÍTULO XXIII

DURANTE os seis ou sete dias que se seguiram permanecemos em nosso esconderijo na colina, saindo apenas ocasionalmente e sempre com as maiores precauções, para buscar água e avelãs. Havíamos construído sobre a plataforma uma espécie de alpendre dotando-o duma cama de folhas secas e de três grandes pedras chatas que nos serviam ao mesmo tempo de fogão e de mesa. Acendemos o fogo sem dificuldade, esfregando dois pedaços de pau mais mole, e o outro mais duro. O pássaro que havíamos apanhado tão a propósito, revelou-se excelente manjar, embora um tanto coriáceo. Não era uma ave-marinha, mas uma espécie de alcaravão com uma plumagem dum negro de azeviche, com manchas grisalhas, e asas pequenas em relação a seu tamanho. Vimos depois três da mesma espécie na vizinhança da ravina, parecendo andar à procura daquele que havíamos capturado; mas, como nunca pousassem, não tínhamos oportunidade de agarrá-los.

Enquanto aquela ave durou, nada sofremos em nossa situação mas estava agora inteiramente consumida e tornou-se absolutamente necessário que tratássemos de arranjar comida. As avelãs não podiam satisfazer as exigências da fome e nos causavam dolorosas cólicas intestinais e, quando comidas em quantidade, violenta dor de cabeça. Tínhamos visto muitas tartarugas grandes perto da praia, a leste da colina, e verificamos que elas poderiam ser facilmente apanhadas, se pudéssemos chegar até elas sem sermos vistos pelos nativos. Resolvemos, portanto, fazer uma tentativa de descer até lá.

Começamos por descer a ladeira do sul, que parecia oferecer menores dificuldades; mas mal havíamos caminhado uma centena de jardas, nossa marcha (como tínhamos previsto pela aparência do alto da colina) foi

inteiramente detida por uma ramificação da garganta na qual nossos amigos tinham perecido. Fomos acompanhando a borda dessa ravina durante um quarto de milha, quando novamente nos deteve um precipício de imensa profundidade sendo possível encontrar caminho ao longo de sua margem vimo-nos forçados a retroceder pela ravina principal. Metemo-nos então na direção de leste, mas sem precisamente melhor sorte. Depois de rastejar uma hora, com risco de quebrar o pescoço, descobrimos que tínhamos apenas descido para um vasto abismo de granito negro, cujo fundo estava recoberto de e donde a única saída era pelo caminho íngreme que ali nos levara. Subimos de novo, penosamente, por essa vereda e tentamos seguir a crista do norte da colina. Ai fomos obrigados a usar da maior precaução possível nos nossos movimentos, pois a prudência nos exporia a ser descobertos pelos selvagens da aldeia. Portanto, fomos rastejando sobre as mãos e os joelhos e muitas vezes, mesmo forçados a estender-nos a fio comprido, arrastando nossos corpos por meio dos arbustos. Com esta cuidadosa maneira havíamos avançado um pouquinho quando chegamos a um abismo mais profundo que qualquer outro já visto antes e que conduzia diretamente para a garganta principal. De modo que nossos temores estavam plenamente confirmados e verificamos que estavam inteiramente impedidos de qualquer acesso ao mundo lá de baixo. Totalmente esgotados por tantos esforços, tratamos de voltar o melhor que podíamos para a plataforma e lançando-nos sobre a cama de folhas dormimos, mansa e profundamente, durante algumas horas.

Por muitos dias, depois dessa infrutífera procura, ocupamo-nos em explorar todas as partes do cume da colina, a fim de verificar os seus recursos verdadeiros. Descobrimos que não nos poderia fornecer alimento, com exceção das prejudiciais avelãs e de uma espécie de agrião fétido que crescia numa pequena extensão de mais de quatro varas quadradas e que logo estaria esgotada. No dia quinze de fevereiro, tanto quanto me posso lembrar, não havia mais uma folha de sobra e as nozes estavam-se tornando raras, e nossa situação, portanto, não podia ser mais lamentável. [5] No dia dezesseis rodeamos de novo as paredes de nossa prisão, na esperança de descobrir algum caminho para escapar, mas inutilmente, descemos também o abismo no qual tínhamos sido tragados, na expectativa de descobrir através daquele corredor alguma abertura para a ravina principal. Aí também ficamos desapontados, embora tivéssemos descoberto e carregado conosco um mosquete.

No dia dezessete saímos com a determinação de examinar mais atentamente o abismo de granito negro aonde fôramos dar na nossa primeira busca. Lembramo-nos de que uma das fendas laterais daquele abismo tinha sido imperfeitamente observada por nós e estávamos ansiosos por explorá-la, embora sem esperança de descobrir ali qualquer abertura.

Não achamos grande dificuldade em atingir o fundo do buraco antes; e estávamos então suficientemente calmos para examiná-lo com alguma atenção. Era, realmente, um dos lugares de mais singular aparência imagináveis e mal podíamos ser levados a crer que ele fosse inteiramente obra da natureza. O abismo media em sua extremidade leste à extremidade oeste, cerca de quinhentas jardas de comprimento, supondo todas as suas sinuosidades estendidas a fio. A distância de leste a oeste, em linha reta (creio eu, não tendo meios de observação exata), não ia além de quarenta ou cinquenta jardas. No começo de nossa descida, isto é durante uns cem passos, a partir do cume da colina, as paredes do abismo assemelhavam-se muito pouco umas às outras, e não pareciam ter estado unidas em tempo algum, sendo uma das superfícies de pedra-sabão e a outra de greda, granulada de certa substância metálica. A largura média ou intervalo entre os dois penhascos era, provavelmente, de cerca de dezoito metros, mas parecia não haver qualquer regularidade de formação. Descendo mais, todavia, além do limite indicado, o intervalo rapidamente se encurtava e os lados começavam a correr paralelos, embora, por alguma distância mais, fossem ainda desiguais na matéria e na forma da superfície. Chegando a quinze metros do fundo começava uma perfeita regularidade. Os lados eram agora inteiramente uniformes em substância, em cor, sendo o material, em direção lateral, de um granito bastante negro e brilhante, e a distância entre os dois lados fronteiros um ao outro, em todos os pontos, exatamente de vinte jardas. A forma precisa do abismo será mais bem compreendida por meio de um esboço que fiz no local, pois felizmente tinha um lápis e um caderno de notas que conservei com longo cuidado através de longa série de aventuras subsequentes, e no qual sou devedor de uma multidão de notas de toda espécie que de outra forma teriam sido varridas de minha memória.

Esta figura (abaixo) dá o contorno geral do abismo, sem as cavidades menores dos lados, numerosas, aliás, tendo cada cavidade uma correspondente protuberância oposta. O fundo do precipício estava

coberto, até cinco ou dez centímetros de profundidade de um pó quase impalpável, por baixo do qual encontramos um prolongamento do granito negro.



À direita, na extremidade mais baixa notar-se-á uma espécie de pequena abertura; esta é a fenda que acima aludi e cujo exame mais minucioso fora o objeto de nossa segunda visita. Metemo-nos por ela adentro com vigor, cortando uma quantidade enorme de sarças que nos obstruíam, e afastando vasto monte de calhaus agudos cuja forma se assemelhava um tanto à das pontas de flecha. Fomos encorajados a prosseguir, porém, ao notar uma débil luz que provinha da outra extremidade. Por fim, rasgamos nosso caminho durante nove metros e descobrimos que a abertura era uma arcada baixa e de forma regular, tendo um fundo da mesma poeira impalpável que cobria o abismo principal. Uma luz fortíssima irrompeu, então, sobre nós e, dobrando um curto cotovelo, achamo-nos em outra galeria elevada semelhante à que tínhamos deixado em todos os pontos menos na forma longitudinal. Sua figura geral vai aqui reproduzida.

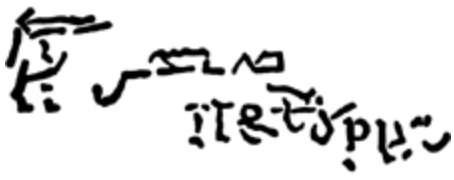


A extensão total desse abismo, começando na abertura *a* e dobrando a curva *b* até a extremidade *d*, era de quinhentas e cinquenta jardas. Em *c* descobrimos uma pequena abertura semelhante àquela através da qual tínhamos saído do outro abismo e esta estava semelhantemente, entulhada

de sarças e de grande quantidade dos calhaus brancos em forma de seta. Abrimos caminho por ela, descobrindo que a cerca de doze metros de distância ela se abria para um terceiro abismo. Este, também, era precisamente igual ao primeiro, exceto na sua forma longitudinal, que era a seguinte.



Verificamos que toda a extensão do terceiro abismo era de trezentas e vinte jardas. No ponto *a* havia uma abertura de cerca de um metro e oitenta centímetros de largura que avançava quinze metros dentro da rocha, terminando em um leito de greda e não havendo outro abismo além, como tínhamos esperado. Estávamos a ponto de deixar esta fenda, na qual muito pouca luz penetrava, quando Peters chamou minha atenção para uma fileira de entalhe de aparência estranha, na superfície da greda que formava o beco sem saída. Com levíssimo esforço de imaginação, o entalhe à esquerda, ou o mais ao norte, podia ter sido tomado como a representação intencional, embora grosseira, de uma figura humana de pé, com o braço estendido. Os restantes entalhes apresentavam certa pequena semelhança com caracteres alfabéticos, e Peters estava ansioso por adotar, fosse como fosse, essa tola opinião de que o eram realmente. Convenci-o de seu erro, finalmente, dirigindo sua atenção para o chão da abertura, onde, entre a poeira apanhamos, pedaço a pedaço, diversos grandes fragmentos da greda que tinha sido evidentemente partida por alguma convulsão da superfície, onde se achavam os entalhes, fragmentos que tinham pontos salientes, exatamente adaptáveis aos entalhes; provava-se terem sido estes obra da natureza. A figura abaixo apresenta uma cópia fiel do conjunto.



Depois de nos termos bem convencido de que aquelas cavernas não nos proporcionavam meios de escapar de nossa prisão voltamos para trás, abatidos e desesperados, para o cume da colina. Nada digno de menção ocorreu durante as vinte e quatro horas seguintes, exceto que, ao examinar o chão do terceiro abismo de leste, encontramos dois buracos triangulares, de grande profundidade, e também com paredes de granito negro. Achamos que não valia a pena descer dentro daqueles buracos, pois tinham a aparência de simples poços naturais, sem saída. Tinha cada um cerca de vinte jardas de circunferência, e sua forma bem como sua posição em relação ao terceiro abismo podem ser vistas mais acima.

CAPÍTULO XXIV

A VINTE do mês, achando inteiramente impossível subsistir por mais tempo comendo avelãs, cujo uso nos causava as mais horríveis dores, resolvemos fazer uma tentativa desesperada de descer a ladeira meridional da colina. A parede do precipício era, ali, da espécie mais branda de pedra-sabão, embora quase perpendicular em cerca de toda a sua extensão (uma profundidade de quarenta e cinco metros, pelo menos); em muitos lugares chegava, mesmo, a ser arqueada. Depois de longa pesquisa descobrimos uma estreita saliência a cerca de seis metros abaixo da borda do precipício; Peters conseguiu descer até ela, com o auxílio que lhe pude prestar, amarrando os nossos lenços. Com dificuldade um tanto maior, também eu consegui descer. E vimos, então, a possibilidade de descer até embaixo pelo processo por que havíamos escalado o abismo, ali estivéramos enterrados com a queda da colina, isto é, cavando degraus na superfície da pedra-sabão com nossas facas. Mal se pode conceber até que ponto essa tentativa era aventurosa; como não havia outro recurso, decidimos levá-la a efeito.

Na saliência onde estávamos colocados cresciam algumas moitas de aveleiras e a uma destas amarramos, firmemente, uma extremidade de nossa corda de lenços. Tendo amarrado a outra extremidade em torno da cintura de Peters, desci-o sobre a borda do precipício até que os lenços ficassem esticados. Ele, então, passou a um profundo buraco na pedra-sabão (de uns vinte e cinco centímetros), talhando obliquamente a rocha acima, até a altura de trinta centímetros, pouco mais ou menos, de modo a permitir que se, fincasse com a coronha de uma pistola, uma cavilha suficientemente na forte na superfície plana. Eu o icei, então, cerca de um e vinte centímetros, e aí ele fez um buraco semelhante ao de baixo,

fincando uma outra cavilha e tendo, assim, um lugar de descanso para os pés e para as mãos. Desamarrei, após, os lenços da moita, atirando-lhe a ponta, que ele amarrou à cavilha, no buraco superior, deixando-se cair vagarosamente para uma posição de noventa centímetros mais baixa do que a em que estivera antes isto é, o comprimento total dos lenços. Lá, cavou ele outro buraco e fincou outra cavilha. Em seguida, içou a si próprio, com o intuito de pousar os pés no buraco que acabava de cavar, agarrando-se com as mãos à cavilha do buraco de cima. Era, agora, necessário desatar os lenços da cavilha superior, com o fim de amarrá-los à segunda; e aí descobriu Peters que um erro havia cometido, ao cavar os buracos a distância tão separada uns dos outros; contudo, depois de uma ou duas tentativas, perigosas e sem êxito, de alcançar o nó (tendo de agarrar-se com sua mão esquerda enquanto que a direita trabalhava em desmanchar o nó), ele, afinal, cortou a corda, deixando quinze centímetros dela fixos à cavilha. Amarrando então os lenços à segunda cavilha desceu para uma posição da terceira, tomando cuidado em não descer muito. Por esses meios (meios que eu jamais teria concebido e que devíamos, inteiramente, à habilidade e resolução de Peters) meu companheiro finalmente conseguiu, com a ajuda ocasional de saliências na rocha, atingir o sopé sem acidentes.

Só depois de algum tempo foi que pude dar-me a coragem suficiente para acompanhá-lo; mas, por fim, pus-me a fazê-lo. Peters tinha tirado a camisa, antes de descer, e esta, com a minha própria, formaram a corda necessária para a aventura. Depois de jogar em baixo o mosquete, encontrado no abismo, amarrei essa corda às moitas e deixei-me cair rapidamente, esforçando-me pelo vigor de meus movimentos, por banir o tremor que, doutra forma não teria conseguido dominar. Este meio foi o bastante para os primeiros quatro ou cinco degraus, mas logo comecei a sentir minha imaginação terrivelmente excitada ao pensar nas vastas profundezas a serem ainda descidas e na precária natureza das cavilha e buracos de pedra-sabão que eram meu único suporte. Foi em vão que tentei banir essas reflexões e conservar os olhos fixos sob a muralha lisa do penhasco à minha frente. Quanto mais vivamente se lutava para *não pensar*, tanto mais intensamente vivos se tornavam meus pensamentos e mais horrivelmente distintos. Por fim sobreveio aquela crise de imaginação, tão temível em todos os casos dessa espécie, crise em que começamos a antecipar as sensações que nos fazem fatalmente *cair*, a

descrever-nos o enjôo, a vertigem a derradeira luta, o semidesmaio e o horror final da queda pendicular e precipitosa. Eu via, então, que aquelas fantasias se transformavam em realidades e todos os horrores imaginados se precipitavam de fato sobre mim. Senti os joelhos entrechocarem-se violentamente, enquanto meus dedos iam, gradual mas constantemente, relaxando seu apego à corda. Senti um tumultuar de sinos nos ouvidos e disse comigo: "Isto é o meu dobre a finados " e então senti-me tomado do desejo irresistível de olhar para baixo. Não podia mais! Não queria mais confinar meus olhares ao penhasco! E, com uma emoção violenta e indefinível, metade de horror e metade de opressão aliviada, mergulhei a minha vista bem no fundo do abismo. Durante um instante, meus dedos mantiveram-se convulsivamente agarrados, enquanto, com o movimento a mais tênue idéia possível de salvação extrema errava, como uma sombra, pela minha mente. No instante seguinte, toda a minha alma foi invadida pelo *desejo imenso de cair*; um desejo, uma atração, uma paixão absolutamente incontroláveis. Larguei de repente a cavilha e, dando uma meia volta contra a rocha, permaneci por um instante, oscilando sobre sua superfície lisa. Senti então a cabeça girar. Dentro de meus ouvidos, uma voz imaginária e estridente gritava; logo abaixo de mim se levantava uma figura diabólica, nevoenta. E, suspirando, com o coração presto cambaleei e caí entre seus braços.

Eu desmaiara e Peters me agarrara ao cair. Observara de seu lugar, à beira do penhasco, todos os meus gestos e, percebendo o perigo iminente em que me encontrava, tentara inspirar-me coragem por todos os meios que pudera inventar; contudo, minha confusão de espírito tinha sido tão grande que me impediu de ouvir o que ele dizia ou de ter mesmo consciência de que ele me houvesse chegado a falar. Por fim, vendo-me cambalear, apressou-se em subir em meu auxílio e chegou, justamente, a tempo de me salvar. Se eu tivesse caído, com todo o meu peso, a corda de camisas ter-se-ia inevitavelmente rompido e eu teria sido precipitado no abismo; como tal não se deu, ele conseguiu fazer-me descer devagar de modo a ficar suspenso sem perigo até que recobrasse os sentidos, o que ocorreu uns quinze minutos depois. Ao despertar, meu tremor tinha desaparecido por completo; senti-me um novo ser e com um pouco mais de auxilio de meu companheiro, cheguei também ao sopé, a salvamento.

Encontramo-nos, então, não longe da ravina que havia sido o túmulo de nossos amigos e ao sul do lugar onde a colina se tinha desmoronado. O

lugar era de uma estranha desolação e seu aspecto trazia-me a lembrança as descrições feitas pelos viajantes daquelas regiões que marcavam o sítio da arruinada Babilônia. Para não falar das ruínas do penhasco desmoronado que formavam uma barreira caótica, na perspectiva do norte, a superfície do solo, em todas as outras direções, estava semeada de imensos montículos que pareciam os destroços de algumas gigantescas construções de arte embora, em detalhe, nenhum aspecto artístico pudéssemos descobrir. As escórias eram abundantes e enormes blocos informes de granito negro entremeavam-se com outros de greda[6], ambos granulados de metal. Não havia traços de vegetação de espécie alguma por toda a área deserta à vista. Viam-se numerosos escorpiões imensos e vários répteis que não se encontravam, aliás, em elevadas latitudes. Como o nosso mais imediato objetivo fosse o alimento, resolvemos encaminhar-nos para a praia, que não distava mais do que meia milha, pensando em agarrar tartarugas, muitas das quais tínhamos observado do nosso esconderijo na colina. Havíamos andado umas cem jardas, deslizando, cautelosamente, entre os imensos rochedos e montículos, quando, ao dobrar uma esquina, cinco selvagens pularam sobre nós, de uma pequena caverna, derrubando Peters com um golpe de clava. Quando ele caiu, todos se precipitaram para agarrar sua vítima, dando-me tempo para recobrar-me do espanto. Tinha ainda o mosquete, mas o cano tinha ficado tão estragado ao ser lançado do precipício que o larguei para um lado, como inútil, preferindo confiar em minhas pistolas, que tinha cuidadosamente conservado e se achavam em bom estado. Com elas contra os assaltantes, disparando-as, uma após outra, em sucessão. Dois selvagens caíram, e um terceiro, que estava de atravessar Peters com uma lança, saltou sem executar seu desígnio. Estando assim libertado meu companheiro, não tive mais dificuldade. Ele também tinha suas pistolas, mas, prudentemente, evitou fazer uso delas, confiando em sua grande força que excedia extremamente a de qualquer outra pessoa que jamais conheci. Agarrando uma clava de um dos selvagens que havia caído arrebentou o crânio dos três restantes, matando a todos instantaneamente, com um simples golpe da arma e deixando-nos completamente senhores do campo.

Tão rapidamente ocorreram esses fatos que mal podíamos acreditar na sua realidade, e ficamos a olhar os cadáveres, numa espécie de contemplação estupefata, quando fomos chamados à realidade por gritos que ecoavam ao longe. Era evidente que os selvagens tinham sido

alarmados pelos tiros e que tínhamos muito pouca probabilidade de evitar que fôssemos descobertos. Para voltar ao penhasco seria necessário dirigir-nos rumo aos gritos e mesmo se conseguíssemos chegar à sua base nunca seríamos capazes de sem ser vistos. Nossa situação era do maior perigo e estávamos hesitantes sobre qual a direção em que iniciaríamos a corrida quando um dos selvagens em quem eu tinha atirado e que tinha por morto levantou-se, rapidamente, e tentou escapulir. Agarrei-o porém, antes que ele tivesse dado alguns passos e estávamos a ponto de liquidá-lo, quando Peters sugeriu que poderíamos retirar algum benefício, forçando-o a acompanhar-nos na nossa tentativa de fuga. Por conseguinte, arrastamo-lo conosco, fazendo entender que lhe atiraríamos de novo se oferecesse resistência e em poucos minutos, achava-se perfeitamente submisso e corria a nosso lado quando nos adiantamos por entre as rochas, encaminhando-nos para a praia.

Até então, as irregularidades do terreno que estivéramos a atravessar ocultavam o mar a nossas vistas, exceto a intervalos, e quando o avistamos, pela primeira vez, completamente, achava-se talvez a umas duzentas jardas de distância. Ao sairmos para o escampado da praia, vimos com grande consternação imensa multidão de nativos saindo da aldeia e de todos os pontos visíveis da aldeia dirigindo-se para nós, com gestos de extrema fúria e urrando como animais selvagens. Estávamos a ponto de arrepiar caminho e tentar garantir-nos uma retirada, nos abrigos do terreno mais acidentado quando descobri as proas de duas canoas projetando-se atrás de um largo rochedo que se prolongava mar a dentro. Paramos, então, a toda pressa e, ao alcançá-las, vimos desguarnecidas e sem qualquer outro carregamento, a não ser três das grandes tartarugas de Galápagos e a habitual provisão para sessenta remadores. Imediatamente tomamos posse de uma delas e, obrigando nosso cativo a embarcar, fizemo-nos ao largo com toda a força de que podíamos dispor.

Mal havíamos feito porém, umas cinqüenta jardas, quando ficamos suficientemente calmos para perceber a grande imprudência de que fôramos deixando a outra canoa em poder dos selvagens. Que, a esse tempo distavam da praia apenas o dobro de nossa distância e avançavam rapidamente, em nossa perseguição. Não havia agora tempo a perder. Nossa esperança era, quando muito, um recurso desesperado mas não havia outro. Era bastante duvidoso que, mesmo fazendo os maiores esforços, pudéssemos chegar a tempo de nos apoderar da canoa antes

deles; havia, entretanto, uma possibilidade de fazê-lo. Poderíamos salvar-nos, se o conseguíssemos, mas, se nada fizéssemos, teríamos de resignar-nos a uma morte inevitável.

A canoa estava construída de tal maneira que a proa e popa eram iguais e em lugar de fazê-la girar mudamos, simplesmente o movimento dos remos. Tão logo os selvagens perceberam isso redobraram seus berros, bem como sua carreira, e se aproximaram com inconcebível rapidez. Remávamos, porém, com toda a energia do desespero e chegamos ao lugar disputado antes que mais de um nativos o atingissem. Esse homem pagou caro a sua agilidade pois, ao se aproximar da praia, Peters atingiu-o na cabeça com um tiro de sua pistola. Os mais avançados do restante de seu grupo estavam provavelmente a uns vinte ou trinta passos distante, no momento em que nos apoderamos da canoa. Tentamos a princípio arrastá-la para a água mais funda, fora do alcance dos selvagens mas encontrando-a por demais agarrada ao solo e não havendo tempo a perder, Peters, com dois pesados golpes, com a coronha do mosquete, conseguiu arrombar um grande pedaço da proa e de um lado. Então, arrastamo-la para o largo. A este tempo, dois dos nativos já se tinham apoderado de nosso bote, recusando obstinadamente a largá-lo, até que nos vimos forçados a livrar-nos deles com nossas facas. Assim desembaraçados, avançamos grandemente mar em fora. O grupo principal dos selvagens, ao içar a canoa partida, lançou o mais tremendo berro de raiva e desaponto concebível. Na verdade, de tudo quanto eu observara entre aqueles miseráveis, pareciam eles a raça de homens mais sórdida, hipócrita, vingativa, sanguinária e totalmente diabólica que existia na superfície da terra. É claro que não teríamos misericórdia alguma a esperar, se houvéssemos caído em suas mãos. Fizeram uma tentativa insensata de perseguir-nos na canoa furada, mas, verificando que era inútil, deram de novo vazão à sua raiva numa série de hediondas vociferações e saíram a correr para as suas colinas.

Estávamos, pois, livres de qualquer perigo imediato, mas nossa situação era ainda suficientemente sombria. Sabíamos que quatro canoas iguais à que tínhamos tinham estado de posse dos selvagens, em certo momento, e ignorávamos ainda (fato que depois foi afirmado pelo nosso prisioneiro) que dois desses barcos tinham sido reduzidos a pedaços pela explosão da *Jane Guy*. Calculamos, portanto que seríamos ainda perseguidos, tão logo nossos inimigos pudessem dar a volta até a baía,

distante cerca de três milhas, onde os botes eram usualmente amarrados. Temendo isso, fizemos todos esforços para deixar a ilha atrás de nós e avançamos, rapidamente, mar em fora, forçando o prisioneiro a pegar um remo. Cerca de meia hora depois, quando já havíamos feito, provavelmente umas cinco ou seis milhas para o sul, vimos vasta frota de canoas de fundo chato, ou jangadas, sair da baía, com o propósito evidente de perseguir-nos. Mas logo voltaram atrás, desesperando alcançar-nos.

CAPÍTULO XXV

ENCONTRAMO-NOS então, no imenso e deserto oceano Antártico, numa latitude de mais de 84 graus e numa frágil canoa, sem outra provisão a não ser as três tartarugas. Além disso, devíamos considerar que o longo inverno polar não estava muito distante e se tornava necessário que refletíssemos atentamente no caminho a seguir. Havia seis ou sete ilhas à vista, pertencentes ao mesmo grupo e distantes umas das outras cerca de cinco ou seis léguas. Mas não tínhamos intenção de aventurar-nos em nenhuma delas. Ao vir do norte, na *Jane Guy*, havíamos deixado gradualmente as regiões mais rigorosamente geladas. Isso, porém, por pouco que estivesse em acordo com as noções geralmente aceitas a respeito do Antártico, era um fato experimental que não admitia negação. Tentar, portanto, voltar seria loucura, especialmente em período tão avançado da estação. Apenas um caminho parecia ainda aberto à esperança. Decidimos, pois, rumar ousadamente para o sul onde havia pelo menos uma probabilidade de descobrir terras e mais de uma probabilidade de descobrir um clima ainda mais suave.

Até aqui tínhamos encontrado o oceano Antártico como o oceano Ártico, caracteristicamente livre de violentas tempestades ou de águas demasiado agitadas; mas nossa canoa era, na melhor das hipóteses, de frágil estrutura, embora grande, e nos pusemos afanosamente a trabalhar para torná-la tão segura quanto no-la permitiam os meios limitados de que dispúnhamos. O material do bote não passava de uma cortiça — cortiça de uma árvore desconhecida. O cavername era de um junco forte, bem adequado ao uso em questão. Tínhamos, de popa a proa, um espaço de quinze metros, um metro e vinte centímetros a um metro e oitenta centímetros de largura, com uma profundidade geral de um metro e trinta

e cinco centímetros. Esses barcos diferiam, assim, grandemente, na forma dos de quaisquer outros habitantes do oceano Austral que as nações civilizadas conhecem. Nunca acreditaríamos que fossem obra dos ilhéus ignorantes que os possuíam; e alguns dias depois vimos, interrogando nosso prisioneiro, que eles eram feitos na verdade, pelos nativos de um grupo a sudoeste da região, em que os encontramos, tendo caído, acidentalmente, nas mãos dos nossos bárbaros. O que podíamos fazer pela segurança de nosso barco era verdadeiramente, muito pouca coisa. Descobrimos algumas largas fendas, perto de ambas as extremidades, e vimo-nos forçados a tapá-las com pedaços de nossas jaquetas de lã. Com o auxilio de remos supérfluos, de que havia grande quantidade, levantamos uma espécie de latada, por cima da proa, a fim de quebrar a força de quaisquer ondas que pudessem ameaçar alagar-nos por aquele lado. Levantamos também duas pás de remo, como mastros, colocando-as em frente uma da outra, cada qual numa amurada, poupando-nos assim a necessidade de uma verga. A esses mastros amarramos uma vela feita de nossas camisas, fazendo-o com alguma dificuldade pois não podíamos contar com auxílio algum de nosso prisioneiro embora se mostrasse bastante desejoso de trabalhar em outras operações. A vista das camisas pareceu afetá-lo de maneira bastante singular. Não houve meios de decidi-lo a tocá-las ou mesmo aproximar-se delas. Punha-se a tremer quando tentávamos obrigá-lo a isso e berrava fortemente: *Tekeli-li*!

Completados todos os nossos arranjos relativamente à segurança da canoa, pusemo-nos a navegar para o sul-sudeste, tendo em vista dobrar a ilha mais meridional do grupo em vista. Feito isto, voltamos a proa francamente para o sul. O tempo não podia ser considerado de modo algum desagradável. Tínhamos uma brisa bastante suave e contínua do norte, um mar manso e permanente luz diurna. Nenhum gelo se via em qualquer parte; *nem mesmo víramos jamais qualquer partícula dele, depois de deixar o paralelo da ilhota de Bennet*. Na verdade, a temperatura da água era aqui bastante quente para permitir a existência de qualquer quantidade de gelo. Tendo matado a maior de nossas tartarugas e obtido dela não somente comida, mas uma copiosa provisão de água, continuamos o nosso curso, sem qualquer incidente de importância, durante talvez sete ou oito dias, período em que devemos ter avançado para o sul uma vasta distância, pois o vento soprava constantemente a

nosso favor e uma corrente bastante forte nos impelia continuamente, na direção que seguíamos.

Março, 1[7]. Vários fenômenos insólitos nos indicaram, então, que estávamos penetrando numa região cheia de espantosas novidades. Alta barreira de vapor acinzentado e leve aparecia, constantemente, no horizonte meridional, onde luziam por vezes elevadas estrias, ora correndo de leste para oeste, ora de oeste para leste, e de novo apresentando um cume nivelado e uniforme; em suma, tendo todas as violentas variações da aurora boreal. A altura média desse vapor tal como o víamos de nossa posição, era de cerca de 25 graus. A temperatura do mar parecia aumentar a cada instante e havia na sua cor uma alteração bastante perceptível.

Março, 2. Hoje, à força de repetidas perguntas ao nosso prisioneiro viemos a conhecer alguns pormenores a respeito da ilha do massacre e seus habitantes e costumes; mas por que iria *agora* demorar com eles o leitor? Posso dizer, porém, que soubemos haver oito ilhas no grupo; que eram elas governadas por um rei comum chamado *Tsalemon* ou *Psalemoun*, que residia numa das menores ilhotas que as peles pretas que formavam as vestes dos guerreiros vinham de um animal de enorme tamanho, encontrado somente no vale perto da corte do rei; que os habitantes do grupo não fabricavam outros barcos além das jangadas de fundo chato e que as quatro canoas eram as únicas dessa espécie que eles possuíam, haviam sido obtidas por mero acaso, de uma grande ilha, situada a sudeste e; que o nome dele era Nu-Nu; que nada sabia da ilhota de Bennet e que o nome da ilha que acabávamos de deixar era *Tsalal*. O começo das palavras *Tsalemon* e *Tsalal* era dado com um prolongado som sibilante, que achamos impossível imitar, mesmo depois de repetidas tentativas, e que era precisamente o mesmo do alcaravão negro que tínhamos comido no cume da colina.

Março, 3. O calor da água era agora verdadeiramente extraordinário e sua cor ia experimentando uma alteração rápida não sendo mais transparente, mas de uma consistência e opacidade leitosas. Na nossa imediata vizinhança era habitualmente calma, nunca tão agitada a ponto de fazer perigar a canoa; mas, frequentemente éramos surpreendidos percebendo, à nossa direita e a nossa esquerda, a diferentes distâncias, súbitas e extensas agitações da superfície, sempre precedidas, como por fim notamos, por violentas oscilações, na região do vapor, para o sul.

Março, 4. Hoje, com o fim de alargar nossa vela, estando a brisa de norte decaindo sensivelmente, tirei do bolso de meu paletó um lenço branco. Estando Nu-Nu sentado a meu lado e tendo o pano acidentalmente roçado sua face, foi ele tomado de violentas convulsões seguidas de prostração, de estupor e de baixos murmúrios de *Tekeli-li*! *Tekeli-li*!.

Março, 5. O vento tinha cessado inteiramente, mas era inegável que estávamos ainda correndo para o sul, impulsionados por uma poderosa corrente. E agora, de fato, parecia razoável que experimentássemos algum alarme diante do rumo que estavam tomando os acontecimentos — mas nada sentimos. A fisionomia de Peters nada de alarme apresentava, embora mostrasse, por vezes uma expressão cujo sentido eu não podia penetrar. Era indubitável que o inverno polar se aproximava: mas se aproximava sem seu séquito de horrores. Eu sentia um *entorpecimento* de corpo e de espírito, uma sensação de sonho, mas era tudo.

Março, 6. O vapor cinzento tinha-se agora elevado muito mais graus acima do horizonte e estava perdendo gradualmente seu tom cinzento. O calor da água era extremo; até mesmo desagradável ao toque. E sua tonalidade leitosa mais evidente do que nunca. Hoje ocorreu violenta agitação da água, bem perto da canoa. Foi como de costume, seguida de um violento clarão do vapor no seu cume e de uma momentânea divisão em sua base. Fina poeira branca, semelhante a cinzas, mas que não o era, certamente caiu sobre a canoa e sobre larga superfície da água, à medida que o clarão se extinguia entre o vapor, e a agitação se acalmava no mar. Nu-Nu então lançou-se de bruços, no fundo do barco e foi impossível persuadi-lo a levantar-se.

Março, 7. Interrogamos hoje Nu-Nu dos motivos que levaram seus conterrâneos a matar nossos companheiros, mas ele parecia estar por demais dominado pelo terror para nos dar qualquer resposta razoável. Jazia ainda obstinadamente no fundo do bote e repetidas as perguntas a respeito do motivo do morticínio fez apenas gestos idiotas, tais como levantar com o indicador o lábio superior e exibir os dentes. Eram negros. Nunca víramos antes os dentes de um habitante de Tsalal.

Março, 8. Hoje, passou ao lado de nós um daqueles animais brancos cuja aparição na baía de Tsalal ocasionara tão violenta comoção entre os selvagens. Tive vontade de fisgá-lo mas sobreveio-me uma súbita indiferença e esqueci-me disso. O calor da água aumentava ainda e a mão

já não podia ficar muito tempo dentro dela. Peters falava pouco e eu não sabia o que pensar de sua apatia. Nu-Nu suspirava e nada mais.

Março, 9. A substância cineriforme caía agora, continuamente, em torno de nós e em vastas quantidades. A barreira de vapor para o sul tinha-se elevado prodigiosamente no horizonte e começava a assumir forma mais distinta. Posso compará-la apenas a uma catarata sem limites, rolando, silenciosamente, dentro do mar, de alguma imensa e bem distante muralha no céu. A gigantesca cortina pendia ao longo de toda a extensão do horizonte meridional, mas não emitia som algum.

Março, 21. Uma espessa escuridão pairava agora sobre nós. Mas, das leitosas profundezas do oceano, erguia-se um luminoso clarão que deslizava ao longo dos costados do barco. Estávamos quase sufocados por aquela chuva branca de cinzas que se amontoavam sobre nós e sobre a canoa, mas que se misturavam na água ao cair. O cume da catarata perdia-se inteiramente na obscuridade e na distância. No entanto, nós nos aproximávamos evidentemente dela, com uma horrível velocidade. A intervalos, avistavam-se nela vastas, porém momentâneas, aberturas hiantes, e dessas aberturas, em seio havia um caos de imagens flutuantes e indistintas, se precipitavam ventos velozes e potentes, mas silenciosos, despedaçando na sua carreira o oceano inflamado.

Março 22. As trevas haviam sensivelmente aumentado, aliviadas somente pelo clarão da água refletindo da branca cortina diante de nós. Numerosas aves gigantescas e dum branco lívido voavam continuamente agora por trás do véu, e o seu grito era o sempiterno *Tekeli-li*!, ao se afastarem de nossa visão. De súbito, Nu-Nu agitou-se no fundo do bote, mas, ao tocá-lo, percebemos que a sua alma se havia evolado. E agora nós nos precipitávamos para o seio da catarata, onde se escancarava um abismo para receber-nos. Mas ergueu-se, então, em nosso caminho, uma figura humana amortalhada bem maior de proporções que qualquer habitante da terra. E a cor da pele desse vulto tinha a perfeita brancura da neve.

NOTA

AS CIRCUNSTÂNCIAS relacionadas com a recente morte tão súbita e lamentável do Sr. Pym são já bem conhecidas do público através das notícias da imprensa diária. É de recear que os poucos capítulos restantes que deveriam completar esta narrativa e que ficaram em poder dele, para revisão, enquanto os aqui publicados se achavam no prelo, estejam irremediavelmente perdidos em conseqüência do acidente que lhe causou a morte. Pode ser também que esse não seja o caso, e se, por fim, os artigos forem encontrados serão dados a lume.

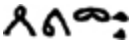
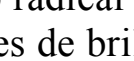
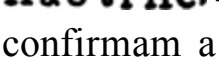
Todos os meios foram tentados para remediar essa falha. O cavalheiro cujo nome se menciona no prefácio e que, pelo que ali se diz, poderia ser julgado capaz de preencher a lacuna declinou de fazê-lo; e isso pela razão compreensível que se relaciona com a inexatidão geral dos detalhes que lhe foram fornecidos e com sua descrença no que tange à inteira verdade das últimas partes da narrativa. Peters, de quem se poderia esperar alguma informação, vive ainda, residindo no Illinois, mas não pôde ser encontrado até agora. Pode ser achado ainda, porém, e sem dúvida fornecerá material para uma conclusão do relato do Sr. Pym.

A perda dos dois ou três capítulos finais (porque eram apenas dois ou três) é ainda mais profundamente lastimável quanto, como não se pode duvidar continham eles assunto relativo ao próprio pólo, ou pelo menos na sua imediata vizinhança; e porque, ainda, as afirmativas do autor com referência a essas regiões poderiam ser em breve ratificadas ou contraditadas pela expedição que o governo agora prepara ao oceano Antártico.

Sobre um ponto da narrativa, algumas observações devem ser aduzidas e grande satisfação teria o autor deste apêndice se o que ele aqui

anota contribuísse para dar algum crédito às estranhíssimas páginas agora publicadas. Aludimos aos abismos encontrados na ilha de Tsalal e ao conjunto das ilustrações que figuram naquelas páginas.

O Sr. Pym apresentou as ilustrações dos abismos, sem comentários e falou claramente de *entalhes* encontrados na extremidade do mais oriental desses abismos, achando-os de semelhança, apenas hipotética, com caracteres alfabéticos e, em suma, como *não sendo* tais, positivamente. Essa asserção é feita de modo tão simples e sustentada por uma espécie de demonstração tão conclusiva (p. ex., a adaptação das pontas dos fragmentos encontrados entre a areia aos entalhes na muralha) que somos forçados a julgar o autor de boa-fé; e nenhum leitor que pense julgaria de forma diversa. Mas como os fatos com relação a *todos* os desenhos são dos mais singulares (especialmente quando encarados em relação a afirmativas feitas no decurso da narrativa) ficaria bem dizer uma ou duas palavras referentemente a todos eles também porque, os fatos em apreço, como está fora de dúvida, escaparam à atenção do Sr. Poe.

A figura 1 e, em seguida, a figura 2, a figura 3 e a figura 5, quando enfileiradas na ordem precisa em que os abismos se apresentavam, cortando-se os pequenos ramos laterais ou arcadas (que, devem lembrar-se, apenas serviam como meio de comunicação entre as galerias principais e eram de caráter totalmente diverso), formam uma raiz verbal etíope –  – a raiz que significa "ser tenebroso". Daí todas as inflexões de sombra ou escuridão. Com referência ao entalhe "esquerdo, ou mais ao norte" dos apresentados na figura 4, é mais do que provável que a opinião de Peters era correta e que a aparência hieroglífica fosse realmente obra da mão do homem pretendendo dar a forma de um vulto humano. O desenho está aos olhos do leitor e ele poderá, ou não, perceber a semelhança sugerida; mas o restante dos entalhes oferece forte confirmação à idéia de Peters. A fileira superior é, evidentemente, o radical árabe  — que significa "ser branco", e dai todas as inflexões de brilho e alvura. A fileira inferior é tão evidentemente compreensível. Os caracteres estão algo quebrados e desconjuntados, não obstante, não pode haver dúvida de que, em seu perfeito estado, eles formassem a palavra egípcia completa  – "a região do sul". Deve-se observar que essas interpretações confirmam a opinião de Peters em relação à figura "mais ao norte ". O braço está estendido para o sul.

Conclusões como estas abrem vasto campo à especulação e a conjecturas excitantes. Deveriam ser encaradas, talvez, em correlação com incidentes mais fracamente pormenorizados da narrativa, embora a série de conexões não seja completa de qualquer modo evidente. *Tekeli-li* era o grito dos nativos aterrorizados de Tsalal ao descobrirem a carcaça do animal *branco* retirado do mar. Foi essa, também, a exclamação temerosa do cativo tsalaliano ao dar com os objetos *brancos* de posse do Sr. Pym. Esse foi também o grito dos gigantescos pássaros *brancos*, de vôo rápido, que saiam da cortina *branca* de vapores do sul. Nada de *branco* se encontrava em Tsalal, e nada que o não fosse na viagem subsequente para as regiões além da ilha. Não é impossível que Tsalal, o nome da ilha dos abismos, venha a trair, após minucioso exame filológico, qualquer parentesco com os próprios abismos ou qualquer relação com os caracteres etíopes tão misteriosamente configurados por suas sinuosidades.

"*Gravei isso nas colinas e, minha vingança, na areia dentro da rocha.*"

[1] Navios baleeiros são usualmente providos de tanques de óleo; por que o *Gampus* não os tinha jamais pude verificar.

[2] O caso do brigue *Polly*, de Boston, vem tão a propósito aqui, e sua sorte, sobre muitos aspectos, se assemelha tão notavelmente à nossa, que não posso deixar de aludir a ele aqui. Esse navio, de cento e trinta toneladas, saiu de Boston com uma carga de madeira e de víveres, para Santa Cruz, a doze de dezembro de 1811, sob o comando do Capitão Casneau. Havia oito pessoas a bordo, sem contar o capitão, o piloto, quatro marinheiros e o cozinheiro, e mais um Sr. Hunt, com uma negra de sua propriedade. No dia quinze, depois de ter passado o banco de Georges, começou a fazer água em consequência duma rajada de vento de sudeste e, por fim, voltou-se de cima para baixo; mas, tendo os mastros caído ao mar, ele voltou à posição natural. Ficaram seus tripulantes nesta situação, sem fogo e com muito poucas provisões, durante o período de cento e noventa e um dias (de quinze de dezembro a vinte de junho), quando o Capitão Casneau e Samuel Badger, únicos sobreviventes, foram recolhidos do navio naufragado pelo *Fame*, de Hull, comandado pelo Capitão Featherstone, e com destino ao Rio de Janeiro. Quando os recolheram, achavam-se a vinte e oito graus de latitude e a treze graus de longitude ocidental, tendo derivado mais de duas mil milhas! A nove de julho o *Fame* encontrava o brigue *Dromeo*, do Capitão Perkins, que desembarcou os dois desventurados em Kennebeck. A narrativa de que extraímos estes pormenores acaba com estas palavras: "É muito natural perguntar agora como puderam eles flutuar a tão vasta distância, na parte mais frequentada do Atlântico, sem serem descobertos durante todo esse tempo. Mais de doze navios passaram perto deles, um dos quais chegou tão perto que eles podiam distintamente ver as pessoas que se achavam no convés e nos cordames olhando para eles; mas com inexprimível desaponto para aqueles homens famintos e enregelados, aquelas pessoas sufocaram os ditames da compaixão, içaram velas e cruelmente os abandonaram ao seu destino."

[3] Entre os navios que, em tempos vários, se disse terem-se encontrado com as Auroras, podem ser mencionados o barco *San Miguel*, em 1769; o barco *Aurora*, em 1774; o brigue *Pearl*, em 1779, e o navio *Dolores*, em 1790. Todos eles concordam em dar a latitude média de 53 graus sul.

[4] Os termos manhã e tarde, de que faço uso para evitar confusões em minha narrativa, tanto quanto possível, não devem, é claro, ser tomados em seu sentido natural. Durante longo tempo não tivemos absolutamente noite, sendo contínua a luz do dia. As datas são citadas de acordo com o tempo náutico e as direções indicadas pela bússola. Devo anotar também, neste ponto, que não posso, na primeira parte do que aqui se escreve, pretender estrita exatidão a respeito de datas, latitudes ou longitudes, por não ter mantido um diário regular depois do período de que trata essa primeira parte. Em muitas ocasiões dependi exclusivamente da memória.

[5] Esse dia tornou-se notável por observarmos, ao sul, vários rolos imensos de vapor cinzento a que já me referi.

[6] A greda era também preta; na verdade. Não vimos substância de cores vivas de qualquer espécie, na ilha.

[7] Por motivos evidentes, não posso pretender ser estritamente preciso nessas datas. São dadas, principalmente, tendo em vista esclarecimentos à narrativa, tais como se encontram em minhas notas a lápis.